

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM TEOLOGIA

ANDRÉ GUÍMEL CARVALHO SANTOS

**A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL E A CIBERTEOLOGIA:
DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS NATIVOS
DIGITAIS**

RECIFE
2019

ANDRÉ GUÍMEL CARVALHO SANTOS

**A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL E A CIBERTEOLOGIA:
DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS NATIVOS
DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Teologia da UNICAP como requisito parcial em cumprimento às exigências para a obtenção do mestrado em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira

RECIFE
2019

Agradeço a Deus pela inspiração, sabedoria e força, que somente Ele poderia me conceder. Agradeço a minha família, igreja e a meus amigos. Por fim, quero agradecer ao meu orientador, Dr. Pedro Rubens, por ser uma inspiração, tanto de conhecimento quanto de dedicação ao ensino.

Dedico a Francisco José dos Santos (meu pai) o presente trabalho: nunca esqueci o momento vivido, em 2003, quando seu nome não foi classificado em um programa de Mestrado. Naquela época, eu tinha apenas 13 anos, mas, lembro-me, até hoje, de seu rosto ao olhar a lista dos classificados.

Portanto, quero dedicar a você, meu pai, este trabalho que postula o título de mestre, pois é assim que o considero.

Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus... até no ciberespaço – (acréscimo nosso). At 20.24

RESUMO

O mundo passa por grandes transformações e em uma rapidez que pode causar espanto, mas, sobretudo, deve ser um apelo à missão e uma tarefa à teologia, sempre situada em contextos históricos desafiadores. Na busca de responder aos desafios da missão nos anos 1970, surgiu a Teologia da Missão Integral (TMI). Naquele momento histórico de teologias contextuais, era necessário voltar-se para a realidade latino-americana, e dentro de uma visão do ser humano em sua integralidade, para assim responder às demandas da missão no continente, sendo René Padilla um dos teólogos mais relevantes na elaboração dessa teologia e nosso interlocutor nesta pesquisa sobre o assunto. Nos últimos anos, porém, o contexto mudou radicalmente, interconectando o mundo, graças, sobretudo à cibernética: o mundo passou a ser uma aldeia global que fala a linguagem digital. No contexto atual, portanto, é impensável viver sem essas possibilidades de comunicação e fora do ambiente da rede. No desejo de contribuir para a atuação da TMI no ciberespaço, o presente trabalho pesquisou diversas obras que tratam da TMI, do ciberespaço e da ciberteologia, buscando assumir a perspectiva dos nativos digitais. Por sua vez, abordamos o tema do ciberespaço, sobretudo, dialogando com as contribuições de Pierre Lévy e os estudos da ciberteologia, nos apoiamos, basicamente, em Antônio Spadaro e Moises Sbardelloto. Ao longo da pesquisa, algumas questões foram norteadoras do percurso: Qual a relevância da TMI frente ao novo contexto? A TMI é capaz de enxergar o ciberespaço como lugar de missão? Quem são os habitantes principais do ciberespaço? Como relacionar TMI, ciberespaço e os nativos digitais? Enfim, levantamos uma questão fundamental: até que ponto o ciberespaço poderá ser considerado como um verdadeiro lugar teológico? De toda sorte, o novo contexto cibernético trouxe consigo grandes desafios à missão e à teologia, mas, certamente, também novas oportunidades, à condição de assumirmos a tarefa arriscada e indispensável de reinterpretar o cristianismo aqui e agora.

Palavras chaves: Teologia da Missão Integral; contexto; ciberteologia; ciberespaço; Nativos Digitais.

ABSTRACT

The world faces great transformations in a speed that may cause astonishment, but above all, it must be an appeal to the mission and a task for Theology as it was always placed in challenging historical contexts. In order to respond to the challenges of the mission in the 1970s, the Theology of Integral Mission (IMT) emerged. In that historical moment of contextual theologies, it was necessary to turn to the Latin American reality and within a vision of the human being in its entirety, in order to respond to the demands of the mission in the continent. René Padilla was one of the most relevant theologians in the elaboration of this theology and our speaker . In recent years, however, the context has changed radically, interconnecting the world, thanks in particular to cybernetics: the world has become a global village and speaking the digital language. In the present context, therefore, it is unthinkable to live without these possibilities of communication and outside the network environment. In the desire to contribute to the work of the TMI in cyberspace, the present work investigated several works that deal with TMI, cyberspace and cybertheology, seeking to take the perspective of the digital natives. On the other hand, we approach the theme of cyberspace, especially with the contributions of Pierre Lévy and the studies of cybertheology. We basically support Antônio Spadaro and Moises Sbardelloto. Throughout the research, some questions emerged that guided the course: What is the relevance of the IMT to the new context? Is the IMT capable of seeing cyberspace as a place of mission? Who are the main inhabitants of cyberspace? How to relate TMI, cyberspace and digital natives? Finally, there is a fundamental question: to what extent can cyberspace be considered a true theological place? In any case, the new cybernetic context brought with it great challenges to mission and theology, but certainly also new opportunities, if we were to take on the risky and indispensable task of reinterpreting Christianity here and now.

Key words: Integral Mission Theology; context; cybertheology; cyberspace; Digital Natives.

LISTA DE SIGLAS

AL	América Latina
CLADE	Congresso Latino-Americano de Evangelização
FTL	Fraternidade Teológica Latino-Americana
TMI	Teologia da Missão Integral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ENTENDIMENTO SOBRE TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL	12
1.1. O ponto de partida de um novo paradigma	12
1.2. Teologia contextual	13
1.2.1. Teologias do terceiro mundo	16
1.3. A Fraternidade Teológica Latino-Americana	20
1.4. Teologia da Missão Integral (TMI).....	25
1.4.1. Análise do fundamento da TMI.....	25
1.4.2. As marcas do evangelicalismo na TMI.....	26
1.4.3. Aprofundando a Missão Integral.....	28
1.4.4. Existe um método da TMI?.....	31
1.5. Embasamentos bíblicos	33
1.6. A questão da justiça	36
1.7. A relação de Jesus com os necessitados.....	37
1.8. Conclusão em transição.....	39
2. O CIBERESPAÇO COMO NOVO CONTEXTO: UM NOVO PARADIGMA TEOLÓGICO?	40
2.1. Ciberespaço: o novo contexto	43
2.1.1. Técnica, cultura e sociedade.....	43
2.1.2. O ambiente virtual	47
2.1.2.1. Um breve relato sobre o desenvolvimento da internet	47
2.1.3. Implicações socioculturais do ciberespaço.....	53
2.1.3.1. A rede e a modificação cultural	59
2.1.3.2. Redes móveis e <i>wi-fi</i>	61
2.2. Ciberteologia como resposta ao desafio	63
2.2.1. Ponto de partida	63

2.2.2. Potencialização das vontades por meio da tecnologia	65
2.2.3. A ciberteologia em definição	68
2.2.4. A lógica da rede	69
2.2.5. A compreensão teo-lógica da fé na linguagem da rede	70
2.3. Conclusão em transição	75
3. MISSÃO INTEGRAL E CIBERTEOLOGIA: UMA ABORDAGEM PARA OS NATIVOS DIGITAIS	76
3.1. Os nativos digitais	77
3.2. A TMI no contexto do ciberespaço	79
3.3. O ciberespaço como lugar de uma missão integral.....	82
3.4. Inculturação da fé e o desafio do ciberespaço	84
3.5. A inculturação da fé na cibercultura	88
3.6. Teologia da missão integral no ciberespaço	90
3.7. O ciberespaço seria um novo lugar teológico?.....	92
À GUIA DE CONCLUSÃO ABERTA.....	95
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

“‘Uma teologia que não fosse atual seria uma teologia falsa’, Ora, a atualidade de um discurso teológico verifica-se na medida em que ele ‘responde’ a uma questão pertinente ou correspondente a uma situação real”¹. A busca por uma teologia que corresponde a anseios hodiernos e a tentativa de transpor os ideais de Jesus Cristo a esta sociedade têm alargado a reflexão sobre o evangelho e seu contexto. Como a cultura e as estruturas sociais não são mais como antigamente, estáticas, e sim dinâmicas, as transformações são inevitáveis.

As tecnologias continuam por avançar, mudando as relações e ampliando as janelas da vida - observa-se a metamorfose das pessoas, das coisas e dos espaços. Então é de extrema importância uma profunda reflexão sobre as novas formas, lugares e o conteúdo para uma teologia relevante.

O pensar teológico, então, toma proporções cada vez mais desafiadoras em uma sociedade que passa por profundas transformações. A cada nova descoberta, criação, evolução do pensamento, o mundo está tomando novas formas e desafia o evangelho de Jesus Cristo em sua mensagem e nas experiências de conversão.

A missão evangélica cristã exige dos envolvidos uma nova postura de atuação sempre que a sociedade se molda a novos paradigmas. A postura deve sempre ter o mesmo ponto de partida, mas nem sempre será na mesma direção que foi a anterior. A centralidade da missão cristã está na pessoa de Jesus Cristo, e na perspectiva de levar à humanidade as boas-novas de Deus “até aos confins da terra”, que é realizada por meio de ações e palavras.

A Teologia da Missão Integral (TMI), não é uma teoria ou uma ação social para cuidar do ser humano apenas em suas necessidades físicas. Essa é uma teologia que se insere, conecta e se integra no estilo de vida daqueles que entendem qual a sua missão como seguidores de Cristo e sua relação com Deus, com o próximo e com as coisas criadas. Não é a busca de se viver um programa específico, adotando práticas apenas sociais ou até mesmo suprimindo somente as necessidades espirituais, mas se dispondo a cuidar do indivíduo em sua integralidade. É importante pensar no significado da integralidade da vida humana por se tratar de algo extremamente complexo. Assim, o ciberespaço surge como um

¹ OLIVEIRA, Pedro Rubens F. de. **O rosto plural da fé: Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer.** 2008. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

desafio - dentre todas as conexões existentes, abre-se um caminho para conectar os nativos digitais a Deus.

Em uma sociedade plural, repleta de informações, com novidades a cada segundo, e diversas incertezas econômicas, não se deve achar que já se esgotaram as formas de cumprir a missão. Em cada lugar, em cada ambiente, a cada passo do desenvolvimento e em cada pessoa, há uma nova forma de se fazer e pensar missão.

Todo este estudo parte da premissa de que a definição da missão é um processo contínuo de peneirar, testar, reformular e descartar. Isso significa que se deve entender a missão como uma atividade que transforma a realidade e, simultaneamente, que existe uma necessidade constante de a própria missão se transformar (BOSCH, 2002, p.609).

Entender as mudanças é primordial para saber cumprir o mandato evangelístico entre as nações. No entanto, essa tarefa cabe ao missionário que encontrará os meios pelos quais haverá eficácia no desempenho do seu trabalho. Não se pode esperar apenas dos teóricos a solução para dificuldades práticas do mundo real, pois os teóricos podem até ter ferramentas e conceitos para atuar na sociedade, mas a vida prática capacita o indivíduo para ter o conhecimento necessário para aplicar o “como fazer” e interpretar aquilo que faz sentido à sua vida e comunidade.

O nosso ponto de partida é René Padilla, uma das grandes referências da TMI além de estudos cada vez mais aprofundados na compreensão desse tema, como os trabalhos de Regina Sanches. O surgimento do ciberespaço trouxe um novo desafio e levantou questionamentos sobre a participação da TMI, considerando esse momento como sinal de uma mudança de paradigmas. Por isso, o público jovem, que tem participação massiva no ciberespaço, passou a ser a perspectiva de nossa pesquisa, já que pertence à minha missão atual específica na igreja. Existe a possibilidade de fazer teologia no ciberespaço? Como? Até que ponto o ciberespaço é um campo de missão e até mesmo um lugar teológico?

Nesse passo, a primeira parte começa com o estudo do que vem a ser a TMI, sua história, seus desdobramentos e a relação com a cultura; e, trataremos de mostrar como isso tem importância para o despertar de uma vida integral e de uma igreja ativa, relacional e contextualizada para a proclamação do evangelho de Jesus Cristo. A segunda parte trata de um tema não abordado pela TMI, mas que faz parte

da América Latina e do mundo inteiro agora: o ciberespaço. A questão do ciberespaço é um fenômeno de sociedade, com muitos impactos, o que buscamos mostrar em nosso estudo sobre a cibernética e a tarefa assumida pela ciberteologia. Por fim, levantamos a questão da importância de considerar os desafios à evangelização da primeira geração de nativos digitais, que corresponde, justamente, aos jovens que nasceram a partir da década de 80. Assim, teremos uma noção dos desafios a serem assumidos pelo cristianismo, pela igreja e pela teologia, em tempos de constantes transformações tecnológicas e em extrema rapidez. Importa, enfim, levantar a questão do lugar do ciberespaço na teologia, abraçando o ser humano em sua integralidade e assumindo a tarefa arriscada de reinterpretar o cristianismo como boa nova do Reino de Deus, aqui e agora.

1. ENTENDIMENTO SOBRE TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL

1.1. O ponto de partida de um novo paradigma

O momento pós-Segunda Guerra Mundial, levantou uma grande inquietação na cristandade de modo geral, fazendo repensar a missão cristã no mundo. A relação da igreja com as questões da sociedade foi colocada em cheque, principalmente quando se tratava de perceber o sofrimento da humanidade nesse contexto. Os teólogos assumiram o desafio de pensar Deus depois dos campos de concentração.

Nos primórdios da evangelização, as questões sociais tinham também o seu espaço, e muitos conseguiram realizar conquistas que terminaram por privilegiar a sociedade, mas tanto a organização social era diferente como os métodos de abordagem, inclusive de fazer teologia. Assim, sobretudo depois da consciência histórica, surge a sensibilidade e a tarefa de pensar uma teologia mais próxima da realidade vivida pelo povo e que se comunique de forma a criar um ambiente de relação, e não de imposição, como foi e ainda é o caso de muitas igrejas e teologias. Ao relatar a teologia de séculos atrás, que partia de si mesma ou alimentava-se com especulações, Bosch (2002, p. 20) afirma: “Ela [a teologia] é muitas vezes tida como irrelevante, especulativa e produto de instituições que vivem em uma torre de marfim.” Ou seja, enquanto a configuração do mundo está ligada a uma realidade, a teologia tradicional vigente havia sido criada nas torres de marfim, e não correspondiam às insatisfações.

Portanto, é da percepção sincera de um papel teológico relevante para a missão, dentro da sociedade, que surgem as Teologias do Terceiro Mundo, que, segundo Bosch (2002, p.20), são numerosas e diversas, a saber: “teologia da libertação, teologia negra, teologia contextual, teologia *minjung*, teologia africana, teologia asiática e outras semelhantes”². Nesse grupo de teologias do terceiro mundo, devemos acrescentar a Teologia da Missão Integral (TMI).

² Teologia da Libertação: alguns de seus principais teólogos são Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff; Teologia Negra: o principal teólogo é James H. Cone; Teologia Minjung: Yong Bock Kim é um dos principais teólogos; Teologia da Missão Integral: um dos principais teólogos é o equatoriano Rene Padilla.

Mas, nesse conceito de missão, o que se busca é desvincular a ideia de que só existe uma forma de cumprir o chamado missionário. É preciso considerar a missão cristã como sendo processual e histórica, que não foi realizada de uma só vez, mas a cada momento foi extremamente significativo para as pessoas da época e se relacionava de forma relevante com a cultura e os povos. A missão de Deus que se encarnou em Jesus Cristo aconteceu em um contexto histórico de uma época e transformou a realidade no cumprimento daquilo que já era dito pelos profetas, tornando-se paradigmática para todo ato cristão. A verdade de Deus se dá ao homem como verdade relacional e não por obrigatoriedade, imposição ou ameaças. Assim, podemos afirmar que Jesus se encarnou plenamente no contexto judaico de sua época, participou das festas, viveu em comunidade e cumpriu a sua missão de forma integral, proclamando a chegada do Reino de Deus a todos os homens. No exercício de sua missão integral, considerou questões locais, costumes da época e utilizou muitas figuras de conhecimento cultural. O ponto de partida para o cumprimento de uma missão é, portanto, ontem e hoje, o contexto histórico. Eis um elemento necessário para o aprofundamento e compreensão da tarefa e missão de toda teologia contextual.

1.2. Teologia contextual

O estudo teológico encontra-se sempre com o desafio de responder aos clamores atuais. A explicação do termo “teologia contextual”, como também os dados históricos dessa teologia serão de grande importância para o nosso estudo.

Para explicar o conceito sobre contextualização, Gibellini (2012, p.546) afirma: “O contexto remete ao texto e é uma expressão que *per se* deriva da epistemologia e da hermenêutica, mas aplicada às teologias contextuais vai além do aspecto literário e faz referência aos contextos socioeconômicos, cultural e religioso”.

A história da humanidade está marcada por momentos de tensão, lutas, guerras e até mesmo mortes por conta da interpretação de um texto sagrado. Existem aqueles que colocam a sua interpretação como a única verdade, e todos aqueles que diferem dessa interpretação serão rotulados de “hereges”. Bosch (2002, p.504) diz que: “Sob a influência do espírito grego, consideram-se as ideias e os princípios como anteriores e mais relevantes do que sua ‘aplicação’.” Assim, pouco

importavam os motivos pelos quais determinados líderes religiosos faziam tais afirmações - o mais importante era o cumprimento “cego” de determinada ideia ou princípio. Por muitos anos este papel de regulador e portador da verdade imutável foi realizado pela Igreja.

As mudanças acontecem a partir do Iluminismo, quando surge a ideia de uma luz (pensar) que nos faça refletir sobre nossas ações, estabelecendo uma práxis. Afirma Bosch (2002, p.504): “O advento do iluminismo trouxe um novo vigor a essa abordagem”, para que os conceitos pudessem ser lidos por meio do contexto de sua época.

Uma nova concepção surge onde o ponto de partida não estava mais naquilo que já era preestabelecido, ou nos princípios anteriores. O estudioso Bacon origina um método que tem como ponto de partida a observação. Assim, ao falar sobre esta nova abordagem afirma Bosch (2002, p.504): “Em círculos eclesiásticos e teológicos nos quais se adotou este método (...), credos e dogmas não mais eram julgados com base em sua conformidade à verdade eterna, mas em torno de sua utilidade”. As verdades estabelecidas e imutáveis começaram a dar lugar à reflexão e à relevância na vida prática. Com o passar do tempo, isso também levou ao surgimento dos denominados liberais.

Portanto, percebe-se a distância temporal entre o texto bíblico e o mundo moderno (cultura, ciência, conhecimento e transformações). As análises e aplicações do texto sagrado isoladamente, por si só, sem considerar o “novo” mundo existente, causa um distanciamento da realidade e da aplicação do evangelho em cada cultura. Assim, a busca por entender as intenções do autor do texto sagrado se intensificou.

Infatigavelmente, biblistas pesquisavam os antigos textos com o intuito de revelar a intenção do autor e, dessa forma, alinhar, por assim dizer, a leitura moderna na companhia imediata do autor original, para que ela pudesse ouvir o autor sem os obstáculos dos eventos da história intermediária. (BOSCH,2002, p.505).

Logo, Bosch (2002) apresenta Schleiermacher como sendo o primeiro a fazer a relação entre a teologia e as influências que ela sofria dependendo do seu contexto. Portanto, afirma Bosch (2002, p. 505): “Nunca houve uma mensagem ‘pura’, supra cultural, e supra histórica. Era impossível penetrar até um resíduo da fé cristã que já não fosse, em certo sentido, interpretação”. Toda mensagem passa

pela interpretação de seus ouvintes e, baseada em seus conhecimentos e experiências, pode influenciar e alterar a mensagem.

A tarefa de interpretação de um determinado texto não é simples e fácil como pensam alguns. Existem muitas variáveis que influenciam o escritor e também o intérprete, como por exemplo, a sua forma de percepção do mundo, significado de palavras, uso de gírias e significados históricos culturais. Encontrar a intenção do autor ao escrever cada palavra de um texto é um trabalho árduo e ainda assim interpretativo. Deste modo, afirma Bosch (2002, p. 506): “Interpretar um texto não é apenas um exercício literário; também é um exercício social, econômico e político. Todo o nosso contexto entra em jogo quando interpretamos um texto bíblico”. Corroborando ainda com o exposto acima:

Afirmamos que a Bíblia é um livro divino e humano ao mesmo tempo. É divina por ser palavra de Deus a nós, e humana porque não somente foi comunicada em linguagem humana, mas interpretada e ordenada com base na cultura humana. Sua transmissão se deu a partir de situações locais demarcadas por cultura, confrontos sociais, relações políticas, construção de saberes e outros aspectos da vida coletiva presentes no interior dos textos (SANCHES, 2016, p.79).

A teologia contextual, em contraponto com a teologia tradicional, propõe uma “ruptura epistemológica”, conforme diz Bosch. A teologia tradicional é apresentada como uma teologia das elites, que vem de “cima para baixo”, das torres de marfim para o povo. Entretanto, aquilo que se propõe como teologia contextual vem justamente de “baixo para cima”, daquilo que faz sentido para os menos favorecidos. A fonte principal da teologia contextual, além das escrituras e da tradição, afirma Bosch (2002, p.506): “são as ciências sociais e seu interlocutor mais importante é o pobre ou o culturalmente marginalizado”.

É imprescindível o uso das ciências sociais no discurso contextual, pois ali a realidade poderá ser percebida por meio de uma visão holística e histórica. Até mesmo em nossa assertividade da proclamação das boas-novas bíblicas, precisamos conhecer a situação da comunidade local, o passado e as influências estabelecidas. Com isto, a contextualização reflete um caminho de diálogo e transformações, tanto pessoais quanto sociais. O interlocutor é aquele mais afligido pelas condições sociais estabelecidas por estruturas de opressão, por isso a preferência pelo pobre e o culturalmente marginalizado, pois podem corresponder mais claramente sobre salvação e libertação na teologia contextual.

A contextualidade da teologia se tornou preocupação entre teólogos e teólogas a partir dos anos 60 do século passado. A teologia contextual procurava distinguir as características culturais, sociais, políticas, econômicas e religiosas de uma sociedade, uma classe, uma região, um “povo”, do qual a igreja era participante, e o quanto estas características se faziam representar na elaboração teológica (SANCHES, 2010, p. 66).

O texto bíblico não pode ficar preso ao passado, por isso, se faz necessária uma hermenêutica que diga algo ao contexto presente. Ao falar sobre uma hermenêutica contextual afirma Padilla (1984) que:

O problema básico da hermenêutica bíblica consiste em transpor a mensagem bíblica do seu contexto original para o contexto do locutor ou ouvinte moderno, a fim de produzir neste o mesmo tipo de impacto que essa mensagem quis produzir nos leitores e ouvintes originais. Outra maneira de expressá-lo seria dizer que hermenêutica é essencialmente a ciência e a arte de explicar dentro de uma situação histórica moderna a palavra de Deus originalmente explicada num meio-ambiente hebreu ou greco-romano, e no intuito de conseguir que a vida dos leitores ou ouvintes se conforme à vontade de Deus. Entendida nesses termos, a hermenêutica está fortemente ligada à situação do intérprete. Ela tem a ver com essa Palavra de Deus que somente pode ser compreendida e assimilada ou aceita na medida em que ela se torna “carne” numa situação histórica específica, com todas as suas formas culturais e todos os seus fatores políticos, sociais e econômicos concretos.

Portanto, ao entender a hermenêutica e sua ligação com o intérprete do texto sagrado, é ressaltada a relação entre o texto e seu contexto cultural para aplicação no contexto atual. Por fim, a teologia contextual busca distinguir as particularidades do ambiente para a elaboração de uma teologia que comunique diretamente àquela realidade. Assim, aproximando nosso trabalho da realidade da AL podemos adentrar ao assunto das teologias do terceiro mundo.

1.2.1. Teologias do terceiro mundo

A história da humanidade, com o passar do tempo, colocou nações em uma posição superior em relação umas com as outras. Aquilo que vem dos centros europeus ou dos Estados Unidos é considerado de primeiro mundo. Como o Brasil foi um país colonizado e dominado por pessoas vindas da Europa, de olhos claros que tinham uma cultura diferente, foram ensinados a olhar para aqueles estrangeiros sempre como superiores. Foi assim durante toda a história da colonização, e ainda hoje permanece, até mesmo na forma de fazer teologia.

É como um grito de libertação deste tipo de dominação que se iniciaram o trabalho e o pensamento de vários teólogos contra as fórmulas prontas repassadas pelas pessoas vindas desse chamado primeiro mundo. A própria ideia de que eles são de primeiro mundo já representa uma dominação sobre aqueles rotulados de segundo ou terceiro mundo.

A expressão “Terceiro Mundo” diz respeito a países subdesenvolvidos, sobre o que Gibellini (1998, p.447) afirma: “Foi usada pela primeira vez pelo demógrafo francês Alfred Sauvy em 1952”. Aponta que um ano antes Sauvy já escrevia sobre “três mundos e um planeta”, onde este Terceiro Mundo foi ignorado, rejeitado, explorado e desprezado por décadas, mas agora este “Terceiro Mundo quer ser algo” (GIBELLINI, 1998).

Para que se perceba a importância do tema exposto, é preciso iniciar o processo de descolonização. Portanto, afirma Gibellini (1998, p.447): “A expressão nasceu juntamente com o início do processo de descolonização, que, depois da Segunda Guerra Mundial, levou muitos países da África e da Ásia à independência política”. Não são os estrangeiros que sabem o que é melhor para os países colonizados, mas sim cada país, que tem a capacidade de definir a forma de governar, vivendo em suas culturas, sem que necessariamente sejam inferiores.

Pensar o processo de descolonização não é uma tarefa simples, pois exige muito esforço dos países “colonizados”, que ainda vislumbram e se deixam iludir pela ideia de que os europeus são superiores e exige ainda dos próprios europeus a capacidade de aceitar esta libertação e perceber a igualdade entre os povos.

O processo de descolonização, que levou à independência política que muito frequentemente se revelou apenas uma *flag independence*, uma independência de bandeira, se prolonga em um processo de libertação, que é a busca da própria identidade cultural e de uma nova ordem internacional, e que se estende também à América Latina, cujos países haviam conseguido a independência política na primeira metade do século XIX, mas continuavam praticamente a se considerar um prolongamento do continente europeu (GIBELLINI, 1998, p.448).

O aparecimento dessas teologias se deu em meados dos anos 1970 com o reconhecimento de uma associação criada para discutir teologicamente os problemas que afetam os menos favorecidos. Foi então estabelecida a Associação Ecumênica de Teólogos de Terceiro Mundo (SANCHES, 2009).

Sobre as chamadas Teologias do Terceiro Mundo, afirma Bosch (2002, p.517) que: “O rótulo Terceiro Mundo foi escolhido conscientemente; ele expressa a experiência daquelas que sentem que estão sendo tratadas como pessoas de terceira classe e exploradas pelos poderes do Primeiro e do Segundo mundos”.

Não há nada de inferior em pertencer à América do Sul, ser latino-americano, ser de cor negra ou indígena. Quem qualificou essas características como inferiores ou superiores? Assim, um ponto importante a ser percebido nas Teologias do Terceiro Mundo é que elas não querem se impor sobre as demais, mas querem um lugar e direito de cidadania. Essas diferenças deixam mais evidente a riqueza cultural e a valorização das novas formas de se perceber os contextos. A ruptura com o modelo colonizador fez com que Juan Luís Segundo designasse a “libertação da teologia” (BOSCH, 2002).

Explicando um pouco mais sobre o papel de Juan Luís Segundo na libertação da teologia:

Segundo dá ênfase à humanização da pessoa e da história como missão cristã, sobretudo pela preservação da liberdade humana. Segundo questiona, em seu método teológico, toda teoria e prática que, em nome de Deus, mantém o homem em estado de ineficácia histórica, desligado dos problemas e dos desafios da vida. Trata-se de libertar a própria teologia dos mecanismos que a ideologizam e a fazem justificadora da opressão da existência humana. Em sua conceituação de revelação como processo educativo, a fé também passa por uma reestruturação de significado, não mais sendo subserviente a dogmas petrificados, mas uma fé que é busca, que é aprender a aprender os meios para existir plenamente na história, humanizando-a (ARAGÃO, 2016, p.36).

As injustiças e opressões, presentes no contexto latino-americano, são problemas sociais que não podem ser encarados como normais, e muito menos justificados por uma resposta teológica de inércia, ou seja, alguns preferem colocar a culpa na existência do mal, ou no pecado e por isso se eximem da responsabilidade dada à humanidade de cuidar da terra. Alguns encaram os problemas e os aceitam por acreditarem que isto diz respeito à soberania divina, ou à maldade imbatível presente no mundo.

Portanto, o entendimento das “Teologias de Terceiro Mundo” passa pela ótica da liberdade como presente divino ao ser humano. Até mesmo nas palavras de Jesus no livro de João diz que *se o filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres*³.

³ João 8:36

Tanto Rubem Alves quanto Luís Segundo fazem entender que o problema que serve de pano de fundo para a questão da dominação e do empobrecimento dos nossos povos é complexo. É o egoísmo humano, movido pela lei do menor esforço em relação ao amor, que domina, escraviza e mata aos seus semelhantes. Devido a isso, o processo de libertação também não é algo simples. (SANCHES, 2009, p.24).

Diferentemente das teologias tradicionais, que estão mais preocupadas com as liturgias, leis apodícticas e a vida espiritual, aquilo que surge no Terceiro Mundo tem um olhar fixo nas questões de injustiça, problemas sociais, opressão e a relação disso com a crença religiosa (contexto). Entretanto, essa é a realidade da maioria das pessoas na América Latina, não é apenas uma questão de escolha dos temas, mas são temas reais que fazem parte do cotidiano e expressam a realidade. Neste aspecto, afirma Sanches (2009, p. 25): “A teologia do mundo dos mais pobres se ocupa muito mais em se situar perante os sistemas de organização social e os mecanismos que afetam a dignidade humana, bem como responder a eles por meio da fé”.

Assim, Gibellini (1998, p.453) conclui: “O Terceiro Mundo é um conceito complexo, mas tem um componente socioeconômico, geográfico e político, e também uma dimensão teológica: é o ‘fruto amargo da opressão’”. Todos estes componentes citados acima começam a aparecer na história e a forma de enfrentá-los se dá por meio do evangelho de Jesus Cristo, de processos de libertação, reflexão sobre a práxis, denúncia das injustiças e mudanças socioestruturais.

Portanto, as teologias do Terceiro Mundo são pensadas dentro do contexto de pobreza, exploração, submissão e tantas outras formas que oprimem e desvalorizam países assim classificados. Deste modo, os teólogos que vivem neste contexto buscam responder e dar sentido à vida de milhões de pessoas, mostrando que o Deus que as ama não está de acordo com essa forma de opressão social e que as igrejas neste contexto deveriam ser caminho de libertação do corpo e do espírito para a construção de uma sociedade mais igualitária e com condições de sobrevivência. Assim, o grupo de teólogos do Terceiro Mundo buscam relacionar suas vidas com a missão da igreja.

1.3. A Fraternidade Teológica Latino-Americana

Para melhor compreender o surgimento do termo “missão integral”, é preciso conhecer seu próprio contexto e o marco da consciência social evangélica no século XX. A questão de evangelização estava extremamente em voga nos meios evangélicos, principalmente com o evangelista e pastor norte-americano Billy Graham. No entanto, a realidade da missão estava ainda delimitada pelo envio de missionários a outros povos estrangeiros, estes, normalmente, considerados não civilizados e “pagãos”, justificando assim que fossem “colonizados” e evangelizados, segundo os modelos e costumes dos missionários advindos, principalmente, da América do Norte.

Um das questões a ser pensada é a falta de conhecimento que tinha um missionário vindo de outra América sobre as questões sociais e culturais pertencentes à região a ser evangelizada. E o que se tem, em relação ao Brasil, é que os costumes e as formas de fazer as coisas relacionadas ao sagrado são cópias fiéis daquilo que era feito na Europa e nos Estados Unidos, e isso perdura até hoje. Ou seja, não comunicava nada quanto à realidade da América Latina. Os problemas locais não eram levados em consideração – o missionário estrangeiro apenas implementava as liturgias e costumes de sua terra natal.

É necessário valorizar o que foi feito no passado por esses homens e mulheres vindo de outros países, mas sem deixar de perceber o que já havia da revelação de Deus aos homens que viviam nos continentes ainda não “descobertos” pelo homem europeu.

Talvez ainda seja desafiador conseguir se desligar da forma de fazer dos estrangeiros para começar a implementar uma missão totalmente pensada a partir da América Latina, e esta aplicação se daria em nível bíblico e contextual. Nas mais diversas formas de pensar o evangelho de Jesus Cristo, que é a encarnação de Deus para com os homens, é perceptível que isso acontece em uma cultura, em um momento histórico e se relaciona com as questões contextuais da sociedade.

Assim, inicia a busca por uma teologia prática que sinaliza uma total relação entre a mensagem cristã e o contexto social, pensando suas devidas implicações e transformações pertinentes. Quem sabe, por isso, a consciência social evangélica seja muito mais do que assistencialismo, e sim a busca por transformações de vida e de estruturas sociais.

Ao falar sobre o despertar da consciência social evangélica, Padilla (2014) afirma que se deram diversas conferências internacionais e interdenominacionais a partir da década de 60. Especificamente em 1969, em Bogotá, Colômbia houve o 1º Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE 1), que, apesar de não ter grandes efeitos práticos, aguçou o discurso sobre a missão social da igreja após a palestra de Samuel Escobar, intitulada “A responsabilidade social da Igreja”.

Tendo em vista o impacto que essa palestra causou no congresso, não é surpresa o fato de que a preocupação com a dimensão social da missão cristã ecoe na Declaração Evangélica de Bogotá nos seguintes termos: chegou a hora de nós, evangélicos, tomarmos consciência de nossas responsabilidades sociais. Para cumpri-las, o fundamento bíblico é a doutrina evangélica e o exemplo de Jesus Cristo levado até suas últimas consequências. Esse exemplo deve ser encarnado na crítica realidade latino-americana de subdesenvolvimento, injustiça, fome, violência e desespero (PADILLA,2014, p.18).

A tomada de consciência social não é uma descoberta, ela está mais ligada a um retorno às fontes evangélicas, tratando sobre a forma como o próprio Jesus fez e ensinou aos seus discípulos, em sua cultura e sociedade. A realidade latino-americana não pode ser desprezada pelos evangélicos nem pela teologia.

Um ano após o CLADE 1, no ano de 1970, deu-se a formação da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), em Cochabamba, Bolívia. Afirma Padilla (2014, p.18): “Desde seu nascimento, a FTL se constituiria em um lugar de encontro de pessoas que reconheciam a importância da reflexão teológica, não como um fim em si, mas em função da missão integral da Igreja”. A percepção de que a igreja tem uma missão não é o fato a ser discutido, isso era um ponto pacífico. Entretanto, frente à realidade externa, fora das quatro paredes da igreja, qual a sua função? A missão da igreja se resume em pregar?

É esta reflexão teológica que é responsável por fazer enxergar a realidade social, levantar argumentos teológicos e aplicar funções práticas para a igreja no contexto da América Latina. Por isso o grupo da FTL se utiliza dos conhecimentos teológicos, não como uma teologia distante e separada da realidade, mas se dispõe a pensar dentro de seu contexto.

No ano de 1972, em dezembro, uma consulta da FTL foi realizada em Lima no Peru com o tema: “O Reino de Deus e a América Latina”. Partindo da intensificação dos encontros da FTL, as produções teológicas começaram a definir

que o Reino de Deus, em Jesus, se fez presente e ainda está por vir, sendo este Reino de Deus a base da missão.

É então que, no ano de 1974, foi realizado o 1º Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Lausanne, Suíça. O tema deste congresso foi: “Que a terra escute sua voz”. Nesse congresso foi debatido abertamente sobre a responsabilidade social da igreja. Fruto desse encontro, e como resposta ao contexto, surge o Pacto de Lausanne, que trata de vários temas de credo comum aos evangélicos e deu um lugar especial ao tema responsabilidade social da igreja no seu quinto parágrafo.

Portanto, os encontros posteriores a Lausanne foram para dedicar tempo de estudos e reflexões sobre os temas advindos do pacto. Então afirma Padilla (2014, p.20): “Para este fim, o Comitê de Continuação do Congresso foi dividido em quatro subcomissões: intercessão, teologia, estratégia e comunicação”. O trabalho teológico foi coordenado por John Stott entre 1977 e 1982.

Um problema ainda existia após Lausanne. A responsabilidade social da igreja não era aceita por todos que participavam do Movimento Lausanne. Em junho de 1980, em Pattaya, na Tailândia, a Comissão de Lausanne para Evangelização realizou um encontro com o tema “Como vão ouvir?”, que tratava de estratégias para a evangelização dos povos não alcançados utilizando a comunicação apenas oral do evangelho (pregação). A divergência contida no pacto de Lausanne entre “a evangelização e a ação social e política são parte de nosso dever cristão”, no quinto parágrafo, e “na missão da igreja, que é a missão de serviço sacrificado, a evangelização ocupa o primeiro lugar”, no sexto parágrafo, foi a causa de alguns debates posteriores.

Conseqüentemente, os anos depois de Lausanne 1 foram de acalorada controvérsia entre aqueles que seguiam identificando a missão com a evangelização de maneira exclusiva, e aqueles que insistiam em afirmar que a missão também inclui o serviço e a ação social e política. (PADILLA, 2014, p. 23).

A FTL, em novembro de 1979, convoca o 2 Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE 2) com o tema: “Que a América Latina escute a voz de Deus”. Ao falar sobre o tema desse congresso, Padilla (2014, p.23): “um eco do lema do Congresso de Lausanne: ‘Que o mundo escute a voz de Deus’”. Lembrando tudo aquilo que havia surgido em Lausanne.

No ano de 1982, o Grupo de Trabalho Teológico do Comitê de Continuação de Lausanne fez uma convocação, tendo em vista aprofundar o tema da responsabilidade social e da evangelização liderado por John Stott. Este encontro foi realizado nos Estados Unidos, em Grand Rapids, Michigan. Assim tratando sobre o tema:

O documento emitido pela Consulta de Grand Rapids reflete o ingente esforço de John Stott para harmonizar os parágrafos 5 e 6 do Pacto de Lausanne. Com esse fim, foi definida a relação entre a evangelização e a ação social a partir de muitos ângulos. Em primeiro lugar, a ação social cristã é uma consequência da evangelização, já que os que a realizam são cristãos. Com efeito, devem realizá-la levando em conta que somos salvos para as 'boas obras', o que faz da ação social não só uma consequência mas também um dos objetivos da evangelização. Em segundo lugar, a ação social é uma ponte para a evangelização, visto que expressa o amor de Deus e, assim, elimina os preconceitos e abre as portas para a proclamação do evangelho. Em terceiro lugar, a ação social é um companheiro da evangelização e se une a ela na missão como um cônjuge com o outro no casamento, como uma lâmina com a outra numa tesoura, como uma asa com a outra num avião ou num pássaro (PADILLA, 2014, p.24).

Como foi exposto no Pacto de Lausanne, o trecho acima reflete o mesmo intento de que a evangelização está em primeiro lugar, pois coloca a ação social como sendo uma consequência. Depois os coloca como interligados e por fim ressalta a importância de ambos como em um casamento. E assim, Padilla (2014, p.26) conclui que: "... a Consulta de Grand Rapids não alcançou totalmente seu objetivo de superar o individualismo entre a evangelização e a responsabilidade social".

Na República Dominicana, Jarabacoa, em maio de 1983, a FTL retoma o que havia ficado pendente na Consulta de Grand Rapids. Entretanto foi a partir de 20 de junho, em um congresso com apoio da Aliança Evangélica Mundial na cidade de Wheaton, Illinois, que surgiu um documento intitulado: *Transformation: The church in response to human needs*. Para Padilla (2014) foi o documento mais sólido do compromisso da missão integral, pois tinha como base bíblica a ideia do Reino de Deus e era esta a meta de transformação. Sobre o documento afirma Padilla (2014, p.29): "A declaração de Wheaton 1983 é toda uma conquista como síntese da base da missão integral e das perguntas mais significativas que podem ser feitas em relação à Igreja como agente de Deus para a transformação integral".

Apesar de todos os esforços da FTL, existem evangélicos que nem mesmo consideram a ação social e a denúncia para a transformação das estruturas como

sendo papel profético da igreja. Dessa forma, ainda faz-se necessário ainda um esforço de debates teológicos para que a percepção da missão integral da igreja esteja na mente de todos.

Em julho de 1989 aconteceu o 2º Congresso Internacional de Evangelização Mundial, conhecido como Lausanne 2, em Manila, Ilhas Filipinas. A intenção que foi colocada no Manifesto de Manila era dizer que a evangelização ocupa o primeiro lugar, apesar de ter alguns pontos sobre o compromisso sociopolítico. Porém, os relatórios mostram que a Missão Integral se fazia presente através da constante preocupação social. (PADILLA, 2014).

Apesar da tentativa de alguns de separar a evangelização da ação social, esse assunto já estava presente em diversos debates, congressos e na perspectiva de muitos teólogos. A FTL tem um papel importantíssimo nesta caminhada de mudança de paradigma. Afirma Padilla (2014, p.31): “Durante a década de 90, a visão da missão integral que criou raízes na América Latina principalmente por meio da FTL cresceu admiravelmente em outras regiões do mundo”.

No ano de 1999 surge a Rede Miqueias, como um movimento global, fruto da FTL, que remonta tudo aquilo que tem a ver com a missão contextual do evangelho de Jesus Cristo. Falando sobre a Rede Miqueias:

Em certo sentido a Rede Miqueias é a culminância do longo processo de renovação da consciência social evangélica que remonta à década de 60, um processo pelo qual cristãos do mundo das grandes majorias, especialmente da América Latina, desempenham e continuam desempenhando um papel-chave. Nosso panorama histórico das conferências evangélicas internacionais sobre a missão da igreja realizadas desde os anos 60 mostra que, apesar dos retrocessos, devidos em grande parte a pressupostos derivados da modernidade no Ocidente, a aproximação da missão integral ganhou terreno ao redor do mundo. Ao unir a convocatória do Novo Testamento a “fazer discípulos” (Mt 28.19) com o chamado do Antigo Testamento a “que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8), a Rede Miqueias é um sinal de esperança do paradigma missionário que está emergindo no mundo atual, especialmente entre as grandes majorias da população (PADILLA, 2014, p.31).

Recentemente, na cidade do Cabo, África do Sul, no ano de 2010, aconteceu outro encontro para tratar de temas sobre a atuação da igreja no mundo por diversas perspectivas, para o avanço da evangelização mundial. O encontro reuniu cerca de 4200 líderes evangélicos de 198 países e outros puderam assistir através da

internet. O mais importante nesse encontro foi o Compromisso de Cidade do Cabo (PADILLA, 2014, p.35).

Indubitavelmente, é uma rota que reflete, pela primeira vez como resultado de um congresso internacional organizado pelo Movimento de Lausanne, a intenção de que a igreja ao redor do mundo coloque no centro de sua vida e sua missão tanto a teologia como a prática da missão integral. Se as igrejas seguirem essa rota, a prioridade não será uma evangelização que se reduz a salvar almas e a plantar igrejas mediante a comunicação oral do evangelho, mas sim uma evangelização encarnada na realidade que buscará maneiras de responder aos grandes desafios missionários contemporâneos. (PADILLA, 2014, p.35).

Em meio aos processos de desenvolvimento histórico da TMI e as mudanças que ocorrem, percebe-se o surgimento de mais teólogos interessados por estudar e contribuir com o desenvolvimento teórico para a aplicação na missão da igreja.

1.4. Teologia da Missão Integral (TMI)

1.4.1. Análise do fundamento da TMI

É necessário entender a ideia de missão integral, partindo daquilo que se tem como pano de fundo para essa terminologia, segundo o uso feito por diversos teólogos protestantes. A maturação desse entendimento vai fazer com que possamos compreender as bases que sustentam essa teologia. Pretende-se aprofundar ainda mais nas origens da TMI, para que se tenha uma visão ampla e precisa daquilo que se entende sobre a teologia desenvolvida em solo latino-americano.

Sobretudo, a TMI está alicerçada sobre o fundamento, que Sanches (2009, p.132) aponta como: "A primazia da palavra de Deus". Logo, o correto entendimento sobre a finalidade da palavra de Deus possibilita entendê-la como o principal meio de se conhecer a Jesus Cristo e ser alcançado pela graça. Nesse sentido Sanches (2009, p. 132): "É certo que a Palavra não possui um fim nela mesma, mas no sentido que anuncia Jesus Cristo. Ele é o alvo prioritário da fé e o conhecimento de Deus que se incorporou à realidade humana por meio da encarnação".

O reconhecimento da autoridade das Escrituras Sagradas dão a ela essa condição de primazia no fazer teológico. Com isso, afirma Sanches (2009, p.133): "Ela é a Palavra de Deus que é apreendida pela fé. É justamente a condição de

Palavra de Deus que é geradora da teologia, o que torna a fé realmente requisito essencial para o labor teológico".

Assim, como uma teologia protestante, a TMI tem por fundamento a Bíblia Sagrada, mas não apenas como um livro de conceitos, mas uma mensagem transformadora da realidade, que resulta em ações práticas.

1.4.2. As marcas do evangelicalismo na TMI

Tratando sobre a origem histórica da TMI, Sanches (2009, p.61) diz: “A Teologia da Missão Integral é filha do evangelicalismo latino-americano...”. Esse movimento foi de grande importância histórica e é imperativo para que se possa entender a teologia da missão.

No evangelicalismo pode-se perceber um primeiro passo daquilo que se mostrará como TMI. Ao estruturar o início histórico *evangelical*, podem-se encontrar avivamentos no sentido da responsabilidade social:

Os historiadores distinguem entre o Grande Despertar [Great Awakening], uma série de avivamentos [*revivals*] ocorridos nas colônias americanas, entre 1726 e 1760, e um segundo movimento, que se prolongou, aproximadamente, de 1787 a 1825, e que se chamou, na Inglaterra, de Reavivamento Evangélico [*Evangelical Revival*]. Nos Estados Unidos, porém, ficou conhecido como o Segundo Grande Despertar [*Second Great Awakening*]. Cada um desses movimentos exerceu uma profunda influência na missão (BOSCH, 2002, p.337).

Neste primeiro grande Despertar, Bosch (2002) aponta Jonathan Edwards como uma das principais figuras desta época. Enquanto a ortodoxia enfatizava os critérios objetivos de Deus e da Bíblia, e os pietistas e separatistas buscavam “critério subjetivo da experiência espiritual pessoal”, Edwards e o Despertar unia estes dois critérios. Portanto, afirma Bosch (2002, p. 338): “sabiam que a Escritura sem a experiência era vazia, e a experiência sem a Escritura, cega”.

Esta era a perspectiva na América Latina – os missionários chegam ao Brasil a partir da década de 1840, e todos com este termo “evangélico”. Diversas denominações começam a fazer missões transculturais (BONINO, 2003). As denominações são nomes das igrejas que, por influência do protestantismo, não pretendem ser a igreja do Estado nem ser a única igreja, por isso recebem nomes diferentes e tem algumas particularidades em seus credos.

É notável perceber que, não obstante sua diversidade confessional - metodistas, presbiterianos e batistas em sua maioria - e de origem - americana e britânica -, todos compartilham um mesmo horizonte teológico, que se pode caracterizar com o termo evangélico - utilizado aqui em sua acepção anglo-saxã! -, que Marsden define muito bem dizendo que os evangélicos são "pessoas que professam uma total confiança na Bíblia e se preocupam com a mensagem da salvação que Deus oferece aos pecadores por meio da morte de Jesus Cristo", e acrescentando: "Os evangélicos estavam convictos de que a aceitação sincera dessa mensagem do 'evangelho' era a chave para a virtude durante a vida presente e para a vida eterna no céu e que sua rejeição significava seguir o caminho largo que termina nas torturas do inferno" (BONINO, 2003, p.31).

A chegada desses missionários estrangeiros era para o anúncio convicto da mensagem do evangelho como virtude nesta vida e após a morte. Entretanto, no ano de 1850 surge um segundo despertar no campo da evangelização, cujos importantes nomes que Bonino (2003) elenca como sendo Lyman Beecher, Timothy Dwight e Charles Finney. Uma cruzada evangelizadora e missionária de Moody, cujas características próprias seriam o despertar religioso e a reforma social:

O despertar religioso e a reforma social (*revival and reform*) são vistos como estreitamente aliados: os evangelistas da década de 1850 assumem, junto com a causa da moralização da sociedade, a da abolição da escravidão e a do combate à pobreza (BONINO, 2003, p. 32).

O teólogo Cavalcanti (1998), em entrevista ao site ULTIMATO, diz que todo este movimento evangelical se deu na Igreja Anglicana no século XVIII. Em seus primeiros passos, Cavalcanti (1998) afirma:

O evangelicalismo inglês, nos seus primórdios, foi marcado pelo compromisso com a Bíblia como Palavra de Deus, a confessionalidade credal, a disciplina pessoal, a piedade, o amor aos necessitados, o zelo evangelístico e a denúncia contra a decadência de costumes.

A influência exercida por este movimento foi e ainda é de grande expressividade. Tanto que Cavalcanti (1998) diz que:

No século XIX, primeiro na Grã-Bretanha, depois na América do Norte, e, finalmente, no mundo inteiro, a partir do anglicanismo, o evangelicalismo se espalhou por praticamente todas as denominações reformadas, em muitas se tornando hegemônico e, em algumas, exclusivo.

Ser evangelical não é sinônimo de teologia da missão integral, mas percebemos uma linha de pensamento muito próxima uma da outra, que não pode ser ignorada. Este termo evangelical chegou a ter força entre os teólogos envolvidos

na TMI e em boa parte da América Latina, mas não teve aceitação entre os crentes. Por fim, apesar da não aceitação, o evangelicalismo continua a perpassar as bases da teologia da missão integral.

1.4.3. Aprofundando a Missão Integral

Ao que se percebe de toda a teologia advinda de movimentos a partir dos quais se cria um rótulo, a TMI parte de uma interpretação bíblica de diversos textos. Toda a base dessa teologia é retirada da Bíblia como sendo a verdade e revelação de Deus aos homens. Assim, Gouvêa (2015, p. 32) diz: “A chamada ‘teologia da missão integral’ é uma teologia bíblica do evangelho”. O sentido de cumprir integralmente aquilo que as Escrituras dizem. Esse autor propõe que vejam essa missão como o “cumprimento do Mandato Sociocultural do Gênesis” baseado no texto de Gênesis 1: 28 – 2: 3. Após isto, indica que se faça um paralelo entre o texto de Gênesis e Mateus 28.

Um dos grandes nomes nessa teologia é René Padilla, que participou diretamente do 1º Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Lausanne. Padilla (2014) afirma que foi neste primeiro encontro que se conseguiu dar um passo no pensamento de que responsabilidade social e política é também um aspecto essencial da missão da igreja. O passo ao qual Padilla se refere, é a possibilidade de esse tema entrar nos meios de discussão ao se tratar da evangelização dos povos. Assim, nesse congresso é elaborado o Pacto de Lausanne. Assim diz o 5º parágrafo do Pacto de Lausanne:

Afirmamos que Deus é tanto o Criador como o juiz de todos os homens. Portanto, devemos compartilhar sua preocupação com a justiça, a reconciliação em toda a sociedade humana e com a libertação dos homens de todo o tipo de opressão. A humanidade foi feita à imagem e semelhança de Deus; conseqüentemente, toda pessoa, seja qual for sua raça, religião, cor, cultura, classe, sexo ou idade, tem uma dignidade intrínseca pela qual deve ser respeitada e servida, não explorada. Expressamos, além disso, nosso arrependimento tanto por negligência como por ter concebido às vezes a evangelização e a preocupação com o social como coisas que se excluem mutuamente. Ainda que a reconciliação do homem não seja a mesma que a reconciliação com Deus, nem o compromisso social seja o mesmo que a evangelização, nem a libertação política seja o mesmo que a salvação; não obstante, afirmamos que a evangelização e a ação social e a política são parte do nosso dever como cristão. Uma e outra são expressões necessárias de nossa doutrina de Deus e do homem, de nosso amor ao próximo e nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem de salvação encerra também a mensagem de juízo de toda forma de

alienação, opressão e discriminação, e não devemos temer denunciar o mal e a injustiça onde quer que eles estejam. Quando as pessoas recebem a Cristo, nascem de novo em seu reino e devem não apenas manifestar, mas também difundir a justiça deste reino em meio a um mundo injusto. Se a salvação que dizemos ter não nos transforma na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais, não é a salvação de Deus. A fé sem obras é morta.

É em relação a esse texto que Padilla (2014, p. 16) diz que foi estabelecido o pensamento sobre questões fundamentais da igreja para sua vida e missão. É a partir do texto acima que podemos perceber uma visão de igreja voltada não apenas ao mundo celestial ou vindouro (sentido espiritual), mas agora pretendem estabelecer uma igreja atuante no mundo tenebroso. Essa igreja atuante é formada por pessoas que foram transformadas por Deus por meio de Jesus Cristo e que tem a sua fé confirmada por meio das obras. Pessoas que têm um encontro verdadeiro com Cristo não devem negligenciar as condições sociais em que outros seres humanos sobrevivem. É essa uma das bases que impulsionam a TMI.

É relevante pensar sobre a perspectiva histórica, pois os pontos apresentados pela TMI não são tão inovadores quanto parecem. Ao longo da história houve movimentos que mudaram a forma como a igreja se relaciona com a sociedade. Padilla (2014, p.17) relaciona os avivamentos do século XVIII, Wesley e Whitefield, como causadores de grandes impactos nas estruturas sociais e ainda remonta a ideia de que o cristianismo nos Estados Unidos da América levou a várias conquistas sociais, tendo como exemplo a abolição da escravatura, reformas trabalhistas e obras filantrópicas (movimento dos evangelicais).

O Pacto de Lausanne é, sem dúvida, uma das cartilhas mais utilizadas neste meio e para ratificar a missão na AL:

Certamente, o pacto afirmava que 'na missão da igreja, que é missão de serviço sacrificado, a evangelização ocupa o primeiro lugar' (seção 6). Por outro lado, reconhecia também que os cristãos devem compartilhar a preocupação de Deus 'pela justiça e pela reconciliação em toda a sociedade humana e pela libertação dos homens de todo o tipo de opressão;' que 'a mensagem de salvação encerra também a mensagem de juízo de toda a forma de alienação, opressão e discriminação' (PADILLA, 2014, p. 20).

Este movimento de missão integral, como já exposto, surge na Fraternidade Teológica Latino Americana (FTL). Em princípio, surge como tentativa de resposta a um contexto emergente, pobre, e que em sua grande parte é explorado por sistemas sociais de opressão. No mundo subdesenvolvido, o que falta não é a riqueza, nem

recursos naturais, mas uma libertação de mentalidade daqueles que foram colonizados e sempre tratados como inferiores. A missão integral, portanto, busca responder a essa totalidade da vida humana em sociedade que por muitos anos foi silenciada ou até mesmo aceita pelas igrejas. Ao falar sobre o surgimento da Missão Integral, Sanches (2016, p.18) afirma: “Surgiu dos esforços de reflexão sobre as missões modernas protestantes, na forma como elas se configuraram na América Latina e regiões mais pobres do mundo”.

Em contraponto à forma de entender missão da igreja, estabelece-se o termo missão integral. Nesse sentido, afirma Padilla (2009, p.15): “Ela foi, na realidade, uma tentativa de destacar a importância de conceber a missão da igreja dentro de um marco de referência teológico mais bíblico que o ‘tradicional’...”.

O modelo tradicional de missão, apontado por Padilla (2009) é apenas transcultural e basicamente acontece no envio de missionários a outros lugares com um plano pronto de evangelho e cultura. Assim, o trabalho dos missionários se reduzia somente em pregar, ensinar a liturgia e o *modus operandi* de sua própria cultura. É por meio da percepção de que a missão tradicional tem as suas deficiências, que Padilla (2009, p.17) afirma: “A partir da perspectiva da missão integral, a missão transcultural por si só não engloba o sentido total da missão da igreja”.

A integralidade da missão não está apenas em perceber que existem mais fatores que envolvem a missão, está também no entendimento de que todos se percebam como sendo missionários. Não é obrigação ou privilégio apenas de um grupo da igreja.

A missão não é responsabilidade e privilégio de um pequeno grupo de fiéis que se sentem chamados ao campo missionário (geralmente no exterior), mas sim de todos os membros, já que todos são membros do sacerdócio real e, como tais, foram chamados por Deus (...) (PADILLA, 2009, p.18).

Percebe-se a profundidade do tema exposto e a clareza em relacionar a vida com a missão, contribuindo na missão que Deus está realizando no mundo e a relação de tudo isso com a soberania de Jesus Cristo sobre todo cosmos.

Assim, Padilla (2009) chega a afirmar que a missão é a parteira da teologia, pois para ele a fé deve se articular para que responda aos desafios e as perguntas que surgem no mundo contemporâneo.

Se a missão tem a ver com a manifestação do reino de Deus no mundo por meio da sua palavra e da ação da igreja para a glória do trino Deus, a teologia é a reflexão que quer colocar tal palavra e tal ação em consonância com o evangelho em cada situação específica (PADILLA, 2009, p.27).

É importante ressaltar aquilo que coloca a TMI em lugar de destaque e a diferencia dos demais enfoques de missão. Portanto, buscando diferenciar o enfoque que chamam de “individualista e subjetivista”, com o enfoque “secularista” e o enfoque proposto pela TMI:

Nosso enfoque de missão depende do nosso enfoque do evangelho: (a) o enfoque individualista e subjetivista limitou-se à pregação do evangelho com vistas a ‘salvar almas’; (b) o enfoque secularista limitou-se à ação com vistas a obter mudanças sócio-político-econômicas na sociedade; (c) a missão integral entende a missão à luz do Reino de Deus: palavra e ação relacionadas com o propósito salvífico universal de Deus (PADILLA e PINO, 1998, p.65).

Logo, ao que propõe a TMI percebe-se que o ponto de partida é o Reino de Deus, ou seja, lugar onde o governo de Deus se estabelece. A igreja como sendo a portadora dessa mensagem, mas que não fica só em pregações, pois o reinado de Deus começa na vida de cada um e se faz real por meio da práxis de cada cristão. Dessa forma, aquilo que é o governo de Deus, representado em Cristo, estabelece-se na igreja e na sociedade por meio dos filhos de Deus, que são sal e luz para o mundo. As injustiças, as mentiras, a degradação, a negação de direitos da dignidade humana, e toda forma de opressão devem ser combatidas e colocadas frente aos padrões do Reino de Deus. De modo que o evangelho, que é boas-novas, se fará real mediante ações transformadoras.

1.4.4. Existe um método da TMI?

É pertinente pensar sobre uma metodologia para a teologia da missão integral e buscar aquilo que lhe caracteriza como tal. Entretanto, afirma Sanches (2009, p. 108): “... não há na literatura da Teologia da Missão Integral um tratamento sistemático do método que ela utiliza”.

Logo, Sanches (2009) não pretende criar o método da TMI nem mesmo confirmar a existência de tal método, somente apontar caminhos para que estudos futuros cheguem à elaboração deste método. Portanto, é clara a ideia de que não há um método sistematizado que se possa apresentar como sendo o método fundamental da TMI.

Em uma entrevista ao site Portal Ultimato, perguntado sobre o método científico da TMI, afirma Padilla (2014):

Mais que ciência com “um método científico definido”, a TMI é um diálogo entre a revelação de Deus e a vida humana em suas múltiplas facetas. Para uma compreensão mais elaborada de tais facetas da vida humana, as ciências humanas (por exemplo, a antropologia, a sociologia, a economia e a política) são de grande ajuda. Por esta razão, a TMI se esforça para conseguir que o diálogo com a revelação seja um diálogo interdisciplinar.

Entretanto, existem algumas características que podem ajudar a elucidar o estudo sobre o método. Uma das características metodológicas seria a contextualização da teologia, que no Terceiro Mundo faria grande diferença para uma abordagem cristã.

Uma fotocópia de alguma teologia elaborada na Europa ou na América do Norte jamais poderá satisfazer as necessidades teológicas da igreja no Terceiro Mundo. Agora que a igreja se transformou numa comunidade mundial, chegou o momento de que a universalidade do evangelho se manifeste em termos de uma teologia que não esteja atada a nenhuma cultura em particular, mas que mostre a multiforme sabedoria de Deus (PADILLA, 2014, p.137).

Certamente, frente a todas as múltiplas formas de demanda, por meio da sabedoria de Deus, o cristão encontra meios de cumprir integralmente sua missão. Neste sentido, Sanches (2009) consegue elencar pontos conceituais que para ela são fundamentais na TMI, afirmando: “contextualização, integralidade e missão”. E ainda pontos teológicos fundamentais: “Palavra de Deus, fé, Reino de Deus”.

Ela se faz a partir de um círculo hermenêutico, que contempla o contexto: a realidade sócio-histórica da América Latina e a situação eclesial-cultural do evangelicalismo latino-americano e sua necessidade de transformação em função da vida; no outro eixo a Palavra de Deus, que também deve ser lida contextualmente em vista da vida e da vontade de Deus para ela no mundo. Contexto e palavra pedem para ser lidos de modo integral, a fim de que gerem uma missão também integral (SANCHES, 2009, p. 112).

Entretanto, dizer que a TMI se faz a partir de um círculo hermenêutico não significa afastar-se do dogma ou tradição nem mesmo das Escrituras.

Portanto, adotar um modelo hermenêutico em teologia não significa que não há mais dogma, mas é tomar como ponto de partida um texto. Quem diz hermenêutica não diz simplesmente a compreensão em geral, mas o tipo de compreensão que está engajado na leitura dos textos, quer se trate da Escritura ou das releituras dessas Escrituras na tradição (GEFFRÉ, 2004, p.35).

Existem elementos que podem apontar caminhos para o *modus operandi* da TMI. Segundo afirma Sanches (2009, p.108): "...nos deu a entender que o modo da TMI se fazer têm sido forjado pelo próprio contexto, e suas demandas históricas, eclesiais e sociais". Os teólogos que estudam e se aprofundam na TMI terão o desafio de apontar soluções para a questão metodológica, não sendo essa a intenção desse estudo.

Relacionar o contexto local com a palavra de Deus tem sido a questão-chave para a TMI, permitindo uma abertura de diálogo e apresentando uma vasta gama de soluções teleológicas para a missão cristã.

1.5. Embasamentos bíblicos

A teologia da missão integral é baseada principalmente nas palavras de Jesus Cristo nas Sagradas Escrituras, como sendo palavra de Deus. Muito do que se tem lido, aprendido e entendido das palavras de Jesus, no Evangelho, servem como subsídio para que a TMI seja compreendida.

O princípio protestante de *Sola Scriptura* (Somente as Escrituras) também acompanha a TMI em todo o seu processo. Toda a primazia é dada às Escrituras, mas é necessário entender o conceito de primazia para a TMI:

Quando tratamos da primazia das Escrituras no fazer teológico, devemos perguntar à qual primazia nos referimos: se aquela dogmática, que nesse caso seria mais uma primazia do dogma, da doutrina e da interpretação do clero no fazer teológico; ou da palavra de Deus conforme apreendida por seu povo na iluminação graciosa do Espírito Santo (SANCHES, 2016, p. 93).

Para que não tenhamos uma visão distorcida do evangelho, precisamos levantar a questão e buscar uma resposta. Assim, o que é o Evangelho? Segundo Padilla (2014, p.43): "O evangelho de Jesus Cristo é uma mensagem pessoal: revela um Deus que chama cada um dos seus pelo nome. Mas é ao mesmo tempo uma mensagem cósmica: revela um Deus cujo propósito abarca o mundo inteiro". Portanto, Jesus em sua oração sacerdotal⁴, rogando por seus discípulos, levanta um paradoxo sobre a permanência dos seus discípulos no mundo, assim coloca: "estar no mundo, mas não ser do mundo" (PADILLA, 2016, p.44).

⁴ Cf. João 17. 11–16.

Dessa forma, Padilla (2016) argumenta que uma simples observação do termo mundo (*kosmos*)⁵ já seria suficiente para comprovar a dimensão cósmica do evangelho. Portanto, a identificação do que vem a ser o mundo no NT ajuda a esclarecer o assunto:

O mais distintivo do enfoque neotestamentário do universo é sua ênfase cristológica. O mundo foi criado por Deus por meio do logos (Jo 1.10), e fora do Logos nada do que tem sido feito se fez (Jo 1.3). O Cristo é proclamado pelo evangelho como o agente da redenção é também o agente da criação de Deus. E é simultaneamente a meta para a qual se dirige todo o universo (Cl 1.16) e o princípio de coerência de toda a realidade, tanto material como espiritual (Cl 1.17) (PADILLA, 2016, p. 45).

Todas as coisas foram criadas por Deus e para Ele retornarão, por isso o cristão não pode ser pessimista quanto ao fim de todas as coisas. Em tempo oportuno, o próprio Deus colocará todas as coisas sob o mando de Jesus Cristo⁶ (PADILLA, 2016).

Partindo da visão bíblica do Novo Testamento, Grellert (1990) assinala alguns pontos que devem embasar um evangelho integral:

Segundo o Novo Testamento, 1. Cristo é o modelo e inspiração para a vida das boas obras; 2. As boas obras são um dos alvos fundamentais da vida cristã (Tito 2:11-14; 3.1, 8, 14; Hb 10:24; Ef. 2:10); 3. A salvação do homem é pela graça, através da fé, e não pelas obras meritórias (Rm 3: 21 -31; Gl 2: 16 – 21; Ef 2: 8 - 10); 4. Mas as obras são consequência inevitável da salvação (2 Cor 9:8; Ef 2:10; Col 1:10); 5. Por isso, a fé sem obras é questionável (Tg 2: 14, 17, 26); 6. Como no Novo Testamento a fé e as obras são inseparáveis, há textos que falam claramente que seremos julgados pelas nossas obras (Mt 25: 31 – 46; 1 Pd 1:17; Ap 20: 12, 13); 7. Deus conhece nossas obras, quer pessoais, quer eclesíásticas (Ap 2: 2, 19, 3: 1, 15); 8. Existe um valor eterno nas obras (galardão?), conquanto elas façam parte de nossa identidade cristã (Ap 14:13); 9. A vida de boas obras é um desafio específico do ministério cristão (2 Tm 3: 16,17; Tito 3:8); 10. Dois grupos específicos recebem o desafio particular para viverem as boas obras: a) as mulheres (1 Tm. 2:9,10; 5: 9,10) e b) Os ricos (1 Tm 6: 17 – 19). (GRELLERT, 1990, p.31).

É desse modo que o autor demonstra que esses pontos fazem parte de uma vida cristã saudável e autêntica. Ao ler os textos apresentados pelo autor podemos perceber que existe muito base bíblica teórica para um evangelho dedicado a atuar diretamente na sociedade. Vemos que ao longo dos anos, os cristãos protestantes têm negligenciado os movimentos sociais e buscado apenas ter seus membros

⁵ Palavra no grego que significa ordem, organização, beleza, harmonia.

⁶ Cf. Efésios 1:10 e 1 Coríntios 15: 24;

dentro de suas igrejas com conforto e programações atraentes. Somos então colocados frente às sagradas escrituras que dizem:

Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo. Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras (BÍBLIA, Tito, 2: 11-14).

O evangelho de Cristo é um evangelho de salvação, mas também um evangelho de relacionamento, no qual não nos tornamos cristãos apenas para ser salvo do mundo cruel, mas para que em nosso contexto fossemos agentes de transformação.

Não se dirige ao indivíduo *per si*, mas ao homem como a velha humanidade em Adão, marcado pelo pecado e pela morte, a quem Deus chama para se integrar-se a nova humanidade em Cristo marcada pela justiça e pela vida eterna. A falta de valorização das dimensões do evangelho inevitavelmente conduz a uma distorção da missão da igreja. O resultado é uma evangelização que concebe o indivíduo como uma unidade autônoma, um Robinson Crusóé, a quem o chamado de Deus chega na solidão de sua ilha, cuja salvação se realiza exclusivamente em termos de sua relação com Deus (PADILLA, 2014, p.43).

Não podemos então nos conformar com um evangelho pessoal, totalmente para dentro, nem ver isto acontecer e achar que estamos bem em nossa relação com Deus. Em Jesus Cristo o reino de Deus se fez presente na terra, e ainda continuamos a proclamar as palavras desse reino. Nesse sentido, Padilla (2014, p. 59) afirma:

Não obstante, o reino de Deus não chegou ainda a sua plenitude. Nossa salvação é “na esperança” (Rm 8.24). Segundo as promessas de Deus, “esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça”(2Pe 3.13). Este é o tempo da paciência de Deus, que “[...] não querendo que nenhum se perca, senão que todos cheguem ao arrependimento”(2Pe 3.9).

O próprio Jesus, em uma sinagoga, lendo o profeta Isaías disse: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor” (BÍBLIA, Lucas, 4, 18,19). Assim, os discípulos de Jesus, como seus imitadores, devem praticar essas coisas a semelhança do seu mestre.

1.6. A questão da justiça

Outro ponto bastante discutido dentro da Teologia da Missão Integral é a questão da justiça, e principalmente quando se trata de justiça social. É então que se faz necessário a compreensão do que é justiça. Assim declara o escritor bíblico Miqueias: “Ó homem, ele te declarou o que é bom. Por acaso o Senhor exige de ti alguma coisa, além disso: que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes em humildade com teu Deus?” (BÍBLIA, Miqueias, 6,8).

É fato que em todas as sociedades existem pessoas que se enquadram no grupo dos pobres e miseráveis, que por diversos motivos estão sobrevivendo no mundo e que não têm condição de sair dessa situação por eles mesmos. Esses, na grande maioria das vezes, dependem do Estado para poder satisfazer suas necessidades mais básicas, como alimentação, vestimenta e moradia. Infelizmente a quantidade de pessoas que continua a viver assim não é pouca, e com o colapso que está acontecendo em todo o mundo o número está crescendo cada vez mais. Muitos estão desempregados, o preço dos alimentos sobe constantemente, a qualidade de vida está cada vez pior, crianças não têm condições de apenas ser crianças, pois desde cedo precisam trabalhar, e as escolas não conseguem mais formar cidadãos, pois cada um sobrevive da forma que pode.

Em meio a um país de terceiro mundo, toda a realidade citada acima pode ser vista no meio urbano, que está cheio de pessoas que vêm buscando mudar de vida, mas quando chegam descobrem uma realidade bem pior se comparada àquela em seus locais de origem. O mundo se torna bem mais perigoso, pois na luta por sobreviver alguns optam por cometer crimes e roubar para conseguir dar a família alguma coisa. É a esta realidade que a igreja no terceiro mundo é chamada a fazer a diferença, e o primeiro ponto apontado pela Teologia da Missão Integral é pensar na justiça como um agente impulsionador de transformação.

Ao mostrar o texto bíblico acima citado de Miqueias 6:8, uma explicação mais aprofundada surge:

O versículo manda praticar a justiça e amar a misericórdia, duas ações que, à primeira vista, parecem coisas diferentes, mas não são. O termo hebraico para ‘misericórdia’ é *chesedh*, graça e compaixão incondicionais de Deus. O termo hebraico para ‘justiça’ é *mishpat*. Em Miqueias 6,8, ‘*mishpat* enfatiza ação, e *chesedh*, a atitude [ou motivo] por trás da ação’.

Para andarmos com Deus, então, temos de fazer justiça, com amor misericordioso (KELLER, 2013, p.24).

Da mesma forma é necessário desenvolver esse amor misericordioso pelas pessoas, pois a negligência ou violação dos cuidados com quem necessita é uma omissão perante a ordem divina. Segundo Keller (2013, p. 26): “Conforme a Bíblia, a *mishpat*, ou a justiça, de uma sociedade é avaliada de acordo com o tratamento dado a esses grupos”. Aqui quando o autor se refere a “esses grupos” são os menos favorecidos e desamparados pela sociedade.

Na antiguidade os deuses eram adorados, e todos aqueles que de certa forma eram tidos como representantes desses deuses, viviam sob diversas regalias e tinham todos os seus desejos e vontades satisfeitos, pois eram representantes das divindades. Por mais que todo o povo viesse a passar por necessidades, o representante divino deveria viver muito bem, e isso era “justo”, mediante a visão dos súditos da época. Entendia-se, então, que qualquer oposição aos líderes era opor-se aos deuses, e isso devia manter a ordem entre os povos. Nesse sentido Keller (2013, p. 27) relata: “Mas, aqui, na visão oposta de Israel, não é ao lado de homens de alta posição que Javé se coloca, mas ao lado ‘do órfão, da viúva e do estrangeiro’”. Mostrando que “o poder de Deus é exercido na história para que os vulneráveis sejam fortalecidos”, ou seja, aparentemente temos um Deus totalmente diferente das divindades que o povo acreditava, pois Deus faz justiça aos pobres e fracos e se opõe aos fortes e soberbos.

Iniciando uma visão bíblica do Novo Testamento em relação à justiça de Deus para com os necessitados, o próprio Jesus disse aos discípulos de João Batista: “Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres;” (BÍBLIA, Mateus, 11, 4 – 5). Explicitando que Jesus anunciava o evangelho a todas as pessoas, mas o cuidado maior era com necessitados.

1.7. A relação de Jesus com os necessitados

Faz-se necessário perceber essa relação muito próxima que Jesus tinha com os necessitados, pois isto também nos revela mais sobre o reino de Deus e a sua justiça. É sempre em uma relação de maior intimidade e cuidado que Jesus

demonstra com aqueles que sofrem, em contrapartida, os religiosos e ricos são mais combatidos por Jesus em seu comportamento.

A caminhada de Jesus seguindo os relatos bíblicos é cheia de passagens que o mostram ao lado do marginalizado, ressuscitando o filho de uma viúva pobre, não condenando uma prostituta pelos seus pecados, mas restaurando a vida daquela mulher, Jesus também colocou um samaritano em posição de destaque, efetuou cura em leprosos que haviam sido expulsos da sociedade, pois sua doença era contagiante, e tantas outras coisas que poderiam ser citadas em relação aos necessitados.

A Bíblia Sagrada relata as palavras de Jesus dizendo: "Quando você der um banquete ou jantar, não convide seus amigos, irmãos ou parentes, nem seus vizinhos ricos; se o fizer, eles poderão também, por sua vez, convidá-lo, e assim você será recompensado. Mas, quando der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os mancos, e os cegos. Feliz será você, porque estes não têm como retribuir. A sua recompensa virá na ressurreição dos justos" (BÍBLIA, Lucas 14, 12-14).

O conselho de Jesus mais parecia um suicídio econômico-social. Ele mandou que os discípulos abrissem suas casas e fizessem amizade não com pessoas de classe social a que pertenciam (ou da classe mais alta), as quais lhes trariam benefícios, mas com gente pobre e sem influência, que nunca poderia retribuir com dinheiro nem favores.[...] Usando um contexto mais apropriado, ele está dizendo que devemos gastar muito mais dinheiro e bens com os pobres do que com o nosso próprio divertimento, seja em férias, seja em restaurantes, seja em reuniões com gente importante (KELLER, 2013, p. 64).

Ao olhar o relacionamento de Jesus com os pobres somos desafiados por esse evangelho que mais se aproxima dos necessitados. Os necessitados são todos aqueles que vivem a graça de Deus.

Nossa vida e relacionamento cristão devem ser baseados nos exemplos que Jesus nos deixou, como ele sempre fez, primeiro dava o exemplo para depois cobrar dos seus discípulos uma atitude igual.

O autor Grellert (1970) sintetiza pontos que acha fundamental para toda e qualquer instituição cristã, da seguinte forma: "Somos servos dos pobres e servos dos servos do Senhor [...]", este ponto é bastante interessante, pois coloca o pobre como prioridade do serviço. Grellert (1970) ainda fala sobre a dimensão social, que é: "quando procuramos servir ao próximo, dando-lhe de nós mesmos ou algo nosso

para suprimos suas necessidades”. Em síntese, pode-se dizer que nossa tarefa é servir em todos os âmbitos de nossa vida.

1.8. Conclusão em transição

Em face do estudo exposto acima, mostramos o surgimento, a importância e os principais aspectos da TMI. A questão dos pobres, ou melhor dizendo, empobrecidos por razões contextuais e históricas do continente, passa a ser um foco importante da teologia porque aparece como destinatário da missão, segundo a caminhada latino-americana de diversas igrejas cristãs e de movimentos sociais. Portanto, a necessidade de partir desse contexto tornou-se urgente e paradigmático, mudando a visão missionária e a própria teologia.

A caminhada histórica da TMI mostra o olhar de um novo paradigma pautado na teologia contextual sobre a AL, por meio da FTL, e isso permitiu entender o significado da TMI para os seus precursores. O objetivo dessa primeira parte foi situar o leitor no contexto histórico e desenvolvimento da TMI, compreendendo sua tentativa de resposta aos desafios da missão, a partir de uma visão integral da pessoa humana, situada em um contexto desafiador.

Entretanto, cabe destacar que, em meio a toda a preocupação da TMI com o contexto histórico de então, ela não considerou ainda a mudança rápida de contexto na América Latina e no mundo, notadamente com o advento das novas tecnologias e seu impacto na vida de todo mundo, sobretudo para os mais jovens. Tendo em vista que o ciberespaço é um novo lugar de encontro das pessoas e onde elas passam grande parte de seu tempo, caberia levantar algumas questões: “Seria relevante para a TMI abordar o ciberespaço?”, “O ciberespaço é assunto de teologia?”, “Até que ponto ele poderá transformar nossa visão da missão e da teologia?”.

Instigados por essas e outras questões, apresentaremos, no próximo capítulo, um estudo sobre o ciberespaço, a cibercultura e o esforço de fazer teologia a partir dessa nova realidade (ciberteologia), tendo em vista a evangelização dos nativos digitais.

2. O CIBERESPAÇO COMO NOVO CONTEXTO: UM NOVO PARADIGMA TEOLÓGICO?

A missão cristã sempre foi uma ação a ser realizada no campo social. O desafio de relacionar as transformações do contexto com a sua mensagem é dever de todo aquele que está disposto a interagir as possibilidades criadas pela humanidade. Assim, a missão se cumpre em um espaço que, no passado, era somente físico, mas que agora se encontra com o cibernético, trazendo novos desafios, após as grandes inovações tecnológicas e o advento da internet.

A evolução da técnica mostra o esforço da humanidade para aprimorar e utilizar ferramentas que beneficiam a sociedade. Portanto, não se trata de uma dominação das máquinas sobre a humanidade, mas a técnica aperfeiçoada para resolver questões humanas e evoluir as capacidades que antes eram impossíveis de ser executadas. Claro que a técnica, quando direcionada para prejudicar a humanidade, também terá êxito, e o impacto provavelmente será gigantesco, pois as máquinas realizam tarefas com mais assertividade e não são influenciadas pela questão dos sentimentos, crenças e outros fatores que pertencem ao ser humano.

A era da comunicação tomou dimensões grandiosas que acabaram por englobar boa parte do mundo. A comunicação no início servia apenas para informar sobre fatos, mas evoluiu e tornou-se uma rede de relações e interações. A tecnologia envolve a quase todos os habitantes do mundo desenvolvido e cada vez mais influencia as questões humanas.

A comunicação é o ponto comum para todos os tipos de relações. Podemos dizer que as pessoas necessitam de comunicação para a formação intelectual, relações afetivas e para o engajamento em um objetivo comum. Portanto, o processo de comunicação deve ser visto como um caminho que a humanidade sempre trilhou e que, com a evolução da tecnológica, vem sendo aperfeiçoado.

Será relevante para o nosso estudo tratar as diferenças entre espaço virtual e espaço físico, analógico e digital e compreender a diferença entre a internet como ferramenta e ambiente, o que aprofundaremos mais à frente. Podemos dizer que a evolução tecnológica não somente aperfeiçoou a técnica da comunicação, mas criou um ambiente. Essa ideia sobre a nova forma de comunicação por meio da internet, que surgiu apenas como uma ferramenta para o desenvolvimento de atividades, tornou-se um ambiente tão presente no mundo moderno que praticamente não é

possível viver *off-line* (sem conexão). Aqueles que arriscam desconectar-se do mundo tecnológico não conseguem acompanhar as transformações, que acontecem velozmente, podendo ser prejudicados em suas relações sociais. Assim, não existe apenas o espaço físico, mas percebe-se a existência do ciberespaço:

É um espaço de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida diária: um 'novo contexto existencial'. Portanto, a rede não é na verdade um simples 'instrumento' de comunicação que se pode ou não usar, mas evolui num espaço, um 'ambiente' cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e de estreitar relacionamentos; efetivamente é um modo de habitar o mundo e de organizá-lo (SPADARO, 2012, p.17).

O espaço não mais se estabelece somente sobre o campo geográfico, que nesse momento se torna secundário, mas a presença pode ser compartilhada simultaneamente em diversos lugares ao mesmo tempo. Isso acaba por revolucionar todo o contexto social e até mesmo a ideia de pertencer a determinada localidade. Partindo desse contexto Sbardelotto (2017, p.23) diz: “Com o desenvolvimento da internet e do ambiente digital, as pessoas, hoje, encontram novas formas de relação e de interação, sem fronteiras de espaço e sem limites de tempo”. A nova maneira de relação e interação, que estão sendo realizadas graças à tecnologia, consegue suprimir a necessidade de estar no mesmo espaço para que possa haver interação entre pessoas. A comunicação, por meio de voz e imagem, *just in time* tem revolucionado até mesmo a questão da presença ou ausência de uma pessoa. Com essa evolução, por meio de *bit's* e *bytes* enviados na rede mundial de computadores, uma pessoa consegue participar de uma reunião em uma cidade a milhares de quilômetros sem sair de casa, e ainda interagir com pessoas de diversas partes do mundo. Este novo método é chamado de videoconferência.

Porque o tempo e o espaço são praticamente deixados de lado quando se está dentro do ciberespaço, essa modificação tem influenciado diretamente a percepção de mundo. Ao mesmo tempo, o ser humano pode, no ciberespaço, estar em outro lugar sem ter percorrido nenhuma distância.

A era da tecnologia ensinou ao ser humano a possibilidade de executar diversas tarefas ao mesmo tempo com um simples apertar de botões. Nesta era da comunicação, a vida exige que o ser humano aprenda a ser multitarefas.

Um paradoxo que se pode perceber é o grande número de pessoas que diz

não ter tempo, mesmo com tanto desenvolvimento tecnológico que serviria para resolver problemas e dar mais tempo às pessoas. As exigências da era tecnológica parecem não ajudar o ser humano a desfrutar da vida e, assim, colocam um peso de diversas atribuições e atividades em *deadline's*, exigindo cada vez mais desgaste e esforço intelectual.

A sociedade contemporânea está alicerçada sobre *bit's* e *bytes*, que profundamente marcam e determinam as profissões, funções, estruturas, opiniões, informações e toda a construção para a vida social. É nítido que as mutações e transformações dos meios tecnológicos interferem na vida em sociedade. A cada evolução se percebe uma nova maneira de enxergar o mundo e as coisas que o permeiam.

Não somente as máquinas evoluíram, mas uma nova experiência tem revolucionado o mundo, a internet, que é uma grande rede de aparelhos interligados e se comunicando a todo instante. Assim, para pensar sobre um novo contexto existencial por meio da internet:

A internet é, antes de tudo, uma experiência, isto é, a experiência que aqueles cabos e aqueles sinais a tornam possível, assim como as paredes domésticas tornam possível a experiência do 'sentir-se em casa'. Ela é, portanto, um verdadeiro 'espaço' de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida cotidiana: um novo contexto existencial. (SPADARO, 2016, p.17).

Esta experiência, vivida por aqueles que trafegam pela rede, está cada vez mais real, e a evolução tem buscado aprimorar as sensações para que o virtual se torne cada vez mais real.

A mensagem cristã percorreu o mundo pelo processo de revelação divina mediante aquilo que era comunicado ao povo. Mesmo antes do advento da escrita, que serviu como um marco de evolução da técnica para eternizar momentos, existiam outras formas de comunicar, como por exemplo, a comunicação oral, que era repassada de pai para filho, e as pinturas em pedras. A comunicação sempre foi importante para a humanidade e essencial para o êxito da mensagem cristã. Essa comunicação da mensagem encontra seus fundamentos na própria comunicação de Deus com a humanidade, segundos relatos bíblicos, desde o livro do Gênesis até Apocalipse, encontrando toda a sua centralidade em Jesus Cristo.

Cada momento histórico tem suas linguagens e traz desafios para comunicar e reinterpretar a fé, assim, o desafio é pensar a importância da fé nesse novo

modelo de sociedade. Uma vez que a humanidade está lançada sobre a rede, faz-se necessário pensar uma fé neste tempo.

Entretanto, pensar a fé em tempos da rede não é só uma reflexão a serviço da fé. A resposta é muito mais alta e global. Se os cristãos refletem na rede, não é somente para aprenderem a 'usá-la' bem, mas porque foram chamados para ajudar a humanidade a compreender o significado profundo da própria rede no projeto de Deus: não como instrumento a ser 'usado', mas como um ambiente a ser habitado (SPADARO, 2012, p.10).

Nessa mesma perspectiva, afirma Sbardelotto (2012, p. 143): “Compreender o fenômeno da fé no âmbito digital leva também a novas compreensões da construção do religioso”. E ainda: “Estamos agora em uma igreja digital, que busca digitalizar o sagrado, torna-lo informação computacional, disponibilizando-o em rede, *on-line*”(p.144).

Em face desse desafio nos propomos a refletir sobre teologia ou fé no ciberespaço, explanando sobre a ideia da ciberteologia, e como a internet pode ser considerada um campo de missão cristã para a evangelização dos nativos digitais que nasceram imersos nessas tecnologias. Esse estudo terá como referência as obras dos autores Antônio Spadaro e o Moisés Sbardelotto. Outros autores serão úteis para complementar o pensamento e dar fundamentos sólidos ao estudo.

2.1. Ciberespaço: o novo contexto

O espaço físico é uma criação da natureza, mas o ciberespaço é criação do ser humano, onde, por meio de conexões elétricas, ele consegue trazer à existência uma nova forma de se comunicar, viver e existir. Assim, podemos definir o ciberespaço como um lugar, com cultura própria, mediado por conexões, que proporciona uma experiência sem fronteiras e cada vez mais acessível em todo o mundo.

É justamente sobre esse ciberespaço e sua relevância no contexto social que levantaremos alguns apontamentos para a sociedade, teologia e para a fé cristã.

2.1.1. Técnica, cultura e sociedade

Primeiramente, é de grande relevância conhecer a evolução da técnica, para que se possa avaliar o que tínhamos no passado e até onde evoluímos no presente.

Isso, em nossos estudos, servirá de base para que o momento contemporâneo possa ser entendido à luz das evoluções que o cercam e para que se possam encontrar caminhos até o diálogo assertivo com essa sociedade.

A história nos mostra que passaram muitos anos para que chegássemos àquilo que chamamos de era da informação. Um longo caminho foi desbravado, e grandes descobertas foram feitas. Esse momento é marcado então por uma linguagem binária, que não comunica de forma clara ao ser humano, mas que permite à máquina compreender e interagir com os números e, como resultado, faz uma ou várias ações que têm impacto a realidade. Lévy (1999, p. 31) afirma: “Por muito tempo reservados aos militares para cálculos científicos, seu uso civil disseminou-se durante os anos 60”. Em seu primeiro momento, não era de uso da sociedade e nem se pensava em atingir novos rumos.

Na caminhada da evolução da técnica, a humanidade iniciou o seu percurso dominando as forças da natureza ou aprendendo sobre elas. Isso foi de grande valia para todos, pois a humanidade aprendeu a controlar o fogo, escapar do frio, registrar as memórias e tantos outros fatos que marcaram momentos de evolução da sociedade. Com o passar do tempo a escrita tomou conta de todos os povos, e a comunicação foi tomando forma e acentuando as diferenças culturais. Ao observar as invenções da humanidade e o quanto isso foi revolucionário, Spadaro (2012, p.16) relata: “É interessante notar como toda invenção – após a da roda – que permitiu ao homem intensificar as comunicações e as trocas, passando pela imprensa, ferrovia, e telégrafo, tenha sido considerada revolucionária”.

Nesta caminhada revolucionária, a humanidade continuou a criar novas formas de intensificar as comunicações e produzir em larga escala, buscando aumentar ainda mais esta produção aprimorou a técnica para que máquinas realizassem todo o trabalho, e a isso se chamou de processo de automação. Após esse momento, por um lado, a evolução ajudou muito na questão do desenvolvimento tecnológico e, por outro lado, alguns homens foram prejudicados e substituídos por máquinas. A única opção, nesse novo tempo, para os trabalhadores era a possibilidade de dominar as máquinas ou serem marginalizados como “analfabetos digitais”. A evolução da técnica, além de substituir o humano, tornou instantânea a comunicação, e a informação começou a ter valor inestimável. Já não é somente a força que produz riquezas, e sim a capacidade intelectual. Nesta nova fase de automação, Lévy (1999, p. 31) afirma: “Eles abriram uma nova fase na

automação da produção industrial: robótica, linhas de produção flexíveis, máquinas industriais com controles digitais e etc”.

A evolução da técnica, na cibercultura, tomou rumos de constante transformação, e não há mais como retroceder.

Se nos interessarmos sobretudo por seu significado para os homens, parece que, como sugeri anteriormente, o digital, o fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente, a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura.(LÉVY, 1999, p.27).

A cibercultura é o conjunto de comportamentos e experiências que podem ser vividas dentro do ciberespaço. Algumas das marcas mais presentes na cibercultura são a fluidez, as constantes transformações, e o livre tráfego de informações.

Outra dificuldade presente neste momento, que culminou com a era da informação é a capacidade de aprender algo, pois a cada segundo novas informações surgem, e o ciclo de aprender e desaprender se torna *ad aeternum*. Tudo se torna obsoleto em fração de segundos. Por isso, já não há controle sobre as novidades do mundo tecnológico que impactam diretamente a vida social. Cada indivíduo tem que estar pronto para viver em constante aprendizado e transformações.

Diante da insatisfação com a condição humana e o desejo de ultrapassar os limites da existência, Sibila (2015, p. 44) questiona: “Que tipo de saber é aquele que entende o corpo humano como uma configuração orgânica condenada à obsolescência, por exemplo, convertendo-o num objeto da pós-evolução?”. Por assim dizer, neste momento da era da informação, a capacidade humana é ultrapassada e precisa sofrer *upgrade* para se adaptar à nova realidade. O *upgrade* mencionado é tudo aquilo que passou a compor a vida humana, mas que não é desenvolvido na gestação. A nova realidade exige que os aparelhos tecnológicos façam parte da vida do homem moderno.

Entretanto, é necessário pensar se a tecnologia é determinante ou condicionante, tanto para a cultura quanto para a sociedade (LÉVY, 1999). Assim, pode-se analisar a influência da técnica na vida em sociedade e encontrar um caminho saudável para este novo momento.

Segundo Lévy (1999, p.25), “uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada a suas técnicas”. Aqui o autor apresenta

a relação que existe entre técnica, cultura e sociedade. Para Lévy (1999), apesar da relação existente, a técnica condiciona, mas não determina. Pois a técnica está sempre aberta a várias formas de execução e a várias funções, podendo utilizar uma mesma técnica para objetivos diferentes. Pode-se exemplificar da seguinte forma: um homem pode utilizar da internet, em um bate-papo, para se relacionar bem com pessoas ou para enganá-las. Outro exemplo é o Internet Bank, que pode ser utilizado para facilitar a vida dos usuários, não precisando mais se deslocar até o banco, ou por ladrões para aplicar golpes. A grande questão sobre a técnica é que ela abre caminhos nunca imaginados pelos homens para diversas possibilidades. Isso acaba por condicionar a ação das pessoas, mas não determina se serão boas ações ou más.

Uma técnica não é nem boa, nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e do outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar os seus impactos, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer com ela (LÉVY, 1999, p. 26).

O autor entende que não cabe a nós julgar como boa ou ruim uma técnica, mas não se pode perder o controle sobre esta técnica, sempre avaliando e reformulando em vista do bem da humanidade. Portanto, a cibercultura é marcada por uma caminhada de evolução da técnica, que deixa a sociedade aberta a novos rumos e caminhos ainda em desenvolvimento

Partindo para a concepção de uma sociedade que não tem limites em sua capacidade de inovação tecnológica, e abertura das fronteiras para ultrapassar os limites humanos pode-se dizer que assim se configura o novo momento de domínio das técnicas e das máquinas (SIBILA, 2015, p.59).

Percebe-se o ciberespaço, definido por esse momento de progresso tecnológico fundamentado por avanços científicos. Nesse sentido, buscando a compreensão sobre o surgimento do ciberespaço, como um novo paradigma, e suas implicações sociais e estruturais, resumidamente então Lévy (1999, p. 32) afirma: “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também um novo mercado da informação e do conhecimento”.

A evolução da técnica mostra que é impossível prever o que acontecerá na sociedade e nas formas de relação. É importante analisar o momento e propor ajustes, entretanto o futuro sempre será uma incógnita. A evolução tecnológica sempre haverá de nos propor uma infinidade de possibilidades, mas caberá a sociedade o discernimento para que essa evolução não nos torne escravos das máquinas.

2.1.2. O ambiente virtual

2.1.2.1. Um breve relato sobre o desenvolvimento da internet

Esse breve relato sobre a história da internet ajudará a entender a complexidade e a transformação que ela gerou em diversos contextos. Nesse sentido, a proposta é mostrar um resumo daquilo que Castells (2003) chamou de "A história da internet: um panorama".

Diferentemente daquilo que se pensa sobre o surgimento ou desenvolvimento de algo, quando se pensa aonde quer chegar, a internet nunca foi criada para ser o que ela se tornou. A internet nasce em meio a um projeto militar, totalmente voltada para o objetivo de facilitar a comunicação e pesquisa.

As origens da Internet podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) em setembro de 1969. A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro Sputnik em 1957. (CASTELLS, 2003, p.14).

A ARPANET, portanto, foi a primeira rede montada para mobilizar recursos de pesquisa. Assim, a ideia de compartilhar sempre esteve presente. Entretanto, para ter uma rede interativa era necessária uma rede que permitisse o envio de pacotes. Assim, Paul Baran, independentemente, desenvolveu este projeto.

O projeto de Baran de uma rede de comunicação descentralizada, flexível, foi uma proposta que a Rand Corporation fez ao Departamento de Defesa para a construção de um sistema militar de comunicações capaz de sobreviver a um ataque nuclear, embora esse nunca tenha sido o objetivo por trás do desenvolvimento da Arpanet. (CASTELLS, 2003, p.15).

Esta é uma característica que acompanha a internet até hoje, sua descentralização e sua flexibilidade. E não só acompanha a internet, mas também a modernidade, e talvez por isso as duas estejam tão interligadas.

A rede é composta de nós, e no início da internet, apenas algumas faculdades dos Estados Unidos tinham a capacidade de compartilhar pesquisa, pois estavam ligadas por meio desses nós. Assim, era necessário implementar uma rede que tivesse uma capacidade mais abrangente.

Para que pudessem falar umas com as outras, as redes de computadores precisavam de protocolos de comunicação padronizados. Isso foi conseguido em parte em 1973, num seminário em Stanford, por um grupo liderado por Cerf, Gerard Lelann (do grupo de pesquisa francês Cyclades), e Robert Metcalfe (então no Xerox PARC), com o projeto do protocolo de controle de transmissão (TCP). (CASTELLS, 2003, p.15).

O uso ainda não era permitido para o público em geral, mas já estava iniciando aquilo que é a internet. Portanto, é muito importante a padronização do protocolo TCP. Mais tarde é dividido e se torna TCP/IP, sendo esse o que é utilizado até hoje.

No ano de 1975, a ARPANET passou para a Defense Communication Agency, e é nesse momento que utilizam o TCP/IP para a conexão, que são números lançados na rede e permitem a conexão. Segundo Castells (2003, p.16), "para tornar a comunicação por computador disponível para os diferentes ramos das forças armadas, a DCA decidiu criar uma conexão entre várias redes sob seu controle". Então, por conta das possíveis invasões e falhas de segurança os militares decidem criar uma rede própria e independente, assim abandonaram a ARPANET, que ficou dedicada somente à pesquisa.

O departamento de defesa dos Estados Unidos financiou diversos fabricantes de computadores para permitirem a inclusão do TCP/IP em seus protocolos, e isso facilitou uma maior abrangência da conexão em rede.

O que tornou isso possível foi o projeto original da Arpanet, baseado numa arquitetura em múltiplas camadas, descentralizada, e protocolos de comunicação abertos. Nessas condições a Net pôde se expandir pela adição de novos nós e a reconfiguração infinita da rede para acomodar necessidades de comunicação (CASTELLS, 2003, p.16).

A forma como a internet foi pensada em seus primórdios facilitou bastante para que ela pudesse se desenvolver tão largamente nos meios de comunicação. Um programador que teve grande relevância nesse crescimento mundial da internet foi Tim Berners-Lee, por isso afirma Castells (2003):

Ele definiu e implementou o software que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado através da Internet: HTTP, HTML e URI (mais tarde chamado URL). Em colaboração com Robert Cailliau, Berners-Lee construiu um programa navegador/editor em dezembro de 1990, e chamou esse sistema de hipertexto de world wide web, a rede mundial.

Após esse momento, diversas empresas começaram a implementar com base naquilo que Lee havia feito. Os navegadores começaram a ser construídos para facilitar a navegação na internet. As evoluções foram acontecendo até o ponto que temos em nossos dias.

2.1.2.2. O ambiente digital

Nessa evolução tecnológica surge um novo ambiente, com uma gama de características próprias e que, por meio de configurações e conexões, permite uma maior interação. Esse novo ambiente é conhecido como ambiente cibernético ou ciberespaço. Portanto, é no mínimo estranho olhar para onde a evolução técnica levou a humanidade, em tão pouco tempo, sem se ater aos detalhes. Para tanto, vamos expor alguns detalhes desse ciberespaço. Faz-se necessário apontar que o surgimento do ciberespaço proporcionou algo diferente, se comparado com os meios de comunicação tradicionais:

É necessário salientar que a internet se diferencia dos meios tradicionais pela potencialização da interatividade e pela possibilidade de participação ativa do usuário; pela forma não-linear de produção de conteúdo e divulgação/disseminação de informação; apresentação e controle dos materiais e pela facilidade em publicação de conteúdo. Seu advento e a chamada revolução digital provocaram tanto mudanças sociais quanto comunicacionais e disponibilizaram, entre outros benefícios, opções de produção, consumo e compartilhamento de informações ao possibilitar a convergência midiática, ou seja, a união do texto, som, imagem e telefonia em uma única mídia (FONTES, GOMES, 2013, p. 6).

Há algumas décadas, era considerado quase impossível manter contato com uma pessoa a quilômetros de distância e conversar com ela, inclusive com imagem,

e em tempo real, da mesma forma como se fala com outro a poucos centímetros de proximidade, hoje não mais. Buscando um olhar mais aprofundado, cem anos atrás toda a comunicação era limitada em relação ao tempo e estava diretamente dependente do espaço. Segundo Bauman (2001, p.17):

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico — e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço (o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem — a diferença entre “próximo” e “distante”, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer).

Hoje, na comunicação, o tempo não é mais um limitador, e o espaço não é determinante, pois o homem tecnológico pode estar em vários lugares ao mesmo tempo sem nunca ter colocado os pés no chão físico deles. Talvez, alguém que tenha vivido no século V nunca tenha imaginado este tipo de mundo, onde, no mesmo dia, uma viagem de alguns mil quilômetros pudesse ser realizada em algumas horas, graças ao avião, que é uma combinação de diversas evoluções tecnológicas. Outras capacidades de estar e agir também surgiram:

Graças a elas, já é possível anular distâncias geográficas num instante, sem a necessidade de se deslocar fisicamente, inaugurando fenômeno tipicamente contemporâneos, como a “telepresença” ou a “presença virtual”, que expandem enormemente certas capacidades de estar e agir no mundo (SIBILIA, 2015, p.60).

Até mesmo a economia tem sofrido transformações causadas por esse novo contexto. Assim, a relação com o dinheiro e o valor que lhe é atribuído estão mudando – o dinheiro não passa de apenas um pedaço de papel que já vem sendo substituído pelo plástico (cartões de crédito e débito) e caminhando a passos largos para uma provável tendência, que são as moedas virtuais (*bitcoins*). Logo, as grandes fortunas não existem mais no mundo real, apenas no ciberespaço, por meio de números em telas de computadores. Muita coisa continua a mudar a cada passo que a humanidade adentra neste mundo cibernético. Partido desse entendimento:

A cidade muda ao ritmo das mudanças técnicas e sociais. Vários exemplos dessa nova cidade estão a nossa volta: home banking, celulares, pages,

palms, votação eletrônica, imposto de renda online, shopping online, governo eletrônico, telecentros e as diversas redes de satélites, fibra-ótica, telefonia fixa e móvel. A cidadania, o exercício social na urbis, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas. O ciberespaço nos faz emissores de informação e nos coloca em pleno nomadismo high-tech. Participar, ser cidadão hoje, é estar conectado (LEMOS, 2004, p.19)

É interessante notar a proporção e a velocidade com que o ciberespaço adentrou a vida dos seres humanos. É certo que a afirmativa “não vivemos sem internet”, tem-se tornado uma realidade em muitos países desenvolvidos, mas também sabemos que existem localidades que ainda não têm o contato direto com toda a evolução tecnológica. Todavia, aqueles que adentram o ambiente tecnológico se tornam submissos às comodidades e facilidades que lhe são proporcionadas. É inegável que a evolução da tecnologia trouxe uma praticidade enorme à vida da humanidade e ainda tem permitido evoluções constantes.

Portanto, no entendimento sobre o ciberespaço, afirma Lévy (1999, p. 43): “De fato, graças à adoção de padrões de programas e hardware, a tendência geral é o estabelecimento de espaços virtuais de trabalho e comunicações descompartmentalizados, cada vez mais independentes de seus suportes”. Percebe-se que, no ano em que o autor fez tal afirmação, pensava-se no ciberespaço como lugar de comunicação e trabalho, pois em seu início foi para isto que ele foi desenvolvido. Entretanto, o autor já sinalizava que a tendência seria sempre de aparelhos independentes de qualquer tipo de suporte físico, gerando o que temos na contemporaneidade. Hoje, o ciberespaço é lugar de trabalho, comunicação, relacionamento, diversão e até mesmo um lugar para viver. O avanço cibernético no contexto da sociedade integrou de tal forma um ao outro que reproduzimos o mundo real no cibernético para expandir nossas capacidades. De fato, o mundo não é apenas a dimensão territorial, mas se tornou um conjunto de dimensões reais e cibernéticas, sempre em relação um ao outro, e que estão transformando a humanidade.

Todavia, existe uma única forma de entrar no ciberespaço, e esta forma é representada pela palavra conexão. A conexão é o limitador da entrada e permanência no ciberespaço. Podemos então fazer uma relação e dizer que a vida é assim, ela é o limitador de entrada e permanência na existência. Ou seja, a conexão é a vida do ciberespaço.

As conexões é que fazem funcionar a comunicação entre todo o maquinário e permite que eles processem, importem, exportem, transmitam dados que podem gerar informações e conhecimentos. Dessa forma, o ambiente digital é guiado pelo “imperativo da conexão”. Assim é o imperativo da conexão:

O atual imperativo da conexão, por exemplo, tão prenhe em tempos de redes sociais na internet e aparelhos móveis de comunicação, responde à demanda pelo traspasse de tais barreiras espaciais. Esse desejo é estimulado, de maneira crescente, pela abundante oferta de dispositivos e serviços teleinformáticos, desde os onipresentes telefones celulares até os *tablets* ou os computadores portáteis com acesso à internet, alguns deles admitindo inclusive a função de geolocalização via satélite, do tipo GPS (SIBILIA, 2015, p. 59).

Por isso a sociedade atual está conectada a todo instante, para se manter viva no ciberespaço. As conexões móveis funcionam, mesmo que em uma velocidade mais lenta, para que o usuário não deixe de estar *on-line*. E com o desenvolvimento dos aplicativos de troca de mensagens de texto, voz e vídeo, podemos dizer que estamos próximos a muitas pessoas, sem levar em consideração a distância territorial.

Dessa forma, a internet é a principal tecnologia (atual) direcionada à comunicação e informação, pois ao possibilitar o surgimento do ciberespaço e a modificação da fórmula estática: emissor–mensagem–receptor, permite que o usuário também produza a mensagem. Contribuindo assim para democratizar os processos comunicacionais (FONTES, GOMES, 2013,p. 6).

O ambiente digital é um lugar sem distâncias e fronteiras, mediado apenas por cabos e conexões ultra-velozes, que não transferem apenas dados, mas são capazes de acolher, transmitir e transformar toda a realidade humana. Dentro desse contexto, e mais especificamente apontando para a internet, Spadaro (2012, p.16) afirma: "Quando se olha para a internet, vemos não só as perspectivas de futuro que ela oferece, mas também os desejos que o ser humano sempre teve e aos quais procura satisfazer, ou seja: relacionamentos, comunicação e conhecimento".

Por isso, vale a pena dizer que assim como Spadaro (2012), concordamos com a afirmativa de que a internet e suas conexões criaram um ambiente, e que não é apenas uma ferramenta.

O ambiente digital é marcado pela conexão binária 0 ou 1, diferente do ambiente analógico, que funcionava por meio de frequência. O digital é mais seguro e constante para a conexão e melhor desempenho na experiência do ciberespaço.

A definição do que vem a ser o ciberespaço será sempre incompleta, pois com as recorrentes evoluções o ciberespaço é sempre um “vir a ser em metamorfose”, com novas formas e funcionalidades presentes e que rapidamente se tornam passado para que outras evoluções aconteçam. Entretanto, historicamente temos o inventor desta palavra “ciberespaço”, que foi William Gibson, no ano de 1984, em um romance de ficção científica, *Neuromante*. (LÉVY, 1999, p.92). É nesse mesmo ano que, ainda na ideia de ficção, o ciberespaço surge:

Em *Neuromante*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores das redes digitais (LÉVY, 1999, p.92).

Tornou-se realidade presente na sociedade tudo aquilo que foi pensado como ficção no ano de 1984. Entretanto, não são apenas alguns que têm acesso, mas caminhamos para que todo o planeta Terra esteja ligado ao ciberespaço. Uma definição do ciberespaço é de Lévy (1999, p. 92): “Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Todavia, a rede mundial de computadores é definida além disso:

A internet não é mais um aglomerado de locais web isolados e independentes entre si, embora conectados e postos na rede, mas deve ser considerada como um conjunto de capacidades tecnológicas alcançadas pelo homem no âmbito da difusão e do compartilhamento de informações e do saber (SPADARO, 2013, p.10).

Logo, nessas novas formas de avanços tecnológicos, o ciberespaço influencia diretamente a cultura da sociedade e modifica as relações, criando um ambiente digital e democrático de comunicação.

2.1.3. Implicações socioculturais do ciberespaço

Examinar as implicações culturais do ciberespaço será de grande valia para a pesquisa, pois, se o ciberespaço de fato interfere na sociedade, podemos pressupor que o *ciber* não se limita às conexões de cabos e rede. Diante disso, afirma Spadaro

(2012, p. 20): "Logo, o homem não permanece imutável no modo em que manipula a realidade: transformam-se não só os meios com os quais se comunica, mas ele próprio e a sua cultura". É interessante a perspectiva do autor, ao nos mostrar que o ser humano, ao manipular a realidade também se transforma.

As mutações são uma constante do mundo globalizado, e a nova geração que nasceu a partir da década de 80, aparentemente, já se adequou ao novo momento que é marcado pelas constantes mudanças. Aqueles que são apegados ao passado e que têm dificuldade de aprender coisas novas, ou aceitar mudanças constantes, sofrem por se acharem fora desta nova forma de configuração social e cultural. Pensando nessa influência de transformações constantes que a sociedade está vivenciando, Lévy (1999, p. 111) afirma:

Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade. Contudo, trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por conta própria.

Ao se referir a um universo indeterminado, o autor quer dizer que a maioria da população que está conectada à rede é refém e, ao mesmo tempo, protagonista das mudanças, pois não se espera mais um tempo de adequação social para que a mudança aconteça – no ciberespaço, ela apenas acontece. Isso por conta da velocidade do trânsito de informação, mas também pelo fato de que cada um na rede pode ser produtor e emissor de novas informações. E mesmo que não concordem com as mudanças tecnológicas, elas não oferecem um *roll back* (processo de retorno) para a sociedade. Elas surgem e são substituídas tão rapidamente que, às vezes, não conseguimos perceber todas as mudanças:

O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. Encarnação máxima de transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades de sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de "universal sem totalidade". Constitui a essência paradoxal da cibercultura (LÉVY, 1999, p. 111).

O paradoxo da cibercultura é a formação deste sistema desordenado que influi diretamente no sistema cultural social. Para compreender melhor este tempo, afirmam Fontes e Gomes (2013):

Vive-se em um tempo em que a tecnologia – que também avança e se renova a cada dia – e a comunicação merecem certo destaque por estarem tão presentes na vida cotidiana das pessoas de forma a participarem de processos de reconfiguração de práticas sociais e culturais (FONTES, GOMES, 2013)

Ainda buscando aprofundar o entendimento sobre a sociedade moderna e suas mudanças:

A “vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo (BAUMAN, 2007, p.5).

A sociedade vigente é líquida, assim como explicou Bauman, e por isso, toma várias formas, não permitindo seguir um padrão específico. Na totalidade deste paradoxo, o sistema criado pela cibercultura é de uma "terra" interconectada a diversas culturas que acabam por interagir umas com as outras.

Por não existir mais o impedimento do espaço geográfico, o ciberespaço permite conhecer, mesmo que por meio da tela de um aparelho tecnológico conectado a rede, sobre diversas culturas longínquas e inóspitas com apenas um endereço IP e alguns cliques. O tempo para que se faça qualquer busca na rede, por mais distante geograficamente que seja, é tão imperceptível, que nem levamos mais em consideração questões de tempo e espaço. É interessante notar que antigamente as questões de espaço e tempo eram decisivas para qualquer tomada de decisão, e principalmente para que se pudesse conhecer uma nova cultura. Claro que ainda existem as diferenças entre ler, ver fotos ou vídeos por meio de um aparelho tecnológico sobre uma determinada cultura ou estar presente na cultura, pois as experiências e vivências não podem ser comparadas. Entretanto, os avanços tecnológicos caminham para que essa diferença seja superada e os usuários consigam também experimentar as sensações por meio do ciberespaço.

Quaisquer que sejam os seus avatares no futuro, podemos predizer que todos os elementos do ciberespaço continuarão progredindo rumo à integração, à interconexão, ao estabelecimento de sistemas cada vez mais interdependentes, universais e “transparentes” (LÉVY, 1999, p. 113).

Em sua mutação cultural, a humanidade não está experimentando este momento de metamorfose pela primeira vez – muitas foram as transformações que a marcaram ao longo dos anos. Assim se dá o relato da transição da comunicação oral para a escrita:

Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores compartilhavam uma situação idêntica e, na maior parte do tempo, um universo semelhante de significação. Os atores da comunicação evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interações (LÉVY, 1999, p.114).

As mensagens passadas por meio da oralidade, aparentemente não permitiam muitos erros de interpretação, pois todos os envolvidos ao participarem do mesmo contexto conseguiam interpretar e entender corretamente o que era dito. Por outro lado, no advento da escrita, as mensagens puderam permanecer por mais tempo na história da humanidade. Entretanto, concordamos com Lévy (1999, p. 114), quando diz: “Subsistindo fora de suas condições de emissão e de recepção, as mensagens escritas mantêm-se ‘fora de contexto’”. Um esforço muito grande deve ser realizado por aqueles que pretendem realmente entender uma mensagem que foi escrita a muito tempo atrás por alguém de uma cultura temporal diferente. Até mesmo o significado das palavras, que sofrem alterações, deve ser exaustivamente pesquisado para que a frase faça sentido à cultura vigente.

Isso trouxe fortes implicações culturais, pois se tornou necessária a criação de formas de interpretação dos textos escritos para manter a mensagem fiel à ideia do autor. Um exemplo disso foi a criação dos dicionários, que dizem o significado de determinada palavra em um determinado período da história. Portanto, a hermenêutica tem importante significância na análise de textos para uma correta interpretação:

A primeira localidade que a hermenêutica começa por desenraçar é, seguramente, a linguagem e, mais particularmente, a linguagem escrita. (...). Este traço é a polissemia, a saber, o fato das nossas palavras terem mais de uma significação, quando consideradas fora do seu uso, num

contexto determinado. Assim, o advento da escrita modificou e foi o ponto de partida para toda uma mudança cultural (RICOEUR, 1989, p.84).

Nesse sentido, a hermenêutica traz ao leitor uma visão clara da intenção do autor do texto e para isso as técnicas corretas devem ser utilizadas. Afirma Ricoeur (1989, p.85): “São, então, requeridas técnicas específicas para elevar a cadeia de signos escritos ao discurso e distinguir a mensagem através das codificações sobrepostas próprias da efetuação do discurso como texto”. Até mesmo em se tratando das modificações culturais e sua influência nas religiões, afirma Lévy (1999, p.115):

Todas as religiões “universais” (e não falo apenas dos monoteísmos: pensemos no budismo) são fundadas em textos. Se desejo converter-me ao islamismo, posso fazê-lo em Paris, Nova York ou Meca. Mas se quero praticar a religião bororo (supondo que tal projeto faça sentido), minha única opção seria ir viver com os bororos. Os ritos, mitos, crenças e modos de vida dos bororos não são universais, mas sim contextuais e locais.

De acordo com Lévy, um novo paradigma para que algo seja “universal” surgiu com o advento da escrita. Como algumas religiões foram compiladas em textos, é mais fácil colocá-las à disposição das pessoas, dando a elas uma universalidade que outra religião, que não seja baseada em livros, não consegue ter. Portanto, Lévy (1999, p.115) afirma: “Graças ao regime de verdade que se apoia num texto-revelação, as religiões do livro se libertam da dependência de um meio particular e tornam-se universais”. É necessário afirmar que isto é apenas uma constatação, e não levar em consideração nenhuma valoração ou prestígio de qual seja a melhor religião ou a correta. Para nosso estudo, isto comprova que a escrita modificou a cultura das sociedades.

Neste caminho de mudanças culturais por meio da evolução da técnica, outra grande inovação presente no mundo globalizado é o crescimento exponencial das mídias de massa. Compreende-se esta evolução como significativa para influenciar diretamente a sociedade. Explanando sobre as mídias de massa, Lévy (1999, p.116) diz: “As mídias de massa: imprensa, rádio, cinema, televisão, ao menos em sua configuração clássica, dão continuidade à linhagem cultural do universo totalizante da escrita”. As informações levadas por estes meios de comunicação de massa não consideram o contexto presente de quem o acompanha. Independente das condições contextuais e sociais do receptor, a influência da comunicação de massa

coloca todos em um mesmo universo e consegue regular a sociedade apenas pela informação transmitida, sem se preocupar com o *feedback* do receptor.

No surgimento do ciberespaço, as conexões são estabelecidas. Tanto a escrita, o áudio e a telepresença estão atuando sem nenhum padrão de preferência previamente programado. Tudo isso traz liberdade aos usuários, que são ao mesmo tempo emissores e receptores na construção e transformação de dados.

O principal evento cultural anunciado pela emergência do ciberespaço é a desconexão desses dois operadores sociais ou máquinas abstratas (muito mais do que conceitos!) que são a universalidade e a totalização. A causa disso é simples: o ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade. Ele nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita – mas em outra escala e em outra órbita – na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias on-line tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo imenso hipertexto vivo (LÉVY, 1999, p. 118).

No ciberespaço, têm-se novamente as questões que eram consideradas nos momentos antes da escrita. O contexto e a interação *just in time* fazem toda a diferença no compartilhar da informação e da mensagem transmitida. Mesmo em distâncias geograficamente quilométricas, os habitantes do ciberespaço conseguem compartilhar e explicar seus contextos para que todos os usuários compreendam claramente a mensagem. Nesta perspectiva, Lévy (1999, p.119) diz que: “Resumindo, a cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade”.

É assim que o mundo digital consegue englobar e abranger grande parte das culturas em um só lugar. Já que a totalidade não é universal, o universo cibernético pode ser heterogêneo e permitir diversos padrões juntos sem a necessidade de hierarquizar as culturas. Portanto, ao perceber a importância da internet neste processo de envolvimento humano no ciberespaço, afirmam Fontes e Gomes (2013):

É necessário salientar que a internet se diferencia dos meios tradicionais pela potencialização da interatividade e pela possibilidade de participação ativa do usuário; pela forma não-linear de produção de conteúdo e divulgação/disseminação de informação; apresentação e controle dos materiais e pela facilidade em publicação de conteúdo. Seu advento e a chamada revolução digital provocaram tanto mudanças sociais quanto comunicacionais e disponibilizaram, entre outros benefícios, opções de produção, consumo e compartilhamento de informações ao possibilitar a

convergência midiática, ou seja, a união do texto, som, imagem e telefonia em uma única mídia.

Para tanto, as mudanças socioculturais causadas pela revolução digital são exponencialmente maiores e mais relevantes do que qualquer coisa no passado. É necessário perceber o comportamento das pessoas e como elas estão se adaptando a este momento que é marcado pela interatividade virtual, automatização, inteligência artificial, informação sempre disponível e controle social.

2.1.3.1. A rede e a modificação cultural

A rede de computadores faz parte da vida cotidiana de muitas pessoas ao redor do mundo. Talvez a curiosidade, que é intrínseca à humanidade, uns mais e outros menos, pode ser o sentimento primeiro para adentrar ao ciberespaço. Não se pode esquecer o grandioso senso de criatividade presente nos seres humanos, capazes de transformar matérias-primas em qualquer coisa. Assim a internet é mais uma ampliação do estado criativo do homem.

Um dos primeiros pontos a serem explanados é a afirmação de Fontes e Gomes (2013), que diz: “A tecnologia da informação e da comunicação transformou o sentido de lugar no mundo, e passou-se a ter uma nova noção do espaço. Pessoas de diferentes países, culturas, línguas passam a se relacionar através da rede”.

As culturas, mesmo que em grandes extremidades do planeta, convivem uma ao lado da outra no ciberespaço. Não existe espaço para aniquilação ou conquista do território do outro. Muito comum no passado era a ideia de conquistar e inculturar, para assim viver em paz. Entretanto, no ciberespaço pode-se dizer que sempre tem espaço disponível, e com isto, até mesmo as ideias contrárias sobrevivem no mesmo lugar.

O idioma, que é a marca comunicacional das diversas culturas, deveria ser o primeiro muro de impedimento para o contato dos usuários, entretanto no ciberespaço isto nem é levado em consideração por conta dos programas de tradução simultâneos, sempre *on-line* e cada vez mais confiáveis. Sistemas de tradução de idiomas, com aprendizagem compartilhada de retroalimentação e alcance mundial, são a marca deste espaço cibernético. O registro bíblico sobre a

torre de babel⁷ e a divisão de línguas entre os seres humanos parecem ter sido vencidas no ciberespaço.

Ainda lembrando o registro bíblico da torre de babel, se antes o que impedia os homens de crescer era a falta de entendimento, hoje pode-se dizer que se está a caminho do “infinito e além”. Então, se a comunicação é possível, as culturas podem ser compartilhadas, comentadas e até mesmo mescladas.

As cidades e suas estruturas são outro exemplo de como o ciberespaço modificou a cultura. Praticamente tudo em uma cidade está interligado ou controlado por meio de bit's e bytes. A ausência da internet em grandes capitais representa uma parada geral, e até mesmo um desespero por parte daqueles que dependem do ciberespaço para trabalhar e viver.

As cidades que estão ligadas ao ciberespaço também não exigem mais a presença física do usuário. O cidadão se transforma em números binários que interagem com um programa que previu todas as situações possíveis e apresenta uma solução para cada situação, e tudo isto feito por meio do conforto de sua própria casa. Não é necessário ir, pois com apenas alguns cliques tudo se resolve, e isto é sinônimo de segurança. Portanto, afirmam Fontes e Gomes (2013):

A possibilidade de se fazer compras e transações bancárias em casa, utilizando a internet, podem servir como exemplos de serviços que anteriormente só eram oferecidos em espaços reais nas cidades – lojas e bancos – e que hoje também estão presente no espaço virtual. Ou seja, a presença física já não é mais necessária para exercer algumas atividades ou ter acesso a certos serviços.

Estes serviços tiveram um *boom* no mercado financeiro, onde muitas pessoas pagam a mais pela “taxa de serviço”, que representa o conforto e segurança de receber tudo em casa. A abertura das novas possibilidades continua a criar novos serviços, e assim, modificar a sociedade.

Muitos outros exemplos podem ser comentados a respeito das modificações sociais e culturais que o ciberespaço vem construindo. E assim, por conta das facilidades virtuais, a sociedade vive um comodismo da vida real e um ativismo no mundo virtual. O mundo hoje está conectado em rede.

⁷ Gênesis 11: 1 – 9. Bíblia Sagrada.

2.1.3.2. Redes móveis e *wi-fi*

A nova ordem no mundo cibernético é: esteja sempre conectado. Portanto ninguém deve ficar muito tempo *offline*, pois os amigos, informações de trabalho, *e-mails*, e toda parte de entretenimento estão *online* e podem chegar a qualquer momento. É importante pensar sobre estes dois *status online e off-line*, que conduzem a vida social e podem impactar em vários segmentos do mundo real.

Nem todas as pessoas do mundo estão conectadas ao ciberespaço, mas podemos afirmar que existem mais dificuldades de participação no mercado de trabalho para esses, pois a conexão é o meio mais utilizado pela maioria das organizações. A conexão com a internet é o elo em grandes cidades, que, por serem automatizadas, perdem o completo funcionamento se não houver uma rede ligada à internet. Assim, podemos afirmar que cada vez mais o *wi-fi* e as redes de dados móveis serão obrigatoriedade em qualquer sociedade.

É necessário o entendimento das palavras *online* e *offline* para um entendimento completo do estudo proposto.

Online é uma palavra inglesa que, traduzida, quer dizer “disponível” ou “na linha”, por representar a linha de conexão. Não é apenas uma força de expressão, mas é um estado que garante o direito de ir e vir no mundo cibernético. Estar *online* não é um status que permite ter-se acesso a tudo o que se quiser, pois existem os protocolos de segurança, mas deixa disponível ao acesso caso se tenham as devidas permissões. Em um comparativo com a vida real, também se percebe que funciona desta mesma forma. Enquanto vivos, pode-se dizer que estamos *online* e, com as devidas permissões, temos acesso a muitas coisas.

A outra palavra é *off-line*, que significa “indisponível” ou “fora da linha”. Também de origem inglesa, isto acontece quando a conexão é cortada, interrompida ou não efetuada. Representa a ausência do usuário no ciberespaço, que, assim, não pode acessar os dados nem interagir com eles. Assim é todo aquele que fica *offline* no ciberespaço, é comparado à morte, que apesar do corpo ainda presente (aparelho tecnológico) não tem nenhuma atividade.

O contexto cibernético trafega nestas duas palavras, e são elas que dão sentido de existência nesta caminhada virtual. As conexões estão cada vez mais disponíveis, pois todos os avanços tecnológicos convergem para a necessidade de

permanecer cada vez mais conectado. Os celulares e seus aplicativos (apps) são desenvolvidos para exigir conexões constantes para enviar e receber dados da rede.

A relevância do ciberespaço na vida é tão grande que já existem os “analfabetos digitais”. Estes se sentem afastados da sociedade e não conseguem interagir, pois praticamente tudo exige uma conexão.

Tanto as redes móveis quanto o *wi-fi* fazem parte da vida dos indivíduos e se tornam necessários para que a conexão não dependa de um cabo para a permanência no ciberespaço. Como as informações trafegam com grande velocidade, ficar *offline* pode representar ausência do indivíduo e a perda de informações importantes. A instantaneidade e a dúvida sobre a relevância das informações fazem com que seja mais seguro ficar *online* para não perder nada, pois tudo pode acontecer.

É nítida a mudança social no quesito controle digital, pois é muito mais simples encontrar pessoas e manter o contato com elas. Assim, por exemplo, os pais e filhos permanecem ligados por um aparelho celular que facilmente pode ser acionado para saber se tudo está bem. A exigência de uma resposta rápida a uma mensagem instantânea leva as pessoas a um nível alto de preocupação e a serem impacientes uns com os outros. É intenso o uso do aparelho celular, e cada vez mais ele substitui a necessidade de utilizar computador:

O celular passa a ser um “teletudo”, um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS7, WAP8, atualizador de sites (moblogs), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica... Podemos agora falar, ver TV, pagar contas, interagir com outras pessoas por SMS, tirar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar tickets para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das smart e flash mobs). O celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um “teletudo” para a gestão móvel e informacional do cotidiano (LEMOS, 2004).

Ficar distante de um celular pode ser angustiante, tanto para o indivíduo quanto para todos os que queiram manter contato com ele. Assim, todas as formas de interação permanecem disponíveis apenas *online*.

Portanto, podemos afirmar mais uma vez que é essencial permanecer conectado, e não mais uma opção, por isso cada vez mais as redes *wi-fi* e as redes móveis estarão presentes em cada canto do planeta.

2.2. Ciberteologia como resposta ao desafio

2.2.1. Ponto de partida

Precisamos refletir a partir de algumas informações centrais do nosso estudo, e a primeira delas está na afirmativa de Spadaro que coloca o ciberespaço como um ambiente, e não mais uma ferramenta. Com isso, o autor nos propõe pensar o ciberespaço como um lugar onde as pessoas habitam, se relacionam, convivem, mesmo que de forma virtual.

Ao tratar sobre teologia, também é necessário afirmar que Deus se revelou a toda a humanidade, segundo a Bíblia. A afirmativa bíblica que diz “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”⁸ mostra que, conseqüentemente, ele habitou na humanidade e partilhou das mesmas situações e aspirações da criação. Este Verbo é o *Logos*, ou seja, a Palavra, é Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado como sendo a comunicação de Deus a todos os homens. Dessa forma, ao falar sobre o “Verbo”, afirma Sbardelotto (2012): “O verbo é o princípio da vida cristã: uma palavra que fala, que dialoga, que interage, que se comunica com o ser humano”.

Antes de adentrar no conceito de ciberteologia, faz-se necessário conceituar a teologia. Assim, de forma básica, afirma Erickson (2015, p. 22): “O estudo ou a ciência de Deus”. O autor primeiramente aponta uma tradução literal da palavra teologia, e por isso o conceito básico. Na continuação de sua explanação, o autor foca na teologia cristã:

Entretanto, o Deus do cristianismo é um ser que age e, assim, deve-se ampliar essa definição inicial para que ela inclua as obras de Deus e sua relação com elas. Desse modo, a teologia sempre procura entender a criação de Deus, em particular os seres humanos e sua condição, e a atuação redentora de Deus em relação à humanidade (ERICKSON, 2015, p.21).

Explanando uma visão mais completa sobre a teologia cristã, é necessário assinalar o que essa disciplina propõe:

É a disciplina que procura afirmar, de modo coerente, as doutrinas da fé cristã, fundamentada principalmente nas Escrituras, situada no contexto da cultura em geral, verbalizada numa linguagem atual e relacionada com as questões da vida (ERICKSON, 2015, p.21).

² João 1:14a. Bíblia Sagrada.

Assim, a teologia propõe um estudo coerente a respeito da revelação de Deus em toda a Sua criação, que se relaciona com as questões da vida, portanto, isso também inclui os seres humanos e tudo aquilo que é criado por eles. Percebe-se que, assim como as coisas criadas por Deus o revelam, pode-se dizer que aquilo que os homens criam também revela algo sobre eles.

É verdade que a tecnologia sempre trás consigo uma aura que provoca espanto e também inquietação. Mas quais seriam os motivos pelos quais surgem esses sentimentos? Provavelmente porque o que a tecnologia pode realizar correspondente a antigos desejos e profundos medos (SPADARO, 2012, p.16).

Assim, a tecnologia é vista como o resultado de algo que esteve no imaginário humano, sendo ela a realização da criatividade humana. Ao perceber a criação e as aspirações do ser humano, através da tecnologia, também se pode encontrar os desejos espirituais que fazem parte do ambiente religioso.

Logo, o ambiente religioso e sua relação com o ambiente digital representa um novo lugar para a teologia e também um grande desafio.

O ambiente digital emerge como um novo lócus religioso e teológico. Foram-se novas modalidades de percepção, de experiência e de expressão do "sagrado" em novos ambientes comunicacionais. E as práticas sociais no ambiente *on-line*, a partir de lógicas midiáticas, complexificam hoje o fenômeno religioso. Isso diz respeito especialmente às tradições religiosas mais históricas, como o Cristianismo, dada a sua existência bimilenar, em sua relação com esse *novum* comunicacional contemporâneo (SBARDELOTTO, 2017, p.24).

Entendendo assim, podemos afirmar que o ciberespaço, que é influenciado pelas lógicas midiáticas, também é lugar para todos os aspectos da fé, e é alvo da missão de Deus em revelar a salvação a toda humanidade.

Todavia, retomaremos ao questionamento de Spadaro (2012, p. 38): "Como, de maneira mais ampla, a cultura digital influirá no modo de fazer um discurso sobre Deus e sobre a fé,(...)?". Será que a evolução tecnológica influenciou ou alterou a nossa compreensão sobre o sagrado? Podemos pensar também sobre os aspectos do ciberespaço que revelam algo sobre Deus?

As questões teológicas devem ser observadas de forma a esclarecer se a evolução tecnológica tem afetado o entendimento sobre Deus, e se o ciberespaço é ou não um campo a cumprir a missão dos cristãos baseados no texto bíblico que se encontra em Mateus 28: 18 – 20, conhecido por muitos como "a grande comissão".

Neste texto bíblico os discípulos são enviados a todos os lugares habitados e "até os confins da terra".

E isso também por mandamento divino: além do "Verbo" que dá origem ao mundo e se comunica pela pessoa de Jesus Cristo, segundo a tradição cristã, os relatos dos Evangelhos apresentam o mandato de Jesus a seus discípulos para que vão por todo mundo pregar a Boa Nova a todos os povos (cf Marcos 16,15; Mateus 28,19) (SBARDELOTTO, 2012, p.22).

Uma característica que pode ser ressaltada é o envio de discípulos a todos os lugares, sendo também um evento comunicativo:

O cristianismo é fundamentalmente um evento comunicativo. Tudo na revelação cristã e nas páginas bíblicas transpira comunicação: os céus narram a glória de Deus, os anjos são seus mensageiros e os profetas falam em seu nome. A sua maneira tudo – anjos, sarça ardente, mesas de pedra, sonhos, asnos, tons, sussurros e sopros de vento ligeiro – pode se tornar um dos meios que realizam essa comunicação (SPADARO, 2012, p.24).

A ciberteologia, portanto, é o estudo da compreensão de Deus no ciberespaço, e como conectar e encarnar o evangelho nesse novo ambiente digital. A implicação do ciberespaço como realidade de um ambiente habitado traz a urgência da reflexão teológica para alcançar o ser humano em sua integralidade.

Assim, na constatação desse evento comunicativo, a vivência no ciberespaço e visando ao avanço da evangelização, o objetivo de nosso estudo será: apontar como a lógica da rede influencia o modo de pensar Deus e a fé, e encontrar "caminhos" para a comunicação do evangelho aos nativos digitais.

2.2.2. Potencialização das vontades por meio da tecnologia

A potencialização do ser humano revelada por meio da tecnologia chama a nossa atenção pelo fato de que ela tenta reproduzir a criação visível no mundo virtual. Aquilo que se anseia que aconteça na humanidade está presente de diversas formas nesse ambiente virtual.

O que a tecnologia permitiu ao ser humano foi o poder de ampliar ou potencializar suas vontades, desejos, medos e sua criatividade.

As virtualidades parecem expressar nossa vontade de onipotência, onipresença, e o *Google* parece ser um exemplo que revela o nosso desejo pela

onisciência. Nesse sentido, para explanar mais sobre o Google, Miklos registra algo que encontrou em um blog, acessado em 20 de fevereiro de 2009, e diz:

Google é a coisa provada cientificamente mais próxima da onisciência, ao indexar 9,5 bilhões de documentos on-line; Google é onipresente, você consegue acessar de qualquer lugar; Google responde às suas dúvidas; Google é imortal. Não é orgânico, seu algoritmo pode sobreviver por séculos, apenas mudando de servidores; Google é infinito. Pode crescer infinitamente, apenas ligando mais computadores a ele; Google lembra-se de tudo e de todos. Suas opiniões expressadas na internet pode vir parar dentro do Google e serem lembradas para sempre; Google é benevolente. Faz parte da filosofia da empresa fazer dinheiro sem praticar atos danosos; O nome "Google" é mais procurado pela humanidade que os termos "Deus", "Jesus", "Buda", "Alah", "Cristianismo", "Islamismo", "Judaísmo" juntos. São abundantes as evidências que o Google existe (MIKLOS, 2012, p.86).

Algo a ser percebido, quando se trata do nosso desejo de onipotência, são os jogos virtuais, que simulam situações reais e permitem a cada usuário experimentar circunstâncias que podem expressar um desejo interior. Pode-se exemplificar pelo jogo Grand Thief Auto (GTA), que é a simulação de uma cidade onde cada jogador deve cumprir missões que envolvem roubos de carro, sequestro, armas, assassinatos e até mesmo coisas mais simples, como corte de cabelo, tatuagens e etc, entretanto a cada nova atualização do jogo os detalhes vão recriando a vida real no mundo virtual com perfeição. O que acontece quando o jogador é preso ou morto no jogo? Ele, com um simples botão, pode recomeçar e fazer tudo novamente quantas vezes for necessário para avançar à próxima missão. Outros jogos como Counter-Strike simulam confronto direto entre militares e terroristas, em que cada mapa do jogo tem o seu objetivo, mas o uso das armas, tiros, bombas e estratégias são recursos sempre à disposição de cada jogador.

Talvez a compreensão de que é apenas um jogo virtual possa nos deixar menos sensíveis à realidade, ou até mesmo nos leve a confundir o que é real e o que é virtual. Ainda outros jogos poderiam ser mencionados, como Call of Duty, Free Fire, PUBG, entre outros. O interessante é perceber que o usuário tem domínio sobre todos os aspectos do mundo virtual, podendo a qualquer momento recriar, recomeçar, mudar, e tantas outras formas de controle. Entretanto, no mundo real isso não é possível. Logo, em uma rápida análise de jogos virtuais, podemos perceber o anseio pela onipotência.

As tecnologias voltadas para a rede de telecomunicações representam nosso desejo pela onipresença. As redes sociais refletem o nosso desejo de permanecer

nos melhores momentos de nossas vidas. A cada foto postada, o desejo de eternizar o momento, e em cada videoconferência com pessoas em lugares distintos pode-se dizer que se realiza, de forma micro, o desejo pela onipresença.

A experiência de domínio total sobre uma realidade, mesmo que virtual, é expressamente uma espiritualidade característica do divino nos seres humanos. Após ter criado todas as coisas, a Bíblia relata que assim disse Deus: " façamos o homem a nossa imagem e conforme a nossa semelhança". O Deus criador criou seres humanos criativos. Nesse contexto, afirma Spadaro (2012, p.26): "O crente sabe ver na tecnologia a resposta do homem ao chamado de Deus para dar forma e transformar a criação e, portanto, também a si mesmo, com o auxílio de instrumentos e processos". É, então, em resposta ao chamado divino, que ao longo de toda a história da humanidade, as invenções e criações não param de acontecer.

Não é difícil fazer relações entre a tecnologia e a espiritualidade, mas devemos ter bastante atenção para perceber que existe uma ambiguidade na tecnologia, que pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Por isso, afirma Spadaro (2012, p.26): "Neste sentido a técnica é ambígua porque a liberdade do homem pode ser despendida também para o mal". Nosso intento de criar e potencializar aquilo que criamos também nos proporcionou tanto aparelhos que salvam vidas como armas que podem destruir milhares de outras.

Outro fator de grande relevância em nosso estudo é a percepção de que a espiritualidade nos chama à transcendência. Em mesmo sentido o ciberespaço acompanha este chamado e nos coloca para além da condição humana, como afirma Spadaro (2012, p. 29): "Todavia, se bem entendida, ela consegue exprimir uma forma de desejo ardente de 'transcendência' com relação à condição humana assim como é vivida atualmente". Por meio do ciberespaço, que foi criado a partir da evolução da técnica, o ser humano consegue ultrapassar as suas condições naturais de trabalho, comunicação, compartilhamento, armazenamento e em muitos outros aspectos.

Ao perceber a relação entre espiritualidade e tecnologia, Spadaro (2012, p. 25) diz: "A tecnologia é, pois, a força de organização da matéria por um projeto humano consciente". Assim, o projeto humano consciente expressa o desejo de domínio sobre todas as coisas, mesmo que em alguns aspectos ele se torne real apenas no mundo virtual.

2.2.3. A ciberteologia em definição

Ao buscar definir uma palavra, almeja-se encontrar os limites do estudo, pois os campos tecnológico e teológico são por demais extensos. Talvez não seja possível chegar a uma definição fechada a respeito do tema, pois a tecnologia continua a passar por metamorfoses, mas como base da definição utilizaremos aquilo que diz Spadaro e ainda assim outros autores também servirão de suporte para definir a ciberteologia.

Buscando um aprofundamento da questão da ciberteologia, Spadaro mostra aquilo que Susan George percebeu e apresentou como quatro definições de ciberteologia:

A primeira definição a enquadra como teologia dos significados da comunicação social em tempos da internet e tecnologias avançadas. A segunda, a entende como uma reflexão pastoral da forma de comunicar o Evangelho com as capacidades próprias da rede. A terceira, a interpreta como um mapa fenomenológico da presença do religioso na internet. A quarta, como o singrar a rede entendida como lugar das capacidades espirituais (SPADARO, 2012, p.39).

Cada definição que Susan buscou apresentar coloca um foco diferente na ciberteologia, em cada conceito apresentado enquadra a teologia, mas ainda não o suficiente para Spadaro. Aprofundando ainda mais o tema com base naquilo que disse a teóloga inglesa Debbie Herring:

A teóloga inglesa Debbie Herring distinguiu três seções: “teologia no”, “teologia do” e “teologia para” o ciberespaço. A primeira recolhe materiais teológicos disponíveis na rede; a segunda proporciona uma lista de contribuições teológicas para o estudo do ciberespaço; a terceira consiste em uma coletânea de locais que se faz teologia na rede (fórum, site, mailing list, etc). Essas distinções são interessantes e aumentam a clareza, enriquecendo a reflexão (SPADARO, 2012, p. 39 – 40).

A ciberteologia, para Spadaro, ainda precisava de uma definição própria, pois não é uma disciplina tão fácil de ser definida. Assim, avançando em busca de uma definição, Spadaro (2012, p.40) conclui que: “É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos da rede, isto é, a reflexão sobre a ‘pensabilidade’ da fé à luz da lógica da rede”. A reflexão é explicada pelo autor, como sendo o modo no qual a lógica da rede possa modelar a escuta e leitura da Bíblia, a forma como as pessoas começam a compreender a igreja, a comunhão, a reflexão e a liturgia (SPADARO, 2012).

É importante perceber como as pessoas que vivem conectadas compreendem as questões teológicas, e principalmente o entendimento de alguns conceitos da teologia sistemática (Deus, fé, salvação, justificação, trindade, pecado, morte e etc). Precisaremos então retomar o questionamento de Spadaro que pergunta se a lógica de rede tem influenciado diretamente a compreensão sobre Deus e a fé.

Para ratificar o que é ciberteologia, Spadaro (2012, p.41) revela o que ela não é: “A ciberteologia não é, pois, uma reflexão sociológica sobre a religiosidade na internet, mas resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar e viver”. Para que assim se possa delimitar o espaço de reflexão e toda a percepção dada a este novo contexto existencial na lógica da rede.

Partindo da afirmativa de Spadaro, uma premissa a ser compreendida é a influencia que a lógica da rede tem na vida dos seres humanos. Portanto, podemos afirmar, respondendo à pergunta feita no tópico acima, que sim, a rede modificou a forma como o homem pensa, conhece, comunica e vive. Agora, precisamos entender como funciona a lógica de rede e qual a sua relação com a lógica do evangelho.

2.2.4. A lógica da rede

Os servidores, cabos, conexões, dados e todo o conjunto seguem uma lógica muito bem arquitetada para funcionar. O que chamamos de rede também pode ser entendida como internet. Assim, vamos pensar de forma abrangente sobre a lógica da rede.

Essa foi, sem dúvidas, uma grande façanha da humanidade, conseguir interligar diversos aparelhos eletrônicos a servidores que se comunicam entre si, e não somente isso, mas colocá-los em conexão constante. A rede de computadores não é apenas uma única rede, ela é formada por diversas redes espalhadas pelo mundo e basicamente podemos dizer que ela proporciona compartilhamento de informações, compartilhamento de recursos e contato entre pessoas.

Em um primeiro momento, pode-se dizer que a lógica da rede está alicerçada em conectar, compartilhar e disponibilizar, mas não somente no sentido de colocar próximo, o grande diferencial da rede é a conexão para a interação em tempo real.

Durante os processos históricos, pelos quais a humanidade passou, nada se comparou com a amplitude que a rede ganhou e continua a ganhar. É, sem dúvidas, esse alcance mundial que a torna tão singular, e um marco na história da humanidade.

O caminho que a rede proporciona é de tráfego constante de dados. Os servidores espalhados pelo mundo permitem a circulação de diversas informações por meio das redes.

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet (CASTELLS, 2013, p.7).

Um paralelo apontado é que a construção de redes não é novidade na história da humanidade. Portanto, ao perceber que a rede é um conjunto de nós que permanecem interconectados, podemos nos remeter a Bíblia e pensar sobre o relato da caminhada do grande povo à terra prometida, quando é dado o conselho de Jetro a Moisés, ao dividir o povo em grupos e colocar líderes sobre os grupos, justamente para não sobrecarregar⁹. Percebe-se, nesse ato, a criação de redes, ainda não energizadas, mas redes de informação compartilhada.

Apontando sobre as qualidades das redes, mesmo que nesse caso considerando a rede como ferramentas de organização

As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (CASTELLS, 2013, p. 7).

A lógica da rede exige flexibilidade, e principalmente no mundo moderno que passa por transformações e adaptações constantes.

2.2.5. A compreensão teo-lógica da fé na linguagem da rede

A rede de computadores é um ambiente de informação constante, e podemos dizer que a forma mais rápida para repassar um dado. A fé cristã, também uma comunicação constante, contém diversas palavras e ensinamentos que a norteiam e

⁹ Êxodo 18:13-24.

fazem parte da sua doutrina – palavras essas que são carregadas de significado e que servem como base para a compreensão da fé.

Assim, uma pergunta deve servir de base: a rede utiliza as linguagens da fé? Caso a resposta seja positiva, então surge outro questionamento: mas essa utilização alterou o significado dessas palavras? Ou seja, nossa forma de entender o que essas palavras significam no mundo teológico e no mundo tecnológico foram alteradas? Portanto, precisamos perceber os riscos e problemas inerentes a estas perguntas que são relevantes para o nosso estudo.

O modo de pensar de uma sociedade, seus significados, e até mesmo a forma de escrita são alteradas constantemente, e por meio dos contextos as palavras vão ganhando novos sentidos. Pode-se utilizar como exemplo a palavra *site*, que pertence ao inglês, mas que já faz parte do cotidiano dos brasileiros. Caso se utilize a tradução literal da palavra, tem-se a palavra *sítio*, entretanto não é comum ouvir as pessoas perguntando pelo *sítio* quando se referem a uma página da internet. Ao se referir a palavra *sítio*, a maioria das pessoas pensa em uma casa distante da cidade com animais e coisas desse tipo. Assim percebemos que o mundo tecnológico mudou a forma de entendimento contemporâneo, e, portanto, devemos analisar com clareza se o mesmo ocorre quando o mundo tecnológico se utiliza de palavras pertencentes à teologia cristã.

Um campo no qual é possível verificar como as tecnologias estejam começando a influir também no modo de pensar a fé cristã é aquele da linguagem. Quando se trata de lidar com o computador e os arquivos de vários tipos, atualmente usamos continuamente palavras como "salvar", "converter", mas também "justificar": salvar um documento de texto, converter entre diversos tipos de formato eletrônico, justificar a página à direita ou esquerda. Estas três palavras são muito conhecida dos teólogos e por detrás delas há uma percepção importante que não está simplesmente ligada a um modo de "dizer" a fé, mas, talvez, de "pensá-la" (SPADARO, 2012, p. 32).

Uma observação a ser feita da afirmativa acima é que um texto justificado é quando ele toma as mesmas proporções em suas extremidades, ou seja, quando ele fica alinhado com as margens, e não quando se coloca o texto justificado à esquerda ou à direita.

A linguagem da rede, portanto, tem-se utilizado de algumas palavras da fé em seus processos eletrônicos. Talvez para os teólogos mais experientes, a diferenciação de significado dessas palavras seja de fácil entendimento, mas não

para aqueles que nascem em meio ao avanço da tecnologia digital, que chamamos de nativos digitais. As três palavras utilizadas por Spadaro (2012) para exemplificar a linguagem da rede em contraste com a linguagem da fé são de extrema importância doutrinária para o cristianismo. Salvar, converter e justificar não tem o mesmo sentido na rede e na teologia. Outras palavras poderiam ainda ser citadas, como por exemplo: restaurar, apagar, compartilhar, seguir, e etc. Talvez tenham palavras que o significado seja o mesmo, mas que funcionem de forma totalmente diferente quando se relaciona a palavra no sentido da rede e no sentido teológico.

Antes de tudo é interessante entender a raiz teológica destes termos em sua aplicação à informática. Entretanto, poderia ser ainda mais interessante entender qual seja vice-versa o impacto que um novo entendimento desses termos possa ter, talvez de maneira imprevisível, para a inteligência da fé. Além disso, seria preciso entender se é possível falar de uma "inteligência digital" e quais seriam as suas características (SPADARO, 2012, p.32).

O estudo aprofundado de cada termo e sua aplicação, tanto na teologia como na informática, é apontado por Spadaro (2012) como necessário. Entretanto, ao apontar que o campo teológico e informático são terrenos instáveis e ainda problemáticos, deve-se percebê-los como distintos e metodologicamente separados. Porém, Spadaro (2012, p. 33) afirma: "Todavia, sabemos que a linguagem e as metáforas modelam nosso modo de imaginar e compreender a realidade em geral". Existe, portanto, uma relação de compreensão da realidade por meio da linguagem, tecnologia e a rede. Assim, perceberemos brevemente que a linguagem teológica sofre mudanças de significado quando utilizadas na rede.

Para uma simples reflexão, Spadaro (2012) aponta a diferença de significado nas palavras salvar e converter. Ao direcionar a atenção para a palavra salvar, Spadaro (2012, p.34) questiona: "O que significa salvar um arquivo de texto ou uma foto apenas modificada com um programa adequado?". Ele leva o leitor a refletir sobre o sentido da palavra salvar no meio tecnológico. Logo, Spadaro (2012, p.34) responde: "Salvar alguma coisa no mundo digital significa salvá-la do olvido, esquecimento, do cancelamento". Ou seja, é deixar o arquivo disponível para acesso a qualquer momento e não permitir que ela seja esquecido. Ainda podemos acrescentar que quando o arquivo é salvo, ele está apenas localmente salvo, pois em outras máquinas e aparelhos a sua salvação não foi computada. A contemporaneidade nos permite salvar arquivos em Nuvem, que poderemos acessar

vinculados a um usuário e com as devidas permissões, mas ainda assim o salvar de um arquivo não é universal. Entretanto, na teologia a palavra salvar tem outro sentido, e Spadaro (2012, p.34) afirma: “Salvar no sentido teológico significa salvar da perdição, da condenação. O perdão é salvação de um castigo. Salvação e perdão são termos que se evocam reciprocamente”. Assim, a salvação no mundo teológico se remete também ao perdão dos pecados para que o ser humano possa escapar da condenação eterna que lhe estava proposta.

A salvação digital, o "salvamento" é exatamente o oposto do cancelamento. Se um arquivo é salvo, tudo, até mesmo os erros permanecem fixados, não esquecidos. A salvação digital, portanto, cancela o olvido. E hoje em dia a rede é o lugar onde o olvido é impossível, o lugar que nossos rastros ficam potencialmente incanceláveis. Se quiséssemos nos inventar uma nova vida, os rastros do passado estariam ali sempre à mão do vizinho de casa (SPADARO, 2012, p. 34).

A problemática apresentada no termo salvar tem significados diferentes, na teologia e na tecnologia (Spadaro, 2012). Ao tratar do salvar, conciliando a teologia com a tecnologia, ele fala sobre uma pessoa que vive na prostituição digital, como ator ou atriz, e decide mudar de vida. A pessoa sabe que aqueles vídeos e imagens expostas na internet sempre estarão disponíveis para lhe lembrar, que no mundo virtual ela ainda é um ator ou atriz de prostituição. As pessoas que viram as imagens provavelmente farão menção daquilo que está salvo na rede. Nesse paradoxo do que vem a ser salvação na rede, Spadaro (2012, p.35) afirma: “A ‘salvação digital’ (isto é, o ‘salvamento’) da atriz pornográfica coincide paradoxalmente com a impossibilidade do seu ‘perdão’.” Esse caso extremo, que foi apontado acima, é apenas para exemplificar a mudança de significado e sentido que há na palavra salvar.

A finalidade do salvar na teologia está ligada a perdão de pecados, esquecimento de coisas ruins que já passaram e a possibilidade de uma vida nova. Na rede, a finalidade de salvar é não esquecer. E por isso, retomando as palavras de J. Rosen, afirma Spadaro (2012, p.35): Portanto, ‘diante das dificuldades de viver num mundo sem perdão, devemos [...] encontrar novos modos de perdoar os rastros digitais que levaremos conosco para sempre”. Pensando sobre estes conceitos de salvação, Spadaro (2012, p. 36) deixa uma pergunta: “No mundo em que ‘o meu pecado sempre está diante de mim’ (Salmo 51, 5) e tudo é digitalmente salvo, como resultará pensável a salvação religiosa?”.

Outra palavra que é utilizada na teologia e na rede é a conversão. Portanto, Spadaro (2012, p. 36) explica: "Converter um arquivo significa substancialmente mudá-lo para outro 'formato'. É uma questão de código e, portanto, de linguagem. A conversão digital é uma espécie de tradução".

Ao explicar sobre o que vem a ser a conversão de um arquivo, Spadaro (2012) mostra que um arquivo precisa ser convertido quando outro programa utilizado não consegue ler, decifrar ou abrir. Nesse sentido Spadaro (2012, p. 36) afirma: "A conversão é, pois, uma redenção da incomunicabilidade". Já a conversão no sentido teológico é uma mudança de direção, é encontrar um novo sentido, e assim Spadaro (2012, p.37) diz: "[...], esclarecendo a conversão teológica do significado original de se abrir de novo para uma relação rompida, de restabelecer um contato que gera sentido". Logo, ao tratar de uma conversão no campo religioso, não podemos pensar apenas como a redenção para uma comunicação. O sentido da conversão é um novo direcionamento, restabelecer uma relação rompida e um novo sentido.

Uma palavra que tomou conta de grande parte da internet, principalmente quando se pensa em comunidades da rede foi a palavra "seguir". No ciberespaço é muito fácil e simples começar a "seguir" alguém ou alguma página de seu interesse, basta apertar um botão e pronto. E não somente isso, pois cada pessoa pode seguir quantas outras quiser. No sentido teológico, seguir não é tão simples quanto apertar um botão e nem se pode seguir a vários. É uma decisão, que exclui todas as outras, e um chamado que exige renúncias. A Bíblia revela isso principalmente por meio do ministério de Jesus Cristo, quando chama seus discípulos para o seguirem.

Os desafios de análise e relação com o sentido das palavras no campo teológico e no campo tecnológico são imensos, e muitos deles podem até passar despercebidos e ainda corremos o risco de mesclar os campos:

O risco de mesclar os campos é grande. E ainda maior o de se cair numa espécie de 'ideologia' da rede. No entanto, é preciso estar consciente de que a cultura do ciberespaço coloca objetivamente, além de qualquer outra consideração, novos desafios para a nossa capacidade de formular e escutar uma *linguagem simbólica pública que fala da possibilidade e dos sinais de transcendência em nossa vida* (SPADARO, 2012, p. 37).

2.3. Conclusão em transição

A sociedade está imersa neste mundo da cultura do ciberespaço, e como campo de tráfego de informações, é papel dos teólogos um maior engajamento e envolvimento para apresentar as diferenças entre palavras iguais, pois elas possuem o sentido totalmente diferente. O desafio lançado é para que a cultura do ciberespaço não simplifique tanto as informações a ponto de a sociedade perder a importância do sentido da linguagem, e principalmente a linguagem teológica.

Concluindo, podemos constatar que existe um público majoritariamente pertencente ao ciberespaço, e esses são os jovens – tanto que já existe a primeira geração de Nativos Digitais. Podemos constatar que nem a TMI nem a ciberteologia conseguem atingir de forma específica e eficaz, os Nativos Digitais, que poderíamos batizar de “ciberjuventude”. Enfim, a TMI não inclui o tema do ciberespaço nem considera a juventude especificamente; a ciberteologia fala sobre ambiente da rede, mas será que não consegue colocar o Nativo Digital como lugar teológico? Assim, vamos pensar em uma TMI no ciberespaço para os Nativos Digitais.

3. MISSÃO INTEGRAL E CIBERTEOLOGIA: UMA ABORDAGEM PARA OS NATIVOS DIGITAIS

Uma nova abordagem precisa ser feita partindo dos conceitos expostos sobre a teologia contextual, conceito já exposto em nosso primeiro capítulo com ênfase dada ao que Gibellini (2012, 546) afirma: “(...) teologias contextuais vai além do aspecto literário e faz referência aos contextos socioeconômico, cultural, religioso”, e mais especificamente à Teologia da Missão Integral (TMI), que ampara o ser humano em todos os aspectos de sua vida, buscando encontrar caminhos para alcançar os jovens que nasceram em meio à existência da internet e vivem no mundo digital, os quais chamaremos, de agora em diante, de Nativos Digitais.

Já referenciado anteriormente, Sanches (2009) elencou três eixos conceituais fundantes da TMI, a saber: “contextualização, integralidade e missão”. Qual a pertinência dessa teologia diante de um novo contexto, em que não se pode ficar mais restrito a um país ou continente, já que o mundo está interligado? Por sua vez, a integralidade presente na TMI também faz parte da totalidade que o mundo cibernético busca alcançar. Mas será que estamos falando do mesmo horizonte de extensão, espaço e tempo? A missão, colocada como fundamental na TMI, continua sendo um desafio, mas agora deverá estar ligada a esse novo contexto mundial, o qual precisa ser encarado como lugar a partir de onde se poderá perguntar por Deus e pela linguagem da evangelização.

Em nosso estudo, percebemos que, por um lado, não há nenhuma abordagem da TMI direcionada ao ciberespaço, abrindo-se espaço para um trabalho pioneiro de reflexão; por outro lado, devemos considerar que o ambiente digital faz parte da vida de muitas pessoas e, de forma quase total, dos jovens, sobretudo a partir da década de 90.

O próprio conceito de Missão Integral coloca essa teologia em constante transformação para que consiga alcançar a sociedade em todos os seus ambientes, gerando um novo olhar sobre as demandas sociais e a relação com o evangelho de Jesus Cristo.

Neste capítulo apresentaremos os Nativos Digitais e o contexto do ciberespaço, para expor o ciberespaço como lugar de missão para a TMI. Devemos

ter em mente que não conseguiremos abordar todas as questões sobre temas tão relevantes e que continuam a sofrer transformações.

3.1 Os Nativos Digitais

Um público ainda pouco conhecido, que surge por conta do ciberespaço, nasceu junto com a internet e vive sempre conectado. Esse público praticamente não consegue encarar a vida sem a internet e as tecnologias inerentes a esse contexto. É, portanto, o público-alvo deste estudo.

Por ser algo "recente" na sociedade, não há ainda muitos estudos que demonstrem uma preocupação voltada a esse público no que diz respeito à missão cristã. Assim, explica-se que a Teologia da Missão Integral não tenha nenhum estudo voltado para os Nativos Digitais, pois, nos anos 70, quando ela surgiu, a tecnologia vigente não estava ainda completamente alicerçada sobre a grande rede. Então, naquele contexto, a preocupação evangélica ficou voltada para a integralidade da missão, envolvendo a humanidade em todos os seus âmbitos e na busca da restauração de todas as coisas proporcionando libertação de todo o tipo de opressão, injustiça, pobreza e tudo aquilo que prejudica a humanidade. Portanto, a ação de Deus busca salvá-lo "até aos confins da terra". E, dito isso, mesmo sem ter considerado o ciberespaço, em um primeiro momento, não pode deixar de assumir esse âmbito hoje, simplesmente porque ele faz parte da vida integral.

Por isso, importa aprofundar a realidade dos nativos digitais, reconhecidos como possíveis destinatários da missão da igreja hoje. Portanto, por meio da definição de quem são os nativos digitais, afirma Palfrey e Gasser (2011, p.15): "Todos nasceram depois dos anos de 1980, quando as tecnologias digitais, como a *Usenet* e os *Bulletin Board Systems*, chegaram *online*. Todos eles têm acesso às tecnologias digitais". Esse público é a primeira geração de Nativos Digitais.

Logo, somente o conhecimento das características dos Nativos Digitais poderá ajudar a reflexão sobre a missão da igreja nesse novo ambiente e voltada para a juventude contemporânea.

Explicando de forma bem resumida sobre o surgimento histórico dos Nativos Digitais:

No início da década de 1970, o mundo começou a mudar – e depressa. O primeiro bulletin board system (um BBS, para resumir) permitiu às pessoas, com um computador tosco e acesso a linhas telefônicas, trocar documentos, ler notícias e enviar mensagens umas às outras. O grupo de Usenet, organizados em torno de tópicos de interesse para as comunidades de usuários, tornaram-se populares no início da década de 1980. Os e-mails começaram a entrar no uso popular mais tarde, mas ainda na década de 1980. Os e-mails começaram a entrar no uso popular mais tarde, mas ainda na década de 1980. A World Wide Web fez seu ingresso em 1991, com browsers fáceis de usar, amplamente acessíveis poucos anos depois. Os mecanismos de busca, portais e sites de comércio virtual chegaram ao cenário no final da década de 1990. Na virada do milênio, entraram, online, as primeiras redes sociais e os primeiros blogs. (...). Atualmente, a maioria dos jovens de muitas sociedades o mundo carrega seus dispositivos móveis – telefones celulares, Sidekicks, iPhones – o tempo todo, para não apenas dar seus telefonemas mas também enviar mensagens de texto, surfar na internet e baixar músicas (Palfrey; Gasser, 2011, p.12).

É importante mencionar o curto espaço de tempo em que toda essa evolução ocorreu, e como essa onda tecnológica tomou conta de, praticamente, todos os ambientes da vida em sociedade. Os nativos digitais não fazem distinção entre viver a vida *online* e *offline* – fato interessante que revela que, apesar da oportunidade de se terem várias identidades no ambiente digital, os Nativos Digitais preferem manter a veracidade das informações expostas na rede (PALFREY; GASSER, 2011).

As características dessa geração, que nasceu em meio às evoluções digitais, são expostas e devem ser analisadas, como mostra abaixo:

(...) sua tendência para multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novo conhecimento e novas formas de arte. Para estes jovens, as novas tecnologias digitais – computadores, telefones celulares, Sidekicks – são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos (PALFREY; GASSER, 2011, p.4).

Um ponto importante mencionado pelos autores acima é que tudo isso serve como "mediador das conexões humanos-com-humanos". Talvez, isso possa ser um parâmetro para dizer que quanto mais essas tecnologias avançam e se desenvolvem, mais se expressa o desejo de conexão de um ser humano com outro. Por sua vez, há pontos que assustam aqueles que não fazem parte do grupo de Nativos Digitais, pois eles não conseguem entender ou perceber limites para a utilização das tecnologias digitais. Logo, Palfrey e Gasser (2011, p. 17) dizem: "Todos os pais, educadores e psicólogos têm razões legítimas para se preocupar com o ambiente digital em que os jovens estão passando grande parte do seu

tempo". Dentre as preocupações podem-se citar as ameaças quanto à privacidade, à segurança e ao aprendizado, pois nesses três quesitos não há limite de utilização na web.

Realmente existem muitas preocupações, e, entre elas, deve haver também a preocupação enquanto as questões religiosas dos Nativos Digitais ou o lugar de Deus em suas vidas. A construção da identidade religiosa dos nativos digitais não deve ser ignorada. Assim, neste estudo utiliza-se a TMI como uma possibilidade de resposta aos nativos digitais.

3.2 A TMI no contexto do ciberespaço

Os contextos existentes na sociedade poderão tornar a missão integral cada vez mais complexa. Aliás, a sociedade tornou-se mais complexa. Por isso, apesar dos problemas de pobreza, desigualdades, e tantos outros, continuarem fazendo parte da vida da maioria dos jovens, tudo isso está sendo vivido dentro do ciberespaço.

As grandes empresas de telecomunicações e gigantes da internet – facebook, google e outras – buscam expandir ainda mais o acesso à internet para bilhões de pessoas. Galileu (2018) afirma: "Basicamente, o objetivo dito é levar a todos as oportunidades que um mundo conectado dispõe, seja na troca de conhecimentos ou na melhora no setor de comunicação e educação". O objetivo acima relatado é do Mark Zuckerberg, dono do Facebook.

A empresa Google, visando também expandir o acesso, lançou o projeto chamado *Loon*, que tem por objetivo conectar todo o mundo por meio de balões de internet. Já testada em Nevada (EUA) a rede de balões chegou a levar conexão a quase 1000 km de distância. (VENTURA, 2018).

O ciberespaço não alcança apenas os lugares mais avançados em tecnologia do mundo, mas já pretende chegar a lugares onde falta água, comida e outras coisas básicas da sobrevivência humana. O ciberespaço se alastra exponencialmente e tem cada vez mais novos adeptos.

Portanto, essa nova configuração de sociedade mundial interconectada deve ser percebida pela TMI, como um campo de evangelização e alcance daqueles que são Nativos Digitais.

Enquanto não percebida como campo de missão, o ciberespaço já é utilizado para atividades ilegais e com péssimas influências para aqueles que desejam navegar na chamada *deep web*. As profundezas da internet, como assim o termo em inglês sugere, é um local acessível para poucos e não é encontrado de forma convencional, pois o Google e outros buscadores de *site* não encontram, e os navegadores também não adentram esse local; apenas com ferramentas específicas se consegue utilizar este mecanismo (DIGITAL, 2019). A *deep web* é ainda utilizada para envio de informações secretas, mas infelizmente a maioria que ali trafega são pessoas que buscam a ilegalidade. Assim, buscando apresentar o lado “sombrio” da *deep web*, Digital (2019) afirma: "A *deep web* tem o seu lado "bom", que é a privacidade para troca de conteúdo e informações sigilosas, por exemplo. Mas também tem o lado ruim, cheio de crimes, pornografia, tráfico de drogas e outras ilegalidades". Portanto, será preciso o uso criterioso, isto é, um discernimento.

Diversos problemas são relatados sobre esse lado ruim da *deep web*, que influencia e incentiva milhares de jovens pelo mundo. Portanto, Digital (2019) afirma:

Superficialmente, o que parece fazer mais sucesso na dark web é o tráfico de drogas, tanto que existem listas de vendedores recomendados, de acordo com a confiabilidade de cada um. Mas o comércio de armas corre solto, assim como o de contas do PayPal e de produtos roubados - existem lojas específicas para marcas como Apple e Microsoft, por exemplo. Também dá para contratar assassinos de aluguel que possuem valores para cada tipo de pessoa (celebridades, políticos etc.), com preços que vão de US\$ 20 mil a US\$ 150 mil. Cibercriminosos e espiões oferecem seus serviços, e tem gente que garante fazer trabalhos acadêmicos sobre qualquer assunto, sem copiar de lugar algum. Sites promovem turismo sexual e, por menos de US\$ 1 mil, prometem buscar o comprador no aeroporto. Outro destaque é a venda de documentos falsos, com páginas que oferecem até cidadania norte-americana. O dinheiro é abolido na *deep web* e poucos negociantes confiam no PayPal, a bola da vez é mesmo a Bitcoin, uma moeda digital que torna as transações mais seguras.

As coisas que acontecem na *deep web* terminam por unir diversas pessoas que, em certo sentido, compactuam de uma tendência para fazer o mal. É relevante para o nosso estudo relatar os *chans* ou *imageboards*, que são fóruns de discussão, que existem na *web* e na *deep web* (DIGITAL, 2019). Os conteúdos publicados por usuários dos *chans* na *deep web* são quase sempre ilegais. Afirma Digital (2019):

Nem todo chan (abreviação de "channel", canal em inglês) está na *deep web*, mas o que estão lá, é quase sempre porque querem compartilhar conteúdo ilegal. Isso inclui discurso de ódio, de supremacia branca,

neonazismo, pornografia infantil, homofobia, misoginia, vídeos e imagens de abuso sexual, de assassinatos e de tortura, além de outros assuntos.

A realidade sobre a influência da *deep web* ficou mais clara no mundo por meio de dois acontecimentos terríveis. O primeiro aconteceu em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano, em São Paulo onde 2 jovens, um de 17 e 25 anos, portando armas, mataram 8 pessoas. Relata a Redação (2019):

Os computadores usados pelos dois criminosos foram apreendidos pela polícia. De acordo com investigadores, eles acessaram a deep web e buscaram informações sobre massacres cometidos em escolas americanas. Além disso, foram recolhidos cadernos com anotações deixados por eles no carro alugado e usado no crime. Segundo a polícia, eles ainda pretendiam matar mais pessoas do que as 13 vítimas fatais do massacre de Columbine, ocorrido em 1999 nos Estados Unidos.

Outro acontecimento, que foi transmitido, ao vivo, foi na Nova Zelândia onde um homem atacou mesquitas e matou cerca de 50 pessoas. Então, afirma Redação (2019):

Nesta semana, dois fatos chocantes - os tiroteios ocorridos em uma escola municipal na cidade Suzano, em São Paulo e em duas mesquitas na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia - chamaram mais uma vez a atenção para a chamada Deep Web, a rede de sites que não pode ser encontrada por mecanismos de buscas como o Google e Bing, da Microsoft.

Ao compreender que existe dentro do ciberespaço um local destinado a ilegalidade e a maldade humana é automaticamente necessário dizer que esse local carece da boa nova de Jesus Cristo, ou seja, é campo para a evangelização.

Ao relatar sobre o século XX e o advento tecnológico, Padilla (2014) faz duras críticas ao que ele chamou de “cristianismo-cultura”, movimento que ele acusa de diminuir as exigências do cristianismo para obter mais adeptos, e ressalta que para isso se utilizam da tecnologia. Assim, Padilla (2014) considerou a tecnologia como um “instrumento” e deixa claro que:

Obviamente o questionável nessa aproximação à evangelização não é o uso da técnica em si: vista por si só, a técnica, como a ciência ou o dinheiro, é moralmente neutra. Tampouco é censurável o desejo de que haja mais cristãos no mundo: Deus “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4). O problema do cristianismo-cultura reside em sua rendição do evangelho a uma fórmula para obter êxito, em sua equiparação do triunfo de Cristo com o crescimento quantitativo de conversões (PADILLA, 2014, p.58).

Portanto, é necessário e até urgente perceber o ciberespaço como lugar teológico e horizonte de missão. Pois, se queremos alcançar a integralidade humana, olhando para a juventude, não podemos encontrar os jovens fora desse ambiente; portanto, teremos que fazer teologia e missão a partir e “dentro” do ciberespaço, como Geffré (2009, p.10) destaca: “Uma teologia cristã responsável que se pretenda à medida dos desafios de nossa experiência histórica deve empreender um trabalho de reinterpretação da mensagem cristã”.

3.3 O ciberespaço como lugar de uma missão integral

Algumas questões devem ser levantadas quanto ao lugar da missão evangelizadora: primeiro, o espaço de missão da igreja cristã restringe-se apenas ao espaço físico medido pela quantidade de metros quadrados ou a missão deve ir até onde as pessoas estão? Segundo, o que delimita o lugar de missão? Enfim, o que levou a igreja a definir os locais de evangelização? Essas são questões sobre as quais devemos refletir para perceber a dimensão dos novos desafios, considerando a universalidade da missão cristã, no tempo e no espaço, segundo o imperativo do envio de Jesus Cristo.

As bases para enxergar o ciberespaço como um ambiente, e não mais como simples ferramenta, já foram postas por meio daquilo que Spadaro (2012) apontou em seus estudos. Assim, primeiro deve-se enxergar o ciberespaço como lugar, para que então possa aplicar alguma sugestão de metodologia para a aplicação da missão.

Já exposto neste trabalho, no capítulo de missão integral, que é dever de todo cristão lutar pela justiça, libertação dos homens e reconciliação com Deus, pois "a mensagem de salvação encerra também a mensagem de juízo de toda a forma de alienação, opressão e discriminação" (PADILLA, 2014, p.20). Portanto, o ciberespaço é lugar de missão, para a reconciliação dos homens com Deus. A igreja cristã, na incumbência da ordenança de Jesus Cristo, de enviar seus discípulos até os confins da terra, deve estar pronta para uma "ciberevangelização", que é o cumprimento da missão da igreja no ciberespaço. Esse novo conceito busca expor o

ciberespaço como lugar que também deve fazer parte de alcance do evangelho de Jesus Cristo, para a restauração de todas as coisas a Deus.

Caso o ciberespaço continue sendo visto como uma ferramenta, então tudo pode ser configurado e automatizado por desenvolvedores *web* para compilar as programações rotineiras da igreja, mensagens do evangelho em encarte digital, vídeos ou criar *banners* atrativos para programações. A missão da igreja não se resume apenas em dizer ou anunciar algo – ela é mais profunda, se torna real mediante a vivência, e isso se faz através de relacionamento. A "ciberevangelização" pode ser pensada também através de redes de relacionamento e convivência. Por isso, antes de adentrar o relacionamento, existe a parte de reconhecimento das realidades vividas e cultura das pessoas que estão conectadas.

Antigamente as viagens missionárias, comissionamento de homens e mulheres para se deslocarem ao redor do mundo, era algo extremamente comum nas igrejas cristãs espalhadas ao redor do mundo. Em muitos casos nunca houve nenhuma preparação para que um missionário tivesse algum conhecimento, mínimo que fosse, para chegar às novas terras. Hoje, as igrejas e instituições missionárias começaram a se preocupar mais com os processos de reconhecimento das culturas para as quais são enviados.

É necessário ter o conhecimento de alguns termos utilizados para caracterizar os fenômenos. O primeiro deles é a enculturação:

É o processo pelo qual uma pessoa é introduzida à sua própria cultura, processo que não se restringe apenas às crianças, mas atinge os adultos, sempre assimilando características fundamentais de sua identidade cultural. Podemos assim dizer que Jesus se enculturou na cultura humana de Israel (MIRANDA, 2001, p. 37).

A cultura exige de cada membro da sociedade uma gama de comportamentos aceitos e até mesmo impostos, que são apreendidos no decorrer da vida.

Outros termos apresentados foram a adaptação e acomodação, que são termos que se referem a um ser que deseja adequar-se a um contexto diferente do seu. E isso, podemos atribuir ao missionário (MIRANDA, 2001).

Um termo que também é essencial para nosso estudo é a aculturação, que para Miranda (2001, p. 37), significa: "A expressão aculturação provém também da antropologia cultural e designa o processo de transformações verificadas no contato

de dois ou mais grupos culturais distintos". Esse processo foi marcante no encontro do cristianismo com as diferentes culturas ao redor do mundo.

Utilizando de todos os termos expostos acima, pode-se dizer que o cristianismo sempre esteve presente, buscando relacionar-se com as culturas produzidas pelos homens. Então, nessa perspectiva é mais fácil perceber o ciberespaço como lugar de missão e que se estabelece por meio da cibercultura.

Portanto, com a existência de um espaço digital, que faz parte de forma ativa da sociedade, passou a existir um novo local habitado por pessoas, que precisa de uma atenção especial. Assim, o ciberespaço criou também uma cibercultura, e ela precisa ser explorada, estudada e analisada, para que os missionários digitais tenham métodos assertivos de habitar e interagir nesse ambiente tecnológico.

O entendimento do ciberespaço como lugar de missão possibilitará enxergar os desafios impostos por esta sociedade que está cada vez mais conectada à rede. A importância da missão já foi apontada, entretanto, como enxergar o ciberespaço como lugar de missão? Não procuraremos expor todos os termos e conceitos ditos acima, mas abordaremos o problema da "inculturação da fé", relacionando-o com o ciberespaço.

3.4. Inculturação da fé e o desafio do ciberespaço

A inculturação é um termo ainda desconhecido por muitos e até mesmo confundido com outros termos já expostos acima, mas é algo teológico que reflete a ideia da importância da missão nas culturas dos povos. Sobre esse novo termo podemos afirmar que é um termo criado na década de 70 e canonizado oficialmente no Sínodo Romano de 1977 que relaciona a missão da Igreja nas culturas da humanidade.

Com a modernidade e o surgimento do pluralismo, a sociedade passou a ter diversas influências de novas culturas, portanto, isso também causa modificações sociais e na religiosidade do povo. As culturas que passaram a ser mais conhecidas por meio do ciberespaço continuam a transformar e se adaptar dentro de novas culturas. Pode-se até sugerir uma rede (teia) de culturas.

Assim, o desenvolvimento das técnicas na humanidade, já abordado por Pierre Levy, causou o surgimento de uma nova cultura, a cibercultura, que é parte

inerente do ciberespaço. Ela é marcada por redes computadorizadas, ultrapassa os limites dos cabos e se torna cada vez mais uma rede das nuvens, apesar de transpor e interferir diretamente no cotidiano real de diversas nações ao redor do mundo.

A modernidade causou uma grande transformação na vida e na cultura dos povos mediante o processo de globalização. Miranda (2001, p. 9) afirma: “Estamos ainda no início de um processo inédito na história, que certamente modificará o mapa social e cultural da humanidade”. Portanto, o ponto-chave para a reflexão na palavra “inculturar” está na “multiculturalidade” existente no mundo como um grande desafio ao cristianismo, e mais especificamente a missão cristã.

Ao perceber a difícil tarefa que é imposta à igreja, Miranda (2001, p. 10) diz: “É para este mundo hodierno que a Igreja deve proclamar a salvação que Deus oferece em Jesus Cristo”. Assim, a mensagem cristã de salvação deve alcançar a todas as culturas, povos e línguas; e essa mensagem deve ser comunicada por meio da cultura, pois é parte significativa daqueles que são alvo da missão e para que esses indivíduos encontrem sentido na mensagem cristã.

A Igreja Católica aponta oportunidades e desafios para as comunicações sociais, relacionando a igreja e a internet, assim considerando que ocorrem diversas mudanças na vida do ser humano.

Hoje, isto é válido de forma especial no que se refere à Internet, que está a contribuir para promover transformações revolucionárias no comércio, na educação, na política, no jornalismo e nas relações transnacionais e interculturais — mudanças estas que se manifestam não só no modo de os indivíduos se comunicarem entre si, mas na forma de as pessoas compreenderem a sua própria vida (PONTIFÍCIO, 2002).

Portanto, os meios de comunicação digitais também dão ao ser humano novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica, e a igreja deveria utilizar como meios de evangelização (PONTIFÍCIO, 2002).

Assim, nos deparamos com a linguagem, que é de extrema importância no processo de inculturação. Esclarecendo o sentido da palavra linguagem, afirma Miranda (2001, p10): "Entendemos aqui linguagem num sentido denso da palavra. Ela significa o quadro referencial no qual o indivíduo se constitui e se desenvolve como ser humano". A linguagem é muito mais do que palavras. Ela está ligada ao sentido de cada palavra em cada cultura. A linguagem faz parte da construção do ser humano em todos os âmbitos, é por meio da linguagem que a mensagem pode

ser construída e assim fazer sentido àqueles que a recebem. Por isso, abordar a linguagem é tão importante no desenvolvimento deste estudo.

A linguagem ganha espaço extremamente relevante na mensagem de Jesus, em que ele se utilizou de diversos elementos da constituição do ser humano considerando a cultura, os costumes, a linguagem, os elementos que constituíram sentido.

Portanto, esse tema recebe mais relevância dentro do cristianismo, pois aquilo que Jesus ensinava aos seus ouvintes era muito mais que simples regras ou fórmulas – Jesus ensinava sobre como viver no mundo e na cultura tendo como centralidade e fundamento de seus ensinamentos a chegada do reino de Deus.

O cristianismo é uma religião que oferece primariamente não belas doutrinas ou princípios éticos, mas um modo concreto de viver a vida, fundado na existência histórica de Jesus Cristo. A obediência ao Pai, a prática da caridade fraterna, o seguimento concreto de Jesus, o deixar-se conduzir pelo Espírito, o perder sua vida pelo Reino são apenas expressões neotestamentárias diversas que significam a mesma realidade (MIRANDA, 2001, p. 11).

É essa mesma realidade de revelação do modo concreto de viver a vida, tratada acima, que a inculturação da fé pretende ressaltar através das culturas vigentes. Para assim compreender como comunicar com clareza que Jesus é o Cristo.

A inculturação, já exposta, está ligada a palavra fé. A expressão fé deve ser entendida, mas na certeza de que estamos diante de um tema complexo. A fé sobre a qual propomos refletir está baseada no cristianismo, diretamente na pessoa, ministério e obra de Jesus Cristo.

O entendimento complexo do termo fé é exposto de forma mais simplista por Chafer (2003), quando diz: "De acordo com o conceito mais simples dela, a fé é uma confiança pessoal em Deus. Isto implica que o indivíduo veio a conhecer Deus em algum grau de real experiência". Portanto, algo bastante significativo na fé é o conhecimento. Neste sentido, Miranda (2001, p.48) afirma que a expressão fé apresenta "o fato de que a iniciação salvífica de Deus já foi acolhida, captada e expressa pelo ser humano".

Aprofundando ainda sobre o termo fé, quatro ideias variadas são apresentadas:

Em seu uso mais amplo, a palavra fé apresenta ao menos quatro ideias variadas: (1) Como acima, ela pode ser uma confiança pessoal em Deus.

Este é o aspecto mais comum de fé que pode ser subdividido em três aspectos: (a) Fé salvadora, que é a confiança entretida nas promessas e nas provisões de Deus a respeito do Salvador que faz o eleito repousar e confiar no Único que pode salvar, (b) Fé que serve, que contempla como verdadeiro o fato dos dons divinamente concedidos e todos os detalhes a respeito da designação divina para o serviço. Esta fé é sempre uma questão pessoal, e assim um crente não deveria se tomar um padrão para outro. Esta fé com sua característica pessoal pode ser mantida inviolada, pois o apóstolo Paulo diz: "A fé que tens, guarda-a contigo mesmo diante de Deus" (Rm 14.22). Grande prejuízo pode vir se um cristão imita outro em questões de designação para o serviço, (c) A fé santificante ou mantenedora, que segura o poder de Deus para a vida diária de uma pessoa. É esta vida vivida na dependência de Deus, que opera um novo princípio de vida (Rm 6.4). O justificado, por ter se tomado o que é pela fé, deve continuar no mesmo princípio de total dependência de Deus. (2) Ela pode também ser um anúncio doutrinário ou um credo que é algumas vezes conhecido como a fé. Cristo propôs esta questão: "Contudo, quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?" (Lc 18.8; cf. Rm 1.5; 1 Co 16.13; 2 Co 13.5; Cl 1.23; 2.7; Tt 1.13; Jd 3). (3) Ela pode significar fidelidade, o que implica que o crente é fiel para com Deus. Aqui é uma característica divinamente implantada, porque ela aparece como uma das nove graças que juntamente compõem o fruto do Espírito (G1 5.22,23). (4) Ela pode provar um título pertencente a Cristo, como em Gálatas 3.23,25, onde Cristo é visto como o objeto da fé (CHEFER, 2003, p.131).

Portanto, pela complexidade dos significados que a fé tem e buscando relacionar com o nosso tema de estudo, a inculturação da fé está ligada à missão da igreja para um "anúncio doutrinário ou um credo" dentro de um tipo de cultura ou de todos os tipos. Para não incorrer no erro e/ou em reducionismo quanto a tão complexo tema, Miranda (2001) afirma sobre a ação primeira de Deus em resgate aos seres humanos. O ponto de partida da inculturação da fé se deu em uma ação primeira do próprio Deus. Portanto, Miranda (2001, p. 48) afirma: "Contudo essa percepção da ação de Deus por parte do homem aconteceu no interior de uma cultura". Isso serve de respaldo para o cumprimento da missão nas culturas por conta da salvação que deve ser compartilhada com todos os seres humanos. Afirma Miranda (2001, p. 48) que: "De fato, tudo tem início no que hoje conhecemos como a autocomunicação de Deus aos seres humanos para os salvar". É por isso que a fé e a ação divina fazem sempre correlação:

A fé é sempre uma resposta a um gesto prévio de Deus, sem o qual ela não existiria. Portanto, certa característica de 'algo objetivo' deve ter a ação salvífica de Deus, se não quisermos vê-la reduzida a uma criação meramente humana, impossibilitando-nos sem mais um discurso responsável sobre Deus (MIRANDA, 2001, p.49).

Essa ação divina deve ser recebida pelo ser humano, entretanto "o homem acolhe e tematiza uma realidade, e não o discurso sobre ela", podendo esse discurso ajudar a refletir sobre a realidade.

Essa tensão própria da ação de Deus, que goza de certa objetividade sem contudo poder se tornar objeto, nos indica que sempre a encontraremos mediatizada por suas objetivações. Conseqüentemente, é nessas últimas que a devemos buscar, captar, e entender. Tais objetivações constituem, por outro lado, apenas o 'exprimível' ou o 'já expresso' da autocomunicação de Deus, já que não são a mesma, e sim apenas a representa (MIRANDA, 2001, p.49).

Portanto, as coisas existentes na criação de Deus e na criatividade humana também podem representar atos de salvação. A percepção sobre este assunto cabe aos cristãos e às igrejas.

A fé deve buscar sempre novas formulações e práticas condizentes com as novas situações, para que o gesto primeiro de Deus de se autocomunicar aos homens apareça em sua verdade, a saber, uma interpelação preñe de salvação. (MIRANDA, 2001, p. 50).

A conscientização da ação salvífica de Deus para toda a humanidade por meio da cultura possibilita enxergar a autocomunicação divina em novas situações. Assim, é necessário o estudo da inculturação da fé na cibercultura.

3.5. A inculturação da fé na cibercultura

Mais que compreender os termos de inculturação da fé e cibercultura, caberá agora relacioná-los. Um caminho apontado por Miranda (2001, p.150) se dá por meio da espiritualidade, que assim como a inculturação da fé, "se situam no mesmo âmbito de tematização da experiência salvífica cristã".

O desafio parte da tentativa de delimitação do que vem a ser cultura no ciberespaço ou mesmo se ele tem uma cultura definida. Não se pretende delimitar a cibercultura nem a enquadrar como uma subcultura, e nesse ponto afirma Lévy (1999, p. 247): "Longe de ser uma subcultura dos fanáticos pela rede, a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura". A tese de Lévy diz que a chave da cultura do futuro é o conceito de universal sem totalidade.

O universal abriga o aqui e agora da espécie, seu ponto de encontro, um aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definíveis. Por exemplo, uma religião universal supostamente dirige-se a todos os homens e os reúne virtualmente em sua revelação, sua escatologia, seus valores.

(...) Da mesma forma, o horizonte de um ciberespaço que temos como universalista é o de interconectar os bípedes falantes e fazê-los participar da inteligência coletiva da espécie no seio de um meio ubiqüitário (LÉVY, 1999, p. 247).

É pertinente a comparação feita por Lévy (1999) entre a cibercultura e a religião, encontrando aquilo que há de comum entre elas, que seria a ideia de totalidade. Continuando a encontrar as semelhanças, o autor ainda afirma que "a religião reúne pela transcendência", que para ele parece ser algo mais no campo do imaginário idealista, pois coloca que "o ciberespaço reúne as pessoas de forma muito menos 'virtual' do que a ciência ou as grandes religiões". Ao dizer isso ele coloca o ciberespaço em uma posição mais privilegiada. Lévy (1999) aponta que o ciberespaço se torna menos virtual por conta das imagens e sons. Mas fica faltando ainda a explicação sobre a totalidade, e assim afirma Lévy (1999) que é "unidade estabilizada de sentido de uma diversidade". Como o autor utilizou a expressão "sem totalidade" conclui-se que não há unidade de sentido no ciberespaço, mas que mesmo assim é universal. Esse é o diferencial do ciberespaço apontado por Lévy (1999), e ao expor a principal tese diz: "a cibercultura inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não seja pela imposição da unidade de sentido". Portanto, é sobre o ciberespaço como lugar e a cibercultura que cria um universo, que se deve encontrar o caminho da inculturação da fé. Logo, ao elucidar o assunto, Lévy descreve três grandes etapas da evolução da história da humanidade, e a terceira retrata a cibercultura.

Ora, a cibercultura, terceira etapa da evolução, mantém a universalidade ao mesmo tempo que dissolve a totalidade. Corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja – e quanto! – desigual e conflitante. Única em seu gênero no reino animal, a humanidade reúne toda a sua espécie em uma única sociedade. Mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a unidade do sentido se quebra, talvez porque ela comece a se realizar na prática, pelo contato e a interação efetivos. Conectadas ao universo, as comunidades virtuais constroem e dissolvem constantemente suas micrototalidades dinâmicas, emergentes, imersas, derivando entre as correntes turbilhonantes do novo dilúvio (LÉVY, 1999, p. 249).

Com as afirmativas de Lévy percebe-se um desafio grande para o cristianismo, que é cumprir a ordenança de fazer missões nesse universo que não tem unidade de sentido.

O conjunto de palavras acima tem em comum a questão da cultura como sendo o fio condutor que permite à teologia da missão integral agregar o ciberespaço como campo de missão para a evangelização dos nativos digitais.

3.6. Teologia da missão integral no ciberespaço

Após todo esse estudo no campo da ciberteologia, ciberespaço, nativos digitais e teologia da missão integral, fica mais claro que é possível envolver a TMI no ciberespaço para a evangelização dos nativos digitais.

O caminho pelo qual se pode utilizar a TMI começa por entender a forma correta de se fazer missão integral para aplicar ao contexto, lugar ou cultura. Portanto, após o reconhecimento do ciberespaço como lugar e que é habitado por Nativos Digitais, pode-se reconhecer a importância do evangelho de Jesus Cristo para essas pessoas.

Logo, ao elucidar sobre a missão da igreja não se pode restringir sua atuação. O serviço prestado pela Igreja, e, portanto, pela teologia, não pode ter fim em si mesma:

É preferível considerar a missão como a expressão da própria natureza da Igreja. Em última instância não é a Igreja que define a missão, mas é a missão que define a fisionomia da Igreja, a fim de que ela seja o sinal escatológico do Reino de Deus. Em outras palavras, a Igreja não está a serviço dela mesma, mas a serviço do Reino de Deus, e só o Reino de Deus é absoluto (GEFFRÉ, 2004, p.172).

Uma das exigências que a TMI faz para seus teólogos e teólogas é que eles estejam completamente mergulhados na realidade com a qual irão produzir teologia, para que possam partir de uma teologia contextual. Assim, afirma Sanches (2016, p.23): “Além de estar situados nas demandas e linguagens do contexto em que missionam, devem ser solidários a ele assumindo-o como seu lugar teológico”. A importância do lugar teológico é ressaltada para o bom desenvolvimento de TMI na comunidade “principalmente por meio do conteúdo que produzem” (SANCHES, 2016).

Precisamos expor o método da TMI, que ainda é pouco desenvolvido, mas buscaremos fundamentos para tal. Entretanto, ao falar sobre os teólogos e teólogas da TMI um apontamento deve ser exposto:

Tais teólogos e teólogas atuam na grande esfera da Igreja como comunidade missional e também teologal, como tal, pensam a missão pela qual ela responde, dando-lhe novos significados na atualidade. O contexto é a realidade concreta na qual a Igreja vive e atua, tanto nos lugares onde ela está situada e missiona, como naqueles mais longínquos para onde envia seus agentes de missão. Todavia, a missão é sempre dela como comunidade enviada por Jesus Cristo (Mt. 28: 19 – 20) e seu escopo é o mundo todo e toda a realidade que ele abarca (SANCHES, 2016, p. 25).

Assim, o ciberespaço também é realidade de lugar para atuação da igreja como campo de missão. A responsabilidade é da igreja, e principalmente aquela que adota a TMI como modelo adequado de cumprimento da missão.

Outra questão de extrema importância para a TMI, que também se aplica ao ciberespaço, é que a missão vem primeiro que a teologia, e afirma Sanches (2016, p.25): "A precedência da missão à teologia é questão metodológica na TMI, a fim de que ela corresponda a um contexto específico(...)". O missionar de forma intencional no ciberespaço, ajudará a construir uma ciberteologia eficaz para o cumprimento da missão na vida dos nativos digitais.

A Missão Integral não se encerra nela mesma, é um processo histórico que exige do missionário a capacidade de estudar sempre o ambiente e acompanhar as transformações.

O processo teológico não se fecha com a Missão Integral, mas reinicia nela, pois como aquela que se faz no contexto, lança novos olhares, descobre novas demandas e possibilidades do fazer teológico. Na caminhada discerne seus condicionamentos e fica atenta a eles. Volta-se para a palavra de Deus a fim de que ela ilumine a vida como locus de missão, e se revitaliza nesse processo a partir dos novos significados desenvolvidos (SANCHES, 2016, p.25).

A palavra de Deus, na Missão Integral, é ponto fundamental para o cumprimento da missão, pois ela é que ilumina o caminho no processo do círculo hermenêutico.

O método científico moderno exigiu o distanciamento do pesquisador do seu objeto de pesquisa para garantir uma análise sem comprometimento pessoal. Contrário ao método científico moderno a Teologia Latino-Americana assume os riscos do comprometimento, por isso se torna "teologia em caminho" (SANCHES, 2016).

O momento atual do século XXI permite perceber as mudanças recorrentes e os movimentos que surgem na sociedade:

Estamos no séc. XXI, em tempos de uma vigorosa globalização mediada principalmente pelas novas formas de comunicação, predomínio das tecnologias da informação, surgimento da internet como um dos novos espaços de vivência e dos movimentos globais para preservação do planeta (SANCHES, 2016, p. 33).

O relato da autora colocando a internet como "um dos novos espaços de vivência", já alerta para o reconhecimento de que no ambiente tecnológico (ciberespaço) existe um campo de missão a ser evangelizado.

Um caminho apontado pela igreja católica, em conformidade com o Concílio Vaticano II, é que as invenções tecnológicas são "maravilhosas invenções técnicas"¹⁰. O concílio também considerou "ocupar-se das principais questões respeitantes aos meios de comunicação social"¹¹, pois consideram que isso trará bons resultados para o progresso da sociedade. Por fim, acentuasse a preocupação na formação técnica e na formação da juventude para um domínio completo da internet.

Conclui-se que a TMI já deveria ter reconhecido o ciberespaço como campo de missão, pois é uma realidade no contexto da América Latina, como também é em todo o mundo.

3.7 O ciberespaço seria um novo lugar teológico?

A questão se impõe pelo próprio desenrolar de nossa reflexão: até que ponto podemos considerar o ciberespaço como um lugar teológico e em que sentido?

É necessário, primeiro, compreender o conceito de lugar teológico. Essa concepção vem de uma obra póstuma do teólogo dominicano chamado Melchior Cano que viveu no século XIV. Assim, Sesboué e Theobald (2006, p.142) afirmam que: "Melchior Cano, porém, entende por lugar teológico uma referência autorizada para a definição da doutrina cristã". Assim, Cano propôs em seu estudo 10 lugares teológicos, a saber: 1. A autoridade da Sagrada Escritura; 2. A autoridade das tradições de Cristo e dos apóstolos; 3. a autoridade da igreja católica (no sentido de universal); 4. autoridade dos concílios; 5. autoridade da igreja romana; 6. autoridade dos santos anciãos; 7. autoridade dos teólogos escolásticos; 8. autoridade da razão

¹⁰ Concílio Vaticano II, Decreto sobre os meios de comunicação social Inter mirifica, 1. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 04 jul. 2019.

¹¹ Ibid.

natural; 9. autoridade dos filósofos e, por fim, 10. a autoridade da história humana (SESBOÜÉ; THEOBALD, 2006). A partir desse estudo e daquilo que foi proposto, novos estudos começaram a apontar outros lugares teológicos. Mas o que realmente Cano se preocupou em apresentar nesse estudo? Segundo afirma Sesboüé e Theobald (2006, p.143): "Interessava-lhe sistematizar, da melhor forma possível, as autoridades capazes de assegurar as comprovações dogmáticas da fé(...)". Assim, para ele, os lugares teológicos são autoridades sobre dogmas da fé.

Por sua vez, as teologias contextuais latino-americanas reinterpretaram o lugar teológico também em outro sentido, inclusive postulando os pobres como lugar teológico. Segundo Gibellini (2007), os pobres passaram a ser considerado lugar teológico pela Teologia da Libertação no contexto de uma eclesiologia inspirada na chamada *Igreja dos pobres*. Segundo Gibellini (2007, p. 372): "Por isso, dizíamos que a Igreja dos pobres não é somente para eles, mas deve fazer-se a partir deles, encontrando neles seu princípio de estruturação, organização e missão". Todavia, embora o autor admitindo essa aplicação da terminologia de M. Cano, Gibellini pondera que não se pode colocar o pobre como lugar teológico no "sentido de fonte" ou "autoridade" para o fazer teológico, mas que deveria ser repensado em um sentido dinâmico.

Na América Latina, o termo lugar teológico foi apresentado por teólogos como Ignacio Ellacua e Jon Sobrino para indicar "lugar social":

"Lugar teológico" diz respeito, aqui, ao "lugar social" no qual o Deus bíblico se revelou e continua se revelando e, conseqüentemente, ao "lugar social" mais adequado da fé (práxis teológica) e de sua inteligência (teoria teológica): o "lugar social" mais adequado para se tratar e interpretar, inclusive, os argumentos que se encontram nas "fontes" e nos "domicílios" de argumentos teológicos de que fala Melchior Cano (AQUINO JÚNIOR, 2019, p.63).

A expressão deve ser entendida para evitar incompreensões sobre o sentido que utilizaremos de "lugar teológico", assim Aquino Junior (2019, p.64) afirma: "Desde o Vaticano II essa expressão vem sendo utilizada num sentido bem distinto do que ela tem na tradição teológica. Tem-se falado muitas vezes do mundo, da Igreja, da liturgia, da vida de santidade e também do pobre como 'lugar teológico'".

Nessa perspectiva, para considerar o ciberespaço como lugar teológico, deveremos ter esse mesmo cuidado em distinguir os dois sentidos acima, posicionando nossa reflexão dentro do sentido dinâmico ou lugar social:

(...) sentido dinâmico de 'lugar', onde se manifesta de maneira especial a presença do Deus de Jesus Cristo (...) e onde, portanto é possibilitada uma reflexão de fé mais aprofundada e uma autêntica teologia cristã (GIBELLINI, 2007, p.372).

Portanto, postulando o ciberespaço como um lugar teológico em seu sentido dinâmico ou lugar social, embora este demande maiores precisões, compreendemos que permite uma aproximação das teologias contextuais e, especificamente, da teologia da missão integral, não sem deixar de considerar a tarefa de uma ciberteologia, situada no ambiente dos nativos digitais. Baseada em sua concepção prática, a Missão Integral exige do teólogo o envolvimento no contexto para poder estar apto a produzir essa teologia – e, neste sentido, afirma Sanches (2016, p.23): “Falar da Missão Integral, nesta perspectiva, não torna alguém teólogo do movimento, é preciso fazer Missão Integral para produzir a teologia do Movimento a partir dele”. Por sua vez, a ciberteologia considera o ambiente como o novo lugar do encontro, superando as limitações espaço-temporais e ampliando o horizonte que podemos chamar de mundo.

Assim, o ciberespaço precisa ser habitado e pensado por cristãos que estejam dispostos a reconhecê-lo como lugar de missão e, mais radicalmente, um verdadeiro lugar teológico, segundo a força dinâmica (*dynaméis*) do Evangelho no sentido paulino do termo, para dizer, com o apóstolo das nações: “Eu não me envergonho do evangelho, ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1. 16).

À GUISA DE CONCLUSÃO ABERTA

Tendo como ponto de partida a TMI que, segundo a obra de René Padilla, (1) vislumbra o ser humano em todos os aspectos de sua vida, (2) dialoga com o contexto e (3) aplica à vida e ao contexto o Evangelho de Jesus Cristo. Enquanto teologia contextual dos anos 1970 com o foco na realidade latino-americana de então, a TMI não considerou – e nem poderia! – o ciberespaço. No entanto, precisamente por querer ser uma teologia de resposta às questões do contexto, em nossos dias, ela deverá levar em conta o ciberespaço em suas reflexões, tanto por ser um novo contexto quanto por ser parte de uma consideração integral, inclusive contexto mundial, sobretudo para as novas gerações.

Sabemos que o surgimento de novas tecnologias, novos saberes, novas possibilidades, é inerente à vocação humana, sempre fez parte da história da humanidade. E, atualmente, a grande rede digital é uma possibilidade de conexão de quase todo o planeta. Portanto, parece não haver outro caminho fora da grande rede para todos aqueles que buscam ser relevantes e participantes da sociedade contemporânea. As telecomunicações e todos os adventos da internet são inegáveis e até fundamentais para a inclusão de todos os recantos do mundo e todas as pessoas, tanto no primeiro quanto no terceiro mundo.

A Teologia da Missão Integral, como vimos, é uma proposta de seguimento do evangelho de Jesus Cristo, assumindo todas as dimensões da existência humana. Nesse passo, os conceitos de contextualização, integralidade e missão, fundamentais na TMI, foram decisivos para a nossa escolha dessa teologia como objeto de estudo e também para buscar a relação com esse novo ambiente de conexão de todos os seres humanos, no mundo inteiro. Essa extensão não garante a integralidade do ser humano, nem sequer de todos, mas coloca a questão de uma possibilidade real, jamais imaginada antes. Resta-nos o desafio de tornar esse “meio” tão potente e de capacidade praticamente “sem limites” a serviço da “finalidade” vislumbrada pela TMI, a saber, o ser humano em sua integralidade.

Porque, se por um lado, a TMI não poderia ter considerado o ciberespaço em seu contexto, por outro, ela não poderá desconsiderar a sua realidade no contexto atual, sobretudo se quiser, como pensamos ser indispensável atingir as jovens gerações de Nativos Digitais. A geração atual está marcada pela evolução tecnológica e a existência de um novo ambiente, cheio de muitos desafios, mas

também de novas possibilidades, torna-se uma tarefa para a reflexão teológica e a prática da evangelização. Não há como negar a relevância, abrangência e inserção do ciberespaço para a sociedade em geral e os jovens em particular. Estamos, portanto, diante de um caminho sem retorno, da ordem de uma revolução ou de um novo paradigma, como mostramos em nossa reflexão.

Os jovens que nasceram depois da década de 1980 estão todos e o tempo todo conectados na rede. Diante da missão de evangelizar os jovens de hoje, como é o caso da minha, estes em sua quase totalidade Nativos Digitais e, ao mesmo tempo, com o desejo de guardar as melhores lições da TMI, assumi esse duplo desafio na presente pesquisa.

Depois do percurso feito, chegamos às seguintes conclusões, embora cada uma delas indiquem o caminho de novas investigações:

1. A TMI, tal como René Padilla estruturou em seus livros e artigos, é um cumprimento da missão da igreja como comunidade enviada a uma realidade concreta, tendo como escopo o mundo e toda a realidade existente. Mas, isso faz com que cada novo desafio suscite uma nova tarefa, e a igreja precise, como comunidade teologal, buscar novos significados em um contexto de mudanças constantes. Reconhecemos, portanto uma pertinência da TMI e de seus princípios para outras épocas e contextos da evangelização cristã, à condição de repensar suas tarefas. Por isso, a TMI é pertinente para o ciberespaço.
2. O ciberespaço é uma realidade global e determinante de todos os contextos, seja em nosso continente ou em qualquer parte do mundo. Logo, em nome da dimensão prática de evangelização e missão, postuladas pela TMI, devem ser trabalhadas nesse novo contexto. Concluo que o ciberespaço deve ser, portanto, objeto da atuação da igreja por meio do evangelho de Jesus Cristo. Nesse sentido, é preciso haver o reconhecimento do ciberespaço como lugar privilegiado da missão cristã, no mundo atual e em nossos dias. A possibilidade de fazer teologia no ciberespaço é por meio da ciberteologia, que pode propor reflexões sobre a comunicação eficaz de Deus nesse ambiente. Frente a esse novo contexto existencial postulamos a necessidade dos teólogos refletirem sobre uma missão integral em pleno ciberespaço.

3. O novo ambiente é habitado pelos Nativos Digitais, que são praticamente todos jovens, mas também muitos adultos que já vivem neste novo ambiente. No futuro, essa realidade vai englobar toda a humanidade. Isso oferece não apenas questionamentos à missão cristã e ao modo de fazer teologia, mas também oportunidade para que se possam buscar meios de repensar Deus, as formas de evangelização e até mesmo a fé no ciberespaço. O que torna o ciberespaço como campo de missão é a existência de seres humanos que habitam e se relacionam nesse ambiente digital.
4. Por conta do apelo de atingir os Nativos Digitais em nossa missão evangelizadora, mostramos que não somente é possível, mas até urgente, relacionar a TMI e o ciberespaço. Como vimos, a TMI, em sua proposta inicial foi pensada para uma realidade da AL marcada pelo contexto dos anos 1970 e pertinente para responder às demandas de tal contexto, sobretudo diante do evangelismo e outras reduções na maneira de conceber o ser humano, segundo a missão e teologia tradicionais. A abordagem considerando os Nativos Digitais passa a ser uma exigência para uma teologia contextual, pois faz parte de seu percurso metodológico, notadamente o círculo hermenêutico que lhe é próprio. Segundo as características de um círculo hermenêutico, os pontos podem ser aplicados no ciberespaço para a evangelização dos nativos digitais, alcançando o jovem em sua integralidade (física, espiritual e digital). Isso ajudará também a ratificar o princípio protestante *Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est* (Igreja Reformada está sempre reformando), percebendo os processos históricos e revendo as práticas internas da igreja (SANCHES, 2016).
5. O contexto indica o caminho da questão sobre o lugar teológico. Por um lado, já apontado anteriormente, sobre a exigência do teólogo da TMI assumir o novo contexto como lugar teológico. Por outro lado, segundo a proposta de uma teologia do ciberespaço, característica decisiva do novo contexto mundial é pertinente considerar a ciberteologia como "a inteligência da fé à luz da lógica da rede", buscando perceber se a rede mudou a forma de pensar a fé. No entanto, a ciberteologia proposta não chega a considerar essa nova realidade como lugar teológico nem muito

menos explícita o seu sentido. Por isso, chegamos a postular o ciberespaço não apenas como lugar de missão, mas também como lugar teológico. Eis a nossa hipótese conclusiva, embora não a tenhamos desenvolvido inteiramente, ficando nossa conclusão aberta a posteriores reflexões. Importava, porém, levantar a questão até o fim, tirando as consequências de uma verdadeira teologia contextual que vai ao encontro do ser humano onde ele se encontra, que o abraça em sua integralidade e que assuma a tarefa arriscada de interpretar o cristianismo como boa nova aqui e agora.

Assim, uma teologia responsável não se contenta em propor novas interpretações da mensagem cristã. Ela leva a sério os sujeitos concretos da história e conduz a um “fazer”, quer dizer: uma certa transformação da prática das pessoas e das sociedades em vista do Reino que vem (GEFFRÉ, 2009, p.25).

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas, 2019.

ARAGÃO, Gilbraz. Culturas e religiões em diálogo a partir de Juan Luis Segundo. **Rever**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.34-49, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/viewFile/28431/19990>>. Acesso em: 26 maio 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTI, Robinson. **As origens do evangelicalismo**. 1998. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/253/as-origens-do-evangelicalismo>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.

DIGITAL, Redação Olhar. **Deep web: O que é, como entrar e o que acontece na parte sombria da internet**. 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/fique_seguro/noticia/deep-web-saiba-o-que-acontece-na-parte-obscura-da-internet/31120>. Acesso em: 18 mar. 2019.

_____. **A deep web volta a chamar a atenção: o que está escondido na parte obscura da internet?**. 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/fique_seguro/video/a-deep-web-volta-a-chamar-a-atencao-o-que-esta-escondido-na-parte-obscura-da-internet/81011>. Acesso em: 18 mar. 2019.

FONTES, Gabriela Scroczyński; GOMES, Icléia Rodrigues de Lima e. Cibercidades: as tecnologias de comunicação e a reconfiguração de práticas sociais; Cyberciudad. **Informação & Informação**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.60-76, 30 ago. 2013. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2013v18n2p60>.

GALILEU, Redação. **Mark Zuckerberg quer internet no mundo todo**. 2018. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI341443-17770,00-MARK+ZUCKERBERG+QUER+INTERNET+NO+MUNDO+TODO.html>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

GEFFRÉ, Claude. A teologia fundamental como hermenêutica. **O Risco da Interpretação: Uma homenagem a Claude Geffré**, Recife, v. 8, n. 2, p.9-33, jul – dez, 2009.

_____. **Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Missão Integral: a única missão.** São Paulo: Garimpo, 2015.

GRELLERT, Manfred. **Os compromissos da Missão.** 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

KELLER, Timothy. **Justiça Generosa: a graça de Deus e a justiça social.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

LEMOS, André (org). **Cibercidade.** As cidades na cibercultura., Editora e-papers, Rio de Janeiro, 2004, pp. 19-26.

_____. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão.** Razón y Palabra, López Mateos, v. 41, p.1-21, out. 2004. Bimensal.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura.** Aparecida: Ideias&letras, 2012.

MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NETO, Luis Longuini. **O novo rosto da missão.** Ultimato, Viçosa, 2002.

PACTO DE LAUSANNE. <http://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>, acesso em 05/06/2017, às 23h00'.

PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral.** 2014. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

_____. Rumo a uma hermenêutica contextual. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo: EST, v. 24, n. 3, p.225-249, 1984. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2473/pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.

_____. **Missão integral: o reino de Deus e a igreja.** Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

_____. **O que é missão integral?** Viçosa, MG. Ultimato, 2009.

_____; PINO, Carlos del. **Reino, Igreja e Missão**. Belo Horizonte: Missão Oriente, 1998.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: Entendendo a primeira geração de nativos digitais. São Paulo: Artmed, 2011.

PONTIFÍCIO Conselho para as comunicações sociais. **Igreja e internet**. 2002. Disponível

em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pc_cs_doc_20020228_churchinternet_po.html#OPORTUNIDADES%20E%20DESAFIOS>. Acesso em: 04 jul. 2019.

REDAÇÃO. **MP apura se massacre de Suzano foi incitado na deep web**. 2019. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/mp-apura-se-massacre-de-suzano-foi-incitado-na-deep-web/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

RICOEUR, Paul. **Do texto a acção**: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés, 1989.

RODRIGUES, Ricardo Gondim. **A Teologia da Missão integral**: Aproximação e impedimentos entre Evangélicos e Evangelicais. 2009. 161 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Humanidades e Direito, São Paulo.

SANCHES, Regina Fernandes. **Como fazer teologia da Missão Integral**. São Paulo: Garimpo, 2016.

_____. **Teologia da Missão Integral**: História e Método da Teologia Evangélica Latino Americana. São Paulo: Reflexão, 2009.

SANCHES, Sidney de Moraes. A teologia da missão integral como teologia evangélica contextual latinoamericana. **Caminhando**, São Paulo, v. 15, n. 1, p.65-85, 2010. Semestral. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/issue/view/144>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SESBOUE, Bernard; THEOBALD, Christoph. **História dos dogmas**: A palavra da salvação. TOMO 4. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SBARDELLOTTO, Moisés. **E o verbo se fez bit**: A comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Editora Santuário, 2012.

_____. **E o verbo se fez rede**: Religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Web 2.0**: Redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013.

VENTURA, Felipe. **Dona do Google transmite sinal de internet por 1.000 km usando balões**. 2018. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/259437/baloes-project-loon-1000-km/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Novos rumos de uma hermenêutica contextual: 35 anos de “rumo a uma hermenêutica contextual”, de C. R. Padilla. **Estudos Teológicos**, [s.l.], v. 57, n. 1, p.126-141, 6 jul. 2017. Faculdades EST. <http://dx.doi.org/10.22351/et.v57i1.2473>.